

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais



Dissertação

**COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS, REFORÇANDO AFETOS E
CONCRETIZANDO APRENDIZAGENS:
POTENCIALIDADES DAS ARTES VISUAIS IMPULSIONANDO CUIDADOS PARA
COM A VIDA.**

Berenice Knuth Bailfus

Pelotas, 2021

Berenice Knuth Bailfus

**COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS, REFORÇANDO AFETOS E
CONCRETIZANDO APRENDIZAGENS:
POTENCIALIDADES DAS ARTES VISUAIS IMPULSIONANDO CUIDADOS PARA
COM A VIDA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Mariza Mattos Brandão

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B153c Bailfus, Berenice Knuth

Compartilhando experiências estéticas, reforçando afetos e concretizando aprendizagens : potencialidades das artes visuais impulsionando cuidados para com a vida. / Berenice Knuth Bailfus ; Cláudia Mariza Mattos Brandão, orientadora. — Pelotas, 2021.

149 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Artes visuais. 2. Educação ambiental. 3. Projeto Minijardim. 4. Autopoiesis. 5. Educação. I. Brandão, Cláudia Mariza Mattos, orient. II. Título.

CDD : 701

Berenice Knuth Bailfus

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS, REFORÇANDO AFETOS E
CONCRETIZANDO APRENDIZAGENS: POTENCIALIDADES DAS ARTES VISUAIS
IMPULSIONANDO CUIDADOS PARA COM A VIDA.

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Qualificação: 26 de novembro de 2021

Banca Examinadora:

.....
Prof.^a Dr.^a Cláudia Mariza Mattos Brandão (Orientadora e presidente da banca)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

.....
Prof.^o Dr.^o Claudio Tarouco de Azevedo
Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande

.....
Prof.^a Dr.^a Gabriela Canale Miola
Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo

.....
Prof.^a Dr.^a Narjara Mendes Garcia
Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. *This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001*”

Agradeço em primeiro momento aos meus professores, pelo conhecimento compartilhado nestes anos de pesquisa, em especial a minha orientadora Cláudia Brandão por todo suporte e conhecimento direcionado.

Aos meus familiares por todo apoio nesta escrita, ganhando destaque meu companheiro Damasio e minhas irmãs Clenice e Tainá.

Também me estendo aos meus amigos, em especial à Dhara Carrara, pelas horas de estudos, trocas intelectuais e todo apoio disponibilizado.

Não menos importante, estendo aos meus filhos/gatos, que me fizeram companhia em quase todos os momentos da escrita, compartilhando trocas afetivas. E com o coração cheio de gratidão, aos membros da minha banca avaliadora, que se disponibilizaram a me auxiliar e participar da minha caminhada cognitiva.

Resumo

BAILFUS, Berenice Knuth. **Compartilhando experiências estéticas, reforçando afetos e concretizando aprendizagens:** Potencialidades das Artes Visuais impulsionando cuidados para com a vida. 2021. 149f. Dissertação do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Esta dissertação se debruça sobre as Artes Visuais como promotoras de olhares atentos e cuidadosos para com o meio ambiente e, nesse sentido, indaga sobre a imbricação entre Artes Visuais, memórias, vivências e autoformação como colaboradoras do referido processo. A justificativa parte da reflexão acerca do déficit de natureza caracterizado como um abismo/distanciamento entre o sujeito e o meio natural, uma consequência da formação das subjetividades em meio à correria do mundo contemporâneo capitalista, desconsiderando práticas de cuidado relacionadas ao contexto vivencial. Os objetivos específicos se debruçam sobre os seguintes pontos: discutir sobre a problemática ambiental contemporânea pelo viés das Artes Visuais; refletir sobre as ações do projeto de extensão Minijardim; problematizar as inter-relações entre as Artes Visuais, Pedagogia Waldorf e a promoção da autopoieses; apontar ações realizadas por artistas e ativistas engajadas na problemática ambiental; problematizando a situação atual do Brasil no contexto preservação ambiental. O texto também aborda a prática de artistas focados nos cuidados com o planeta, discorrendo sobre suas poéticas. No decorrer da escrita são considerados os efeitos da pandemia da COVID-19, como pano de fundo para a investigação desenvolvida. São destacadas as práticas do Projeto Minijardim - vinculado as disciplinas de Cerâmica do Centro de Artes (UFPel), que envolve cerâmica, plantas e relações afetivas, destacando oficinas que possuem o viés de cuidado para com a vida, o meio e o outro, atividades que estruturam o processo autoformativo da pesquisadora. Nesse sentido, é abordada a pedagogia Waldorf em diálogo com o conceito de autopoiesis, argumentando em prol da educação em Artes Visuais para alcançar os objetivos pretendidos. Para fomentar a escrita, são abordados principalmente autores como Richard Louv (2014), Félix Guattari (2011) e Buyung-Chul Han (2016), além de Humberto Maturana (1997) e Marie-Christine Josso (2004) que estruturam a discussão sobre os processos autoformativos e autopoieticos. Também se recorre a Hundertwasser abordando a “teoria das cinco peles” e suas teorias ambientais, e a Gaston Bachelard (1993). A pesquisa é qualitativa e apresenta uma metodologia baseada no memorial descritivo e autoformação da autora e, conta com entrevistas semiestruturadas realizadas com membros do Projeto Minijardim e com a coordenadora do Jardim de Infância Guayí Mirim da cidade de Pelotas, assim como, por meio da sua prática artística procura dar visibilidade às questões relacionadas à Educação Ambiental. Os resultados das análises desenvolvidas indicam que por meio das Artes, é possível problematizar temas urgentes, como a sobrevivência das vidas perante o planeta, por meio de práticas educacionais.

Palavras-Chave: Artes Visuais; Educação Ambiental; Projeto Minijardim; Autopoiesis; Educação.

Abstract

BAILFUS, Berenice Knuth. **Sharing aesthetic experiences, reinforcing affections and materializing learning: Potential of Visual Arts boosting care for life.** 2021. 149p. Dissertation of the Postgraduate Program (Masters) in Visual Arts, Center for Arts, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This dissertation focuses on the Visual Arts as promoters of attentive and careful looks towards the environment and, in this sense, investigates the overlap between Visual Arts, memories, experiences and self-training as collaborators in that process. The justification comes from the reflection on the nature deficit characterized as an abyss/distance between the subject and the natural environment, a consequence of the formation of subjectivities amidst the rush of the contemporary capitalist world, disregarding care practices related to the living context. The specific objectives focus on the following points: to discuss contemporary environmental issues from the perspective of Visual Arts; reflect on the actions of the Minijardim extension project; problematize the interrelationships between the Visual Arts, Waldorf Pedagogy and the promotion of autopoiesis; point out actions carried out by artists and activists engaged in environmental issues; problematizing the current situation of Brazil in the context of environmental preservation. The text also addresses the practice of artists focused on caring for the planet, discussing their poetics. During the writing, the effects of the COVID-19 pandemic are considered, as a background for the research carried out. The practices of the Mini Garden Project are highlighted - linked to the Ceramics disciplines of the Arts Center (UFPe), which involves ceramics, plants and emotional relationships, highlighting workshops that have the bias of caring for life, the environment and the other, activities that structure the researcher's self-training process. In this sense, Waldorf pedagogy is approached in dialogue with the concept of autopoiesis, arguing in favor of education in Visual Arts to achieve the intended goals. To encourage writing, authors such as Richard Louv (2014), Félix Guattari (2011) and Buyung-Chul Han (2016), as well as Humberto Maturana (1997) and Marie-Christine Josso (2004), who structure the discussion on the autoformative and autopoietic processes. It also resorts to Hundertwasser approaching the "theory of the five skins" and his environmental theories, and to Gaston Bachelard (1993). The research is qualitative and presents a methodology based on the author's descriptive memorandum and self-training, it has interviews with members of the Minijardim Project and the coordinator of the Guayí Mirim Kindergarten in the city of Pelotas, as well as through her artistic practice. seeks to give visibility to issues related to the Environment Education. The results of the developed analyzes indicate that through the Arts, it is possible to problematize urgent themes, such as the survival of lives on the planet, through educational practices.

Keywords: Visual arts; Environmental Education; Mini Garden; Education; Autopoiesis.

Lista de Figuras

Figura 1 - Hundertwasser , <i>Espiral das cinco peles</i> , desenho, 1972	24
Figura 2 - Agência Espacial Europeia , <i>Imagens de Satélite dos canais de Veneza</i> , fotografia, 2019-2020	30
Figura 3 - Folha Uol , <i>Animais em Veneza</i> , fotografia, 2020	31
Figura 4 – Andrea Pattaro/AFP , <i>Canais de Veneza</i> , fotografia, 2020	32
Figura 5 - Christopher Furlong; Mohd Zakir , <i>Animais nos grandes centros urbanos</i> , fotografia, 2020	33
Figura 6 - Frans Post , <i>Panorama Brasileiro</i> , óleo sobre tela, 282.50 x 210.50 cm, 1652.	37
Figura 7 - Albert Eckout , <i>Mulher Tupi</i> , óleo sobre tela, 274x163 cm, 1641	39
Figura 8 - Franz Krajcberg , <i>Flor do mangue</i> , escultura em madeira, 300 x 900 cm, 1970	42
Figura 9 - Hundertwasser , <i>Casa Hundertwasser</i> , habitação social da câmara de Viena	48
Figura 10 - Berenice Bailfus , <i>Minha Janela</i> , fotografia, 2020	50
Figura 11 - Hundertwasser , <i>A natureza livre é a nossa liberdade</i> , cartaz, 1984.....	51
Figura 12 - Dalva Lopes , <i>Membros do Grupo Minijardim</i> , fotografia, 2019.	54
Figura 13 - Berenice Bailfus , <i>Oficina de troca de mudas</i> , fotografia, 2019.	55
Figura 14 - Dalva Lopes , <i>Oficina de Terrários em vidros</i> , fotografia, 2017.	56
Figura 15 - Sônia Gamino , <i>Oficina de esmalte de cinza</i> , fotografia, 2019.	57
Figura 16 - Grupo Minijardim , <i>Oficina de Kokedama</i> , fotografia, 2019	57
Figura 17 - Dalva Lopes , <i>Suportes caricatos</i> , fotografia, 2018.....	58
Figura 18 - Rejane Brayer , <i>Exposição Minijardins 2014</i> , fotografia, 2014.....	61
Figura 19 - Dalva Lopes , <i>Cartaz da Exposição Minijardim 2016</i> , fotografia, 2016 ...	62
Figura 20 - Berenice Bailfus , <i>Exposição Mini Jardins 2017</i> , fotografia, 2017.....	63
Figura 21 - Berenice Bailfus , <i>Peças de cerâmica</i> , fotografia, 2019.....	65
Figura 22 - Berenice Bailfus , <i>obras expostas na Exposição Minijardim 2020</i> , fotografia, 2020.	67
Figura 23 - Berenice Bailfus , <i>Zona rural</i> , fotografia, 2019.....	70
Figura 24 - <i>Imagens das crianças na Guayí Mirim</i>	83
Figura 25 - Berenice Bailfus , <i>Coleção pessoal</i> , fotografia, 2021.....	90
Figura 26 - Berenice Bailfus , <i>Mapa poético</i> , múltiplas linguagens, 2019	92

Figura 27 - Berenice Bailfus , <i>Sem Título</i> , Aquarela, A4, 2021/1	93
Figura 28 - Berenice Bailfus , <i>Sem Título</i> , Aquarela, A4, 2021/1	94
Figura 29 - Berenice Bailfus , <i>Obras da Exposição Ninhos, Conchas e Outras Redondices</i> , fotografia, 2021.....	95
Figura 30 - Jaidel Esbel , <i>Obra Entidades</i> , instalação, 2021	101
Figura 31 - Mogaje Guihu (Abel Rodríguez) , <i>Sem Título</i> , desenho, 2021	102

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1 QUESTÕES AMBIENTAIS: ENREDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS	28
1.1 A natureza frente à Pandemia do Coronavírus: Formas fugazes de retorno a espaços de impedimento	29
1.2 A exploração do Brasil: O que os artistas têm a ver com isso?.....	34
1.3 Princípio da natureza: Entre desequilíbrios e reconexões poéticas-vitais	43
2 AS PLANTAS, A ARGILA E O PROJETO MINIJARDIM, UMA PROPOSTA SUSTENTÁVEL ALIADA AO TEMPO E ÀS TROCAS AFETIVAS	53
2.1 Os pilares do projeto e suas práticas	54
2.2 Os mini jardins e suas apresentações.....	59
2.3 Encontros para além do CA, considerando a presença da natureza e o conceito de autopoieses	69
2.4 O contato com o barro e os proventos que ele emerge na vida, no corpo e nas relações dos membros do Minijardim	71
3 FORMAÇÃO LIVRE DIÁLOGANDO COM A AUTOPOIESIS	76
3.1 Práticas da Pedagogia Waldorf no Jardim de Infância Guayí Mirim.....	76
3.2 Autoformação e Autopoiesis de uma cidadã/professora/artista.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICE	112
Apêndice A – Entrevista com membro 1 do Grupo Minijardim - 2020	113
Apêndice B – Entrevista com membro 2 do Grupo Minijardim - 2020	114
Apêndice C – Entrevista com membro 3 do Grupo Minijardim - 2020.....	115
Apêndice D – Entrevista com membro 4 do Grupo Minijardim - 2020.....	116
Apêndice E – Entrevista com Junelise Pequeno Martino	117
Apêndice F – Entrevista com membro 1 do Grupo Minijardim - 2021	142
Apêndice G – Entrevista com membro 2 do Grupo Minijardim - 2021.....	143
Apêndice H – Entrevista com membro 3 do Grupo Minijardim - 2021.....	144

Apêndice I – Entrevista com membro 4 do Grupo Minijardim - 2021	145
Apêndice J – Entrevista com membro 5 do Grupo Minijardim - 2021.....	146
Apêndice K – Entrevista com membro 6 do Grupo Minijardim - 2021	147
Apêndice L – Entrevista com membro 7 do Grupo Minijardim - 2021	149

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado tem sua inspiração na minha infância, que se passou na zona rural de Pelotas. Ela se aprofunda a cada leitura que realizo e passos que dou em direção ao conhecimento. Mestranda em Artes Visuais na linha “Educação em Artes e Processos de Formação Estética”, do PPG Mestrado em Artes Visuais, do Centro de Artes (UFPel), bolsista Capes/CNPq1 e pesquisadora do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), encontrei por meio destas possibilidades meios de continuar e aperfeiçoar a minha pesquisa, que venho desenvolvendo desde a graduação em Artes Visuais.

Para facilitar na compreensão da escolha do tema, irei contar um pouco da minha história de vida e dos percursos passados que se mantêm, para assim, avançar em conhecimento e tornar o mundo o mais consciente e saudável possível para se viver. E para isso, vou falar do meu contato com a natureza e com a cerâmica, pois estas duas justificam em muito as escolhas que fiz. Pois bem, meu contato com cerâmica e com a natureza começou em Monte Bonito, 9º Distrito de Pelotas (RS). Esta região é localizada na zona rural e fica há uns 25 km de Pelotas. Neste lugar morei durante toda minha infância e parte da vida adulta, ou seja, o contato com a natureza e com a cerâmica sempre fez parte da minha rotina, pois a região era repleta de olarias e o verde ainda é bastante abundante na região.

Desde criança, frequentei as olarias com meu pai, que por sinal tirava desses espaços o sustento da família. Na região de Monte Bonito existe até hoje um número significativo de olarias, comparado aos distritos que por ali fazem divisa, que por sua vez, se tornam uma das poucas opções de trabalho para os moradores, além da agricultura familiar.

Meu pai começou cedo na lida em olarias, por não ter tido oportunidade de acesso ao conhecimento, lhe sobrando o árduo trabalho braçal. Desde muito pequenos, eu e meus irmãos nos revezávamos em levar o café para ele neste espaço. E com isso, eu tive contato e adquiri conhecimentos sobre os processos de transformação da argila em tijolos.

Eu geralmente levava o café no período da manhã. E o caminho que eu trilhava era em meio a um imenso campo, pois eu usava um atalho, já que a estrada principal

¹ Vigência da bolsa: abril de 2020 a junho de 2021.

de acesso era muito longa e cansativa. Eu amava fazer este trajeto, pois ele tinha diversos atrativos. Lembro da mãe me dizendo para me cuidar para não me distrair muito no caminho, pois o café deveria chegar antes das nove horas da manhã. Eu ia observando coisas para brincar e me distrair no entorno, como goiabas maduras, pitangas, butiás, araçás, lugares para brincar, lugares com água para saltar, ninhos de pássaros para analisar, plantas que me instigavam, dentre tantas outras belezas que a natureza oferecia por ali.

Era sempre uma festa cumprir esta tarefa que me fora determinada, pois eu gostava de estar na natureza e ela me ensinava através de seus ciclos, bastava um olhar atento sobre os seus detalhes para compreender o processo de desenvolvimento dos pássaros, que é algo que me instiga muito até hoje. E quero aqui citar alguns exemplos que irão facilitar a compreensão do meu entendimento.

Do casal de João-de-Barro ainda me lembro com muitos detalhes. Primeiro se percebia que eles estavam escolhendo o local para construir sua casa, depois sobrevoavam muito sobre determinada árvore, em seguida começavam o longo processo de construção da base de barro, que crescia um pouco a cada entrega de café. As cores das camadas de barro ficavam visíveis diferenciando os dias, e com o passar do tempo a casa ia pegando forma e se concretizando. Como parte final do abrigo, os pássaros se revezavam em trazer as palhas para formar o ninho, e logo a fêmea colocava os ovos, chocava e os filhotes descascavam. Depois tinha todo o processo de alimentar os bichinhos, que se desenvolviam, criavam penas e viravam adultos, para então começar um novo ciclo da vida silvestre.

Eu sintetizei o processo descrito, pois ele é bem mais demorado, e com isso se transforma num aprendizado, pois se reforça a cada dia, em cada ação e modificação que sofre. Eu aprendia na prática e no contato diário com a natureza a querer cuidar e ter respeito por ela, por tudo que a compõem pela complexidade ali existente. E por não achar que a minha casa terminava onde tinham os moirões e arames, entendia que tudo fazia parte e se conectava, reforçando a ideia do cuidado para além do espaço habitado.

Outro exemplo são as goiabas nos pés das árvores, que pedia uma atenção para o processo lento que as frutas deveriam percorrer até chegar ao fruto final, quando então eu poderia comê-lo, e eu tinha plena consciência disso, pois estava atenta a cada fase. Primeiro de tudo, vinha à primavera com brotos e flores, que

exalavam perfumes maravilhosos, e era muito gratificante observar cada etapa. Logo que passava o quente verão, já se podiam avistar as frutinhas em pleno desenvolvimento e prestes a ser degustadas, pois no outono elas ficam “prontas”. Era preciso passar por todo processo de sol, chuva, vento, umidade, tempo e insetos para a conclusão, e a espera era gratificante, pois só eu sei quantas descidas e subidas até a olaria eu fazia até elas estarem prontas para eu saboreá-las.

O observar é um aprendizado sólido que se perpetua e nos transforma enquanto sujeitos. Jamais olhei a goiaba como uma fruta a mais no mercado, mais uma mercadoria, eu a olho respeitando o seu processo vital até chegar na prateleira. A observação diária do desenvolvimento das frutas, despertou em mim a percepção sensível e o respeito ao seu desenvolvimento, transformando à minha maneira de olhar e compreender as coisas.

Outro exemplo que gosto de destacar da minha vivência em meio à natureza é a grande quantidade de espécies de árvores presentes no caminho da olaria, cada uma possuía um papel muito importante para manter o equilíbrio daquele local. Eu achava importante saber e não esquecer o nome de cada uma delas e suas funções. Vou citar algumas que recorro no decorrer do meu caminho: de início eu atravessava o mato de eucaliptos, eram árvores imensas que serviam de abrigo para os gigantescos ninhos de caturritas e suas flores deixavam as abelhas em constante movimento na primavera. Hoje sei que elas prejudicam o solo por retirarem dele uma imensa quantidade de água, além de prejudicarem o desenvolvimento das plantas nativas, mas eu analisava pelos olhos de uma criança. Logo vinha o capim alto que se distribuía em alecrim e faxina, o alecrim usávamos para temperos e a faxina para fazer vassoura para varrer o pátio. Em seguida vinha a moita de erva santa, onde as folhas eram usadas para chá na função do trato urinário, estômago. Logo tinha a moita de ibira, suas fibras são ótimas para fazer amarrações, cordas naturais, por conta da sua imensa resistência. Com mais uns passos e já se podia identificar o pé de butiá que produzia uma frutinha muito docinha. Avistava as carquejas e as macelas que liberavam um cheiro muito gostoso que se misturavam com as outras ervas no campo. Estas duas plantas eram boas para curar problemas gástricos também. Ainda faltando uma boa parte do caminho para chegar à olaria, me chamava a atenção a pitangueira, está eu adorava, pois tinha diversos fatores que me faziam dedicar um bom tempo para ela, pois ali era um lugar precioso, era a morada dos sabiás. Esses pássaros

faziam ninhos baixos e eu simplesmente amava acompanhar o desenvolvimento dos filhotes, eles sempre faziam ninhos nesta pitangueira. Também tinham as pitangas com as quais me deliciava, e ficava com as mãos e boca pigmentada em tons de roxo. Este espaço era um local de muita atenção, pois as cobras descansavam nos galhos e eu não queria atrapalhar seu descanso, então, cada movimento era planejado.

Seguindo vinham as barreiras, local onde os trabalhadores das olarias retiravam o barro para fabricar os tijolos. A grande maioria já havia sido desativada e a natureza tentava de uma forma muito lenta recuperar aqueles espaços. Primeiro se formavam grandes poças de águas, as quais eu adorava saltar lá, até mesmo no inverno. Esse amontoado de grandes buracos pontuava o meu caminho até a olaria. O que me deixava feliz em meio a tantos buracos, era de ver que essa junção ia liberando água e aos poucos formavam uma cascatinha na própria desproporção das barreiras que iam se fortalecendo pelo caminho que, por fim, se juntava com a água oriunda do mesmo processo que vinha pelo outro lado formando uma sanga (um pequeno riacho).

Em meio a estes buracos, ficou uma ilha com pedras e com algumas árvores, esta tinha em torno de três pés de ameixas amarelas, frutas que eu saboreava ali no pé mesmo e as folhas eu levava para fazer um chá com cravo e canela. Estas árvores realizavam, assim como os eucaliptos, um papel de psicólogos para mim, eu subia nelas e contava todas as minhas frustrações, tristezas e também as partes boas da minha vida. Adquiri esse hábito e até hoje converso com as plantas sobre as coisas da vida. Quando estou com as plantas me desconecto de tudo ao meu redor e dirijo toda a minha atenção para elas, pois existe uma troca muito grande neste contato e eu saio fortalecida para encarar a selva de pedra que me espera cotidianamente. Cultivar mais de cem espécies de plantas em um apartamento foi a forma que eu encontrei para me manter conectada com a minha infância e com as minhas memórias dentro das limitações de morar na cidade.

Seguindo o trajeto, tinha a primeira olaria, que não era a que o pai trabalhava, e ao levantar o olhar, havia uma outra que estava em ruínas mais no alto do monte, pois havia sido abandonada. Geralmente quando o barro bom vai ficando escasso, os proprietários arrendam outras terras para continuar a exploração. E as esgotadas são deixadas sem nenhuma reparação e a natureza tenta recriar a vida e se reconstituir a partir das sobras. É um processo muito longo e jamais volta a ser igual. Mas eu criança

me perdia olhando o lugar, localizado no imenso banhado, que havia sido barreira há muitos anos atrás.

Esse banhado era repleto de junco, taboa e outras plantas que se adaptam bem ao solo encharcado. Ali habitavam diversas espécies de aves, sapos, insetos, entre outros. O som oriundo desse lugar era divino, gerava arrepios, pois ali tinha sinal de vida. Do banhado surgia uma nova sanga que passava atrás da olaria onde o pai trabalhava e se juntava com a outra já mencionada. Enfim, o café chegou antes das nove horas na olaria, e eu não levei bronca.

A olaria era lugar de trabalho árduo, sofrido e mal remunerado. Ali aprendi todos os processos do barro até se tornar tijolo ou peça de cerâmica, pois o processo é o mesmo. Vou detalhar como funciona porque acredito ser necessário para facilitar na compreensão. Primeiro se deve encontrar o local de escavada do barro em meio ao imenso campo, isso acontece cavando pequenos buracos no solo. Após encontrar o barro com a espessura e maleabilidade boa, começam as escavações que futuramente se tornam barreiras. Que se caracterizam por vezes, em imensos paredões a céu aberto. Em muitas olarias modernas se usa maquinários para a escavação, mas em Monte Bonito, era um trabalho braçal e era feito com a ferramenta chamada enxadão.

Logo depois de um longo período cavando, o barro era levado até a olaria por um caminhão muito velho. E a sova, molde e corte do barro era realizado por uma máquina elétrica, na qual os homens colocavam o barro com uma pá na parte superior e, por meio de um motor potente, girava e saía na boquilha na parte inferior, sovado, moldado e pronto para o corte, que era um processo manual. Um homem cortava e outros colocavam nos carros de madeira que eram conduzidos e estendidos (colocados alinhados um do lado do outro) dentro dos imensos galpões. Eram espaços cobertos por telhas e abertos nas laterais, para que o tijolo pudesse secar durante uma semana contando com a contribuição do tempo. Logo eram levados para outra grande dependência chamada forno.

O forno era coberto por telhas e a parte da frente era sempre aberta e só era fechada em formato de parede após todos os tijolos estarem colocados em camadas enfileiradas e prontos para a queima. Eram centenas de tijolos acomodados ali dentro. Geralmente, todo esse trabalho levava bastante tempo e as queimas eram feitas nos finais de semana. Meu pai sempre realizava este procedimento. O forno ficava mais

de 24 horas queimando e para não perder a elevada temperatura, era necessário alimentar o fogo com lenhas. Eram cinco bocas que deveriam estar em constante queima. As lenhas mais utilizadas eram oriundas da árvore de eucalipto. Eu ajudava meu pai, assim como minhas irmãs, a cuidar do forno. Enquanto um dormia o outro cuidava o fogo.

Então eu ficava sentada sobre a imensa pilha de lenha assistindo o fogo consumir a madeira e pensando que um dia ela havia sido uma morada de pássaros. Enfim, a fornada estava pronta e depois da queima, era preciso tirar a capa (camada de tijolos que era colocada para não pigmentar os tijolos com os tons oriundos da fumaça). Os tijolos deveriam esfriar para desenformar e serem disponibilizados para a venda. Eu aprendi tudo isso nas idas cotidianas à olaria e também pelas falas do meu pai em casa. Aprendi unindo a prática à teoria.

Sobre a olaria em si, eu gostava de ficar naquele lugar, o cheiro me instigava, e o barro se apresentava de diversas formas, desde a matéria bruta ao objeto final. Aquele contato ativava o meu potencial criativo, gostava de criar pequenas peças em argila. Meu pai separava um barro já processado que caía por uma falha da máquina e me dava para criar algo.

Eu criança, não tinha referências da Arte, apenas criava a partir das minhas referências, que eram em sua maior parte oriundas da natureza. Então, eu criava pequenos ninhos de beija-flor com seus minúsculos ovinhos, fazia diversos deles, pois tinham vários espalhados pelos galpões a me inspirar. Também criava bustos de pessoas e alguns utensílios. Por ali me perdia, e só retornava quando o pai me dizia para voltar para casa, para fazer o tema, pois tinha aula no período da tarde.

Então eu partia, tinha um vasto caminho pela frente, cheio de natureza, com lugares para visitar, pequenos lagos para saltar, árvores para conversar, frutas para saborear, ninhos para observar, plantas para relembrar o nome e sua função. Era muito longo este retorno e muitas vezes meu relógio biológico se perdia e eu retornava quase junto com o pai para casa, pois ele estava indo para o almoço. Minha mãe sabia que eu estava fazendo minhas coisas no campo e não se preocupava, não havia perigo. Foi ela quem me ensinou ser assim, a perder-me em meio a natureza, pois fazíamos isso juntas muitas vezes.

Por fim, fazia o tema e ia para a escola, o que no começo eu não gostava muito, já que tinha que ficar sentada em uma cadeira dura, em silêncio a tarde toda. Mas comecei a gostar a partir do interesse pelo desenho, que me alegrava.

Na escola, tive várias disciplinas relevantes, que me estimularam a refletir sobre a realidade vivenciada. Aprendi a questionar as coisas, a pobreza, a falta de cuidado com o meio ambiente, e aprendi que a arte é muito potente. Descobri que ela nos permite achar respostas e meios de questionar o mundo, além de nos proporcionar a experiência estética, que nos faz refletir sobre o que nos instiga, nos permitindo pensar e ter sensações a partir de uma experiência.

Ao término do período escolar, fiquei por muito tempo afastada dos estudos, migrando para a cidade de Pelotas. Trabalhei em diversos setores e ficava sempre incomodada com todos, pois sempre lembrava a mais valia, que aprendi na escola e concluía que estava desperdiçando meu tempo, pois sempre quis ser professora de Artes. Entretanto, a distância entre a realidade e o curso era longa para quem não possui recursos. Fiquei por dez anos afastada do ambiente de ensino, mas retornei assim que consegui.

Foi na universidade, no curso de Artes Visuais–Licenciatura, que eu amadureci e percebi que era possível alinhar o que eu já gostava com o as instigações do meio. Lembro da disciplina de Introdução à Cerâmica, ministrada pela professora Ana Paula Barbosa, de como foi mágico entrar no Ateliê de Cerâmica. Retornei à minha infância, revisei memórias e o cheiro era o mesmo da olaria, foi uma experiência estética que vivenciei ali, pois as minhas palavras não dão conta de explicar as sensações proporcionadas por este contato. Foi nesse espaço tão especial onde conheci o projeto Minijardim, do qual sou membro ativo até hoje, e para o qual reservei um capítulo desta dissertação.

Logo cursei as disciplinas de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais I e II e Artes Visuais na Educação II e III, ministradas pela professora Cláudia Brandão, e com elas me completei e me encontrei no curso. Nessas aulas, somos instigados a pensar e refletir sobre tudo que nos é imposto pela sociedade, falamos do ensino da Arte, de comportamentos, reflexão, aguçamos o olhar atento e abordamos cuidados com o meio ambiente. Ali identifiquei a possibilidade de relacionar preocupações que me despertam com o ensino das Artes Visuais. E foi assim que segui e cheguei nesta dissertação.

Já no mestrado, entrei para o PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). Neste grupo nos encontramos semanalmente para discutir questões pertinentes à fotografia e às imagens, buscando relacionar com as pesquisas particulares de cada integrante, pois somos instigados a pensar e refletir sobre os textos e os materiais abordados pelo viés de cada tema. Isso enriquece muito a construção do nosso saber, pois ativa questões que antes ficavam adormecidas e nos fomenta a ir em busca de mais conteúdo, complementando a nossa fome de conhecimento. Ter contato com o grupo e com materiais de extrema importância para discutirmos sobre ações num mundo contemporâneo capitalista nos fortaleceu muito neste tempo triste que estamos atravessando.

No começo, a pandemia do COVID – 19 parou o mundo, desacelerou e desarticulou o sistema capitalista que vivemos. Não sabemos quando ela vai acabar, pois ainda não temos a vacina. Então eu tento ver algo positivo em meio a este imenso caos que estamos atravessando já há alguns meses. Penso pelo viés da natureza, que com a desaceleração do movimento dos carros, do barulho das máquinas, entre outras questões que movimentam o sistema capitalista, está lentamente tentando assumir os espaços e as brechas deixadas pela humanidade. Temos vários exemplos de animais retornando (pois já era deles e nós nos apossamos) para canais, praças, centros, entre outros.

Eu abordo o tema para instigar a reflexão sobre a nossa ganância e desejo de habitar e explorar todos os espaços possíveis, com o intuito de provocar um pensar sobre a necessidade do cuidado com a natureza. Quero também ativar um olhar atento para estas questões, um que não seja aquele que vê a natureza como sinônimo de geração de capital, sim, um que a perceba como elemento vivo e complexo, que precisa ser cuidado e respeitado. A natureza clama diariamente por atenção e proteção, e espero que esta pesquisa seja um exemplo de atitudes na área das Artes Visuais para acolher e tentar salvar as vidas existentes no planeta Terra.

Escrevi este pequeno relato sobre a minha infância, para que possam entender que a minha relação com os temas da pesquisa é profunda e intrínseca, e isso provavelmente transbordará a escrita acadêmica. Tendo, portanto, as motivações que apresentei acima, a investigação está pautada na seguinte questão de pesquisa: **Será possível, por meio das Artes Visuais, problematizar memórias, vivências e**

autoformação mantendo a atenção na relação do ensino das Artes com os cuidados com o planeta?

Movida por melhores condições de vida, deixei a zona rural e migrei para a cidade na tentativa de melhora financeira e na busca pelos estudos. Abandonei o contato diário com a natureza, o ar puro, o canto dos pássaros, os riachos, visto que no espaço urbano esse contato mais direto fica restrito a parques. Em Monte Bonito era mais fácil de perceber a sua presença, pois ela estava latente em tudo que eu fazia, eu sentia a plenitude da sua presença. No começo foi muito difícil e ainda hoje o é, pois, a ausência da sua abundante presença me incomoda permanentemente. Quando abro a janela, não vejo mais árvores e pássaros, sim, um prédio imenso que não me permite ver o sol nascer e nem se pôr no horizonte, apenas paredes e telhados e o barulho que escuto é proveniente do som de máquinas e carros. Quando está muito quente, não tenho mais o riacho com uma camada de vegetação em volta que permite diminuir drasticamente a temperatura e me refrescar. Tenho, sim, uma lagoa contaminada de esgoto que não ameniza a sensação térmica. Pela manhã não tenho mais o cheiro do orvalho das plantas e sim cheiro de combustível queimado que só prejudica a qualidade de vida que temos.

E mergulhada nesse contexto tão diferente do da minha infância, me pego pensando, como mudar isso no contexto geral, tendo pessoas alienadas pelo sistema e com fome de consumo? Como eu, refletindo sobre tudo que já vivi, posso mostrar aos outros que é possível viver de modo mais saudável e agradável, e que um outro mundo é possível? E a resposta que sempre surge é que por meio da Educação em Artes eu posso melhorar a saúde do planeta, com ela eu posso encontrar aliados na luta por um mundo menos consumista, com um olhar atento para as questões ambientais. Percebo que o contato com a natureza é cada vez mais ausente na vida dos sujeitos, e somente esse contato real é capaz de ativar em nós o sentimento de proteção e de cuidado. Isso desencadeia um olhar mais atento para com o outro e a tudo o que nos rodeia, afinal, nossa casa não termina na porta do meu apartamento, nossa casa é tudo o que nos cerca.

Nesse sentido, o objetivo geral pauta-se em problematizar memórias e vivências na promoção de processos de autoformação, relacionando significativamente a arte/educação aos cuidados em prol da preservação da vida.

São objetivos específicos da investigação:

- Discutir sobre a problemática ambiental contemporânea pelo viés das Artes Visuais;
- Refletir sobre as ações do projeto de extensão Minijardim;
- Problematizar as inter-relações entre as Artes Visuais, Pedagogia Waldorf e a promoção da autopoieses;
- Apontar ações realizadas por artistas e ativistas engajadas na problemática ambiental.

O termo autopoiese foi proposto pelos biólogos Humberto Maturana (1974) para a designação de sistemas organizados autossuficientes, que produzem e reciclam os seus próprios componentes, diferenciando-se do meio exterior. Logo, a ideia que norteia o conceito é a de que os seres vivos se autorregulam, pois produzem a matéria prima que constrói a eles mesmos, destacando que não são independentes do mundo externo. O processo de autopoiese pressupõe uma reconstrução poética do ser humano unindo ética e estética, na consideração das constituições prévias dos envolvidos, dando a ver a vida em sua complexidade e coletividade.

A justificativa desta pesquisa parte da reflexão de que o “déficit de natureza”, que se caracteriza como um abismo/distanciamento que se formou entre o sujeito e a natureza (LOUV, 2014), surge como consequência da formação das subjetividades em meio à correria do mundo contemporâneo capitalista, cuja ideologia prima pelo lucro, a exibição e a rapidez, desconsiderando a fundamental importância do autoconhecimento, da relação afetiva entre os sujeitos e o respeito para com o meio. E tal argumentação se fundamenta em minhas próprias vivências, configurando uma pesquisa também calcada na história de vida e na formação experiencial (JOSSO, 2004) e no “caminhar para si” (JOSSO, 2010). Segundo a autora, colocar em uma narrativa a evolução de um diálogo interior consigo mesmo sob uma forma de um percurso de conhecimento e das transformações do sujeito, descobrindo que as memórias podem se alargar em tempo real e tornar muita rica nossas experiências.

Richard Louv, em “O princípio da natureza” e “A última criança na natureza” (2014), nos ajuda a entender os danos que a falta de contato com as coisas naturais provoca na formação humana. Os sujeitos estão cada vez mais conectados com atividades oriundas dos meios de comunicação como celulares, computadores e não possuem mais vínculos com o brincar na terra, estar em meio a natureza e atividades

que movimentam o corpo e desenvolvem esse contato. Segundo o autor, esse não contato acarreta o desenvolvimento de uma série de doenças futuras, como também, se perde o conhecimento sobre a origem das coisas usufruídas nos lares, o que as desconecta de um pensamento e um olhar mais cuidadoso com a origem dos produtos consumidos, perdendo qualquer possibilidade de conexão com o meio ambiente.

É importante ressaltar que o contato com a natureza em suas vidas pode ser relacionado ao bem-estar físico, emocional e desenvolvimento intelectual. As demandas, correrias e aceleração do mundo capitalista contemporâneo formaram um abismo constante entre a criança e a natureza, tornando esse contato algo distante de suas realidades. Louv defende também que não somente as crianças sofrem do transtorno de “déficit de natureza”, mas os adultos também sofrem com a falta desse contato. Afinal, somos seres criados para viver em harmonia com o meio ambiente e falta dele nos deixa incompletos e deficientes, gerando um sentimento de perda, visto que o contato ou falta dele influenciam constantemente na nossa qualidade de vida.

A Richard Louv soma-se o autor Felix Guattari (2001), e ao conceito de ecossociedade, na consideração da interdependência entre a ecologia do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana. O autor manifesta sua desaprovação perante um mundo pautado no consumo, na exploração da natureza, na falta de interação entre os sujeitos e a conseqüente perda da subjetividade dos indivíduos. Isso, imposto pelas grandes mídias que dominam o poder, sobre as quais muitas vezes não questionamos, apenas seguindo o ritmo imposto.

Segundo Guattari, para desarticular essas grandes questões que norteiam o viver contemporâneo é preciso uma reorganização a nível planetário. E entendo que isso pode partir de pequenas ações encaminhadas cotidianamente, pois vejo uma ação consciente assim como uma teia que vai desencadeando questionamentos e disseminando exemplos que se ampliam e reverberam entre os sujeitos. Quando se estrutura um pensar coletivo, as pequenas forças se potencializam e viabilizam pressões contra os grandes donos do poder. De acordo com o autor, o que está em questão neste momento é a maneira de viver daqui em diante neste grande contexto adverso. Com urgência precisamos reorganizar o modo como o meio ambiente é entendido, ele não pode continuar sendo tomado como fonte de exploração contínua e inesgotável em suas riquezas, alijado do ciclo da vida o qual também integramos. As pessoas precisam se entender na e da natureza, ultrapassando as telas, pois os

encontros precisam de mais afeto, energia vital para vencer as imposições e acelerações do mundo.

Encaminhando a discussão, encontro em Buyng – Chul Han (2016) suporte para refletir sobre a sociedade contemporânea em seu contexto ativo, acelerado, de produção, na qual os sujeitos são avaliados pelo desempenho e não pelo que são. Vivemos num mundo de espetacularização, de disputa pelo poder e de consumo de mídias, no qual os sujeitos acreditam ser donos de suas escolhas, sem perceber o cansaço, o vazio existencial, e o esgotamento do que lhes rodeia. Segundo Han, tais estados são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade que acarreta um infarto da alma, caracterizado por um cansaço solitário, que por sua vez, individualiza e isola os sujeitos do mundo ao redor.

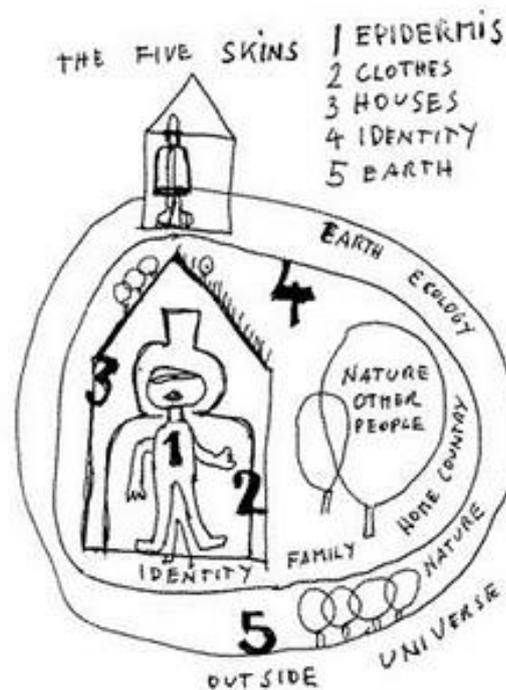
Em “O aroma do tempo” (2016), Han nos fala sobre a arte da demora, pois segundo ele tudo se tornou cansativo, passageiro e tedioso. Não nos permitimos perder-se em algo, principalmente, no tempo. Com isso o tempo perde o aroma, as coisas perdem o sentido, a vida fica vazia e isso leva às grandes doenças da humanidade, assim como depressão, ansiedade e outras mais complexas. O autor destaca a necessidade da demora, que seja num livro, num passeio em meio a natureza, algo que te conecte com o teu eu interior, pois essas ações retomam o sentido da vida e perfumam o tempo. E assim, Han se refere à pausa contemplativa, tão necessária para a sobrevivência em meio às imposições de um mundo contemporâneo excessivamente ativo.

Para a estruturação desta pesquisa é importante considerar o significativo papel das Artes Visuais, não somente os seus fazeres pedagógicos, mas, especialmente, as contribuições e inspirações que nos oferecem alguns artistas através de suas obras. Nesse sentido, a investigação se estrutura com base no pensamento e produção do artista Hundertwasser (Friedrich Stowasser) (RESTANY, 2003).

Em “O pintor-rei das cinco peles” (2003), Restany nos apresenta uma série de trabalhos do artista naturalista, cuja poética é voltada para a problematização das questões ambientais e a desarticulação provocada por imposições do sistema capitalista.

Hundertwasser entende o planeta Terra como uma extensão de sua casa, e apresenta em um de seus trabalhos, no formato de espiral, um desenho explicando como vê o mundo a partir da ideia das “cinco peles” (Figura 1). O artista considera que a nossa primeira pele é a epiderme natural, a zona membranosa mais próxima do eu profundo; a segunda, é a roupa que vestimos, através da qual criamos uma identidade. A terceira pele é a nossa casa, o local habitado; a quarta, o meio social, que engloba a nossa família e nação, afinidades eletivas de amizades. E a última pele, não menos importante, é a crosta terrestre, diretamente ligada à biosfera, ao ar que respiramos e ao estado da crosta que nos protege e alimenta. O artista considera a necessidade de explorar essas peles, no sentido de conhecer o que cada uma delas nos apresenta como possibilidade de criação e reflexão.

Figura 1 - **Hundertwasser**, *Espiral das cinco peles*, desenho, 1972



Fonte: Hundertwasser BR. Disponível em: < <https://hundertwasserbrasil.wordpress.com/2012/01/09/a-beleza-das-cinco-peles/> >. Acesso em: 31 ago. 2021.

Outros pontos que acho importante destacar é o desconforto do artista com as linhas retas, o gosto pelo decorativo e a crítica à arquitetura funcional, a partir da afirmação da liberdade geral do construir, partindo do seu trabalho a metáfora do bolor. Hundertwasser define o “bolor” como a expansão do indivíduo, sendo a casa a expansão do vestuário, um conceito abordado sob a ótica da construção saudável.

O manifesto “O teu direito de janela - o teu dever de árvore”, lançado pelo artista em meados de 1972, é uma proposta voltada aos sujeitos criativos, defendendo o direito de enfeitar ao nosso gosto, e tão longe quanto o nosso braço alcançar, a nossa janela e sacada. A natureza deve ser livre para seguir o seu percurso livremente, assim nos posicionamos frente às intimações de uma sociedade padronizada e sem natureza fluindo. Ou seja, junto-me ao artista na expectativa de que o estímulo à imaginação criativa norteie a proposição de práticas sustentáveis, que conduzam o sujeito ao pensar crítico e reflexivo sobre esse igual, retilíneo e repetitivo modo de vida posto na contemporaneidade.

Assim entendendo, considero que a sustentação de Gaston Bachelard (2008) é primordial para a compreensão de que o espaço é uma extensão indefinida que contém e envolve todos os seres possíveis. Bachelard nos diz que o espaço pode ser representado no conceito de casa, pois segundo ele é na casa que acontecem os devaneios, sendo dentro dela que se abrigam os sonhos, visto que ela nos dá suporte para isso. Além de conservar nossas memórias, ela nos permite sonhar e ter variados sentimentos. Logo, o autor nos convida a pensar o corpo como uma espécie de casa, pois ele é repleto de “lugares e espaços”, nos quais vivenciamos o fluxo das emoções e sensações emanadas de nossas experiências cotidianas. Através do corpo sensível/sensibilizado viabilizamos o exercício da imaginação, despertando assim, o nosso potencial poético criador.

Como já foi apontado, a investigação segue o viés da pesquisa autobiográfica e privilegia a análise qualitativa dos dados. A metodologia observou seguintes procedimentos metodológicos:

- Levantamento bibliográfico sobre o tema investigado;
- Realização de entrevistas semiestruturadas com participantes do projeto Minijardim e posterior análise dos depoimentos;
- Realização e análise de entrevista com a educadora Junelise Pequeno Martino, versando sobre as inter-relações entre Arte, educação e natureza que pauta as práticas da pedagogia Waldorf aplicada no Jardim de Infância Guayí Mirim, dirigido pela entrevistada;
- Análise dos dados angariados com base nas discussões teóricas;

- Apresentação e discussão de produção artística autoral, como recurso complementar às questões teóricas para o processo de autopoiesis.

Cabe ressaltar, que originalmente estava prevista como procedimento metodológico a intervenção pedagógica no Jardim de Infância Guayí Mirim, um espaço de educação infantil em Pelotas, que prioriza o brincar livre e as relações das crianças com a natureza, inspirada na Pedagogia Waldorf. Entretanto, a realidade pandêmica impediu tais práticas. Sendo assim, a presente investigação assumiu um caráter mais teórico, subsidiando a pesquisa. E a produção poética da pesquisadora, que versa sobre práticas relacionadas a natureza.

O acesso à 34ª Bienal de São Paulo, (por meio de visita virtual Live IAE) instigou a abordagem dos artistas indígenas nesta escrita, visto que a dissertação já estava em processo de conclusão por conta da data da *live* apresentada (15/10/2022), os mesmos foram adicionados como uma forma de mostrar o que os artistas estão fazendo hoje em defesa do meio ambiente na conclusão desta escrita.

De acordo com o acima exposto, o plano de capítulos que estrutura a dissertação segue a seguinte organização:

Capítulo 1 – Ele contempla uma breve abordagem sobre a situação atual do planeta, no contexto da pandemia, seguida da problematização acerca da situação política do Brasil frente a devastação das nossas florestas. Apoiada nas teorias de Richard Louv, discorro sobre a relevância de ter contato com o meio natural, finalizando com um diálogo entre os pensamentos de Guattari e Hundetwasser, refletindo sobre a natureza como uma extensão de nossas casas e como parte de nós.

Capítulo 2 – No segundo capítulo discorro sobre a minha participação no projeto de extensão Minijardim, vinculado às disciplinas de Cerâmica (CA, UFPel), do qual sou membro ativo. O referido projeto tem como pilar três pontos principais: criar peças em cerâmica, trocar conhecimento sobre botânica e valorizar as relações afetivas. Também apresento análises sobre entrevistas realizadas com participantes do projeto, discutindo o seu impacto sobre os envolvidos, no que se refere à relação consigo, com os outros e com o meio natural. Os dados amalhados também possibilitaram maiores aportes acerca de processos autopoieticos.

Capítulo 3 – Neste capítulo abordo a entrevista com a Junelise, para fomentar as discussões que contemplam a Educação, considerando a pedagogia Waldorf aplicada no espaço. Considerando que a pedagogia versa sobre o crescer, brincar e desenvolvimento livre e autônomo da criança. Com isso, ela se desenvolve em todos os sentidos compreendendo os saberes que norteiam a sua vida, a do outro e do meio que habita. As práticas artísticas também são pontuadas nesta fase da escrita. Finalizando o capítulo com a abordagem do conceito de autopoiesis de Maturana e Varela, para problematizar sobre a autoformação da autora.

Para conclusão da pesquisa abordo a situação atual do Brasil frente ao desmatamento e destruição, que por sua vez aumentou consideravelmente. Aludo as ações dos artistas em relação a este contexto. Discorro sobre a situação atual do grupo Minijardim e finalizo com uma reflexão sobre a importância da educação/artes na autoformação de sujeitos autônomos, livres, críticos e reflexivos.

1 QUESTÕES AMBIENTAIS: ENREDAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS

Este capítulo se desdobra sobre diversas questões pertinentes às nossas formas de atuar e pensar em sociedade, mas com um olhar atento ao cuidado com o planeta. Nele discuto sobre as tentativas de recuperação da natureza por meio das brechas que surgiram da pandemia de Coronavírus², no ano de 2020. Isso implica em propor o desenvolvimento de um olhar atento, reflexivo, para questões relativas às problemáticas ambientais e a ocupação, pelos animais, de locais que antes lhes eram restritos, sendo frequentados preferencialmente pelos seres humanos.

É também abordada a questão do Brasil ser visto como um espaço de exploração desde a sua ocupação pelos europeus, em especial, a era de Maurício de Nassau no Brasil, no século XVII. Este comandante trouxe em sua expedição artistas com o intuito de documentar a flora e fauna, consideradas “exóticas”, ou seja, a gigantesca biodiversidade brasileira. Estas obras, ao meu ver “venderam” o Brasil no exterior, pois a maioria foi enviada para a França como forma de presente ao rei Luis XIV. Fico imaginando-as sendo expostas nos grandes salões e ativando o olhar explorador dos donos do poder, pessoas gananciosas que consideravam a exploração da nossa flora e fauna como mercadorias que ampliavam a sua riqueza.

Para fazer um contraponto abordo o artista contemporâneo Franz Krajcberk, que se naturalizou brasileiro, fazendo de sua arte um grito de socorro para as nossas florestas. Suas obras emergem dos vestígios das queimadas das matas, denunciando ao mundo a realidade vivenciada. Assim, pedindo um olhar atento e cuidadoso ao meio ambiente, que tem uma grande parcela de suas riquezas destruída a cada dia.

Na sequência discuto sobre o déficit de natureza, um termo criado por Richard Louv (2014), para explicar o abismo que se formou entre os seres humanos e a natureza, por conta de a população ter se concentrado nos últimos anos nas pequenas e grandes cidades, afastando-se, assim, do contato com o meio natural. Esta “ausência de natureza” pode ser responsável pelas doenças contemporâneas vivenciadas por grande parte da população. Louv ressalta que o sujeito precisa encontrar o equilíbrio entre o virtual e o real e aponta alguns preceitos que podem nos ajudar a reformularmos a nossa vida agora e no futuro (LOUV, 2014).

² Vírus SARS-CoV2, identificado primeiramente em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o surto da doença como pandemia.

E finalizo com as ideias de Guattari (2001), ressaltando a importância de reorganização a nível planetário, para rearticularmos a nossa forma de viver e estar no mundo. Como exemplo de reorganização proposta, abordo o artista naturalista Hundertwasser, que teorizou sobre as “cinco peles” em favor de uma vida saudável e de um mundo o mais verde possível. Ele criou, pensou e atuou de forma sustentável, pontuando ações e teorias a favor de um desenvolvimento sustentável, considerando os princípios da bioconstrução, tendo também como característica predominante nesses trabalhos a presença da cor, de plantas e da desconstrução do retilíneo presente na arquitetura formal.

1.1 A natureza frente à Pandemia do Coronavírus: Formas fugazes de retorno a espaços de impedimento

Considerando que as pandemias surgem em consequências das ações nocivas dos seres humanos diante do planeta Terra, se torna essencial considerar ela nesta escrita. Diante do contexto vivenciado em 2020, pensando sobre a tristeza que nos abate frente a uma realidade pandêmica, um assunto que domina as mídias e que devasta a população deste planeta, vasculha-se se há algo positivo a relatar perante tal quadro. Algo que se configura como uma busca para acalantar os sujeitos em meio ao caos, problematizando questões pertinentes à natureza.

Na busca por estes acontecimentos, pensando sobre a natureza em âmbito mundial, tentarei mostrar alguns fatos positivos que ocorreram em diferentes lugares do planeta. O primeiro que me deparei, aconteceu em março de 2020, nos canais da cidade de Veneza, na Itália, muito utilizados pelas embarcações turísticas para transportar os visitantes através da cidade. Por conta do constante tráfego de barcos, as águas se tornaram turvas e sem vida no decorrer das últimas décadas por diversos fatores, dentre eles se destacam sedimentos oriundos de vários setores, como rochas e até mesmo biológicos, que normalmente se acumulariam no fundo dos canais. Entretanto, com o constante movimento os sedimentos não decantam no fundo e ficam em constante movimento gerando um aspecto turvo e feio para a água. Como se não bastasse isso, a ação constante dos barcos agravou em muito a qualidade do ar, comprometido por conta do óleo queimado para movimentar as embarcações.

A imagem de satélite apresentada pela Folha Uol (Figura 2) mostra com detalhes o que está sendo discutido. Na primeira figura, antes da pandemia, o satélite registrou os barcos em constante movimento, deixando manchas escuras na imagem, decorrente do fluxo constante. Na segunda, quando as viagens estavam proibidas, o material antes movimentado constantemente se acomodou no fundo, tornando a água clara novamente. E com a falta das embarcações, o ar se tornou menos poluído.

Figura 2 - **Agência Espacial Europeia**, *Imagens de Satélite dos canais de Veneza*, fotografia, 2019-2020



Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2020/04/imagens-de-satelite-mostram-canais-de-veneza-vazios-durante-pandemia.shtml> >. Acesso em: 3 set. 2020.

Com a pandemia e os passeios turísticos limitados, o fluxo de barcos diminuiu drasticamente nos canais, facilitando a limpeza das águas e diminuindo um pouco a poluição do ar. Os moradores registraram em vídeos e fotografias até mesmo aves e peixes nadando no canal em meio a uma água quase cristalina, mas ainda bastante poluída. E fico pensando se alguma vez eles já haviam avistados peixes e aves nos canais, pois Veneza recebe visitantes há muitos anos, com isso, não sobra espaço para os outros animais frequentarem os canais, apenas os seres humanos.

Figura 3 - **Folha Uol**, *Animais em Veneza*, fotografia, 2020



Fonte: Exitoína. Disponível em: < <https://exitoina.uol.com.br/noticias/viral/golfinhos-cisnes-e-peixes-aparecem-nos-canais-de-veneza-apos-isolamento-por-coronavirus.phtml> >. Acesso em: 4 set. 2020.

Reflito sobre a pausa contemplativa que esta experiência estética pode ter proporcionado aos moradores ao se depararem com outras espécies de animais nadando tranquilamente no canal. Segundo os canais de notícias, vários demonstraram espanto e declararam ser a primeira vez que presenciavam tais cenas (Figura 3).

Alguns moradores podem nunca ter visto este acontecimento e outros, considerando realidade por eles vivenciada, jamais teriam a oportunidade de apreciar outras espécies nadando em meio à calmaria dos canais. Além disso, e da melhor visibilidade da água, um outro fator soma-se aos benefícios. Segundo o porta-voz de Veneza, a qualidade do ar também melhorou bastante, por conta da ausência dos barcos, permitindo às pessoas experimentarem as mais variadas emoções perante a presença inusitada dos cardumes e das aves e ainda, respirarem um ar mais limpo.

A natureza pode apresentar várias facetas. Às vezes, não tão boas quanto esta pandemia, enquanto que outras, nos permitem vivenciar maravilhosas experiências. Ela é o que é, porém, as nossas ações são interferências diretas que podem ter consequências, algumas irreversíveis, que podem provocar reações nefastas, e outras, boas, decorrentes até mesmo da mesma ação, assim como o que relatei acima.

Figura 4 – **Andrea Pattaro/AFP**, *Canais de Veneza*, fotografia, 2020



Fonte: G1 Globo. Disponível em: < <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2020/03/18/sem-turistas-e-barcos-coloracao-da-agua-dos-canais-de-veneza-fica-mais-clara-e-nitida.ghtml> >. Acesso em: 3 set. 2020.

A pausa, em meio à violência do turismo desenfreado, acarretou um pequeno respiro para Veneza, que já sofre há anos várias consequências negativas por conta do excesso de turistas. Situações em que a natureza tem a oportunidade de se revigorar a partir das brechas que surgem em contraponto à poluição corriqueira não são usuais numa cidade como Veneza. Embora mergulhada numa pandemia, com um número significativo de mortos, a maior transparência da água, com a ausência de embarcações, e as plantas se desenvolvendo no entorno dos canais, as imagens de Veneza (Figura 4) nos mostram como a natureza é capaz de resistir e se reciclar.

Sabemos que estes respiros não são suficientes para revitalizar o espaço e para que uma recuperação em grande escala aconteça é necessário rearticular os nossos modos de viver. Logo, a nossa forma de pensar sobre a natureza e de nos direcionarmos a ela, precisam melhorar.

Abordei o exemplo de Veneza, dentre outros, para apontar possíveis caminhos e reflexões sobre as nossas ações no contexto das relações humanos/natureza. Mas como nos diz Guattari, os desequilíbrios ambientais estão crescendo constantemente a cada dia, e a natureza depende cada vez mais de ações humanas conscientes para que se mantenham vivas as espécies sobre o planeta:

Cada vez mais, os equilíbrios ambientais, dependerão das intervenções humanas. Um tempo virá em que será necessário empreender imensos

programas para regular as relações entre o oxigênio, o ozônio e o gás carbônico na atmosfera terrestre. (GUATTARI, 2001, p. 51).

Segundo o autor, chegará o momento em que serão necessárias providências em grande escala para surtir um efeito positivo frente às ações humanas. Como comprovação disso, o que aconteceu em Veneza nos mostra que melhoras e curas são possíveis, mas que é necessária uma ação maior, por parte das autoridades, e da sociedade em geral. Mais do que isso, uma reorganização da consciência e das práticas humanas é fundamental.

Na busca por mais informações sobre a tentativa da natureza de retornar, encontrar e ocupar brechas, me deparei com uma série de diversas outras espécies de animais que por diferentes motivos ocuparam os centros urbanos de várias cidades ao redor do mundo durante a pandemia. Alguns à procura de alimentos, outros por conta do vazio presente, graças à queda no fluxo dos carros e à consequente diminuição do barulho cotidiano, tiveram o seu acesso aos espaços urbanos facilitados. A população também esvaziou as ruas, gerando uma brecha para outros animais caminharem livremente, usufruindo de praças e espaços que há alguns anos antes, eram restritos aos humanos.

Figura 5 - Christopher Furlong; Mohd Zakir, *Animais nos grandes centros urbanos*, fotografia, 2020



Fonte: Uol Notícias. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/album/2020/04/22/durante-quarentena-animais-saem-as-ruas-em-centros-urbanos-pelo-mundo.htm?mode=list&foto=1> >. Acesso em: 5 set. 2020.

Observar o registro de outras espécies de animais caminhando livremente nos espaços (Figura 5), me remete à natureza novamente, e fico pensando no quão sublime ela é. Imaginem se em um dia comum, com um fluxo constante de pessoas e barulhos oriundos de todos os lados, poderíamos avistar cabras da montanha andando tranquilamente pelos grandes centros, ou um pavão pousar em meio à ruela

de uma praça. Inclusive, outras espécies, considerados mais silvestres, foram vistos circulando em diferentes espaços urbanos.

Esses eventos atípicos nos levam a pensar sobre quão nocivas são as nossas ações para a vida de pássaros, peixes e outros animais não-humanos, pois em um contexto comum muitos nem saberiam que eles existem. Sendo assim, somos encaminhados para o questionamento: O que fazemos de errado a ponto de inibir suas presenças em espaços que originalmente eram habitados por eles?

Fomentando a reflexão, me pego pensando nos sujeitos observando os animais de suas janelas: tristes por conta das incertezas geradas pela pandemia e sendo presenteados pela natureza com visões extraordinárias. Quando que em dias comuns eles poderiam ter este contato tão próximo? Quando em meio às correrias cotidianas, eles poderiam se perder em reflexões e ficar observando outros animais num contexto tão real, sendo que antes isso só era permitido através de aramados dos zoológicos (outra ideia errada do ser humano que precisa ser eliminada)?

E estes questionamentos me fazem pensar na grandeza e potência da natureza, como também me instigam a outras reflexões: Será que as pessoas conseguiram refletir profundamente sobre os motivos daqueles animais estarem ali somente num período de isolamento social? Será que ativou um olhar mais atento para a natureza? As imagens ainda circulam pelo mundo como uma forma alerta e convite à reflexão, basta nos dispormos a tanto.

Os diferentes animais avistados e registrados ao redor do mundo são uma prova de que se dermos espaços para a natureza se reerguer, ela tentará se refazer, mas para isso são necessárias ações urgentes, para as quais os seres humanos precisam parar, pensar e reformular os seus modos de viver. Como diz Guattari (2001), é necessária uma reorganização a nível planetário para que as ações dos seres humanos possam surtir efeitos positivos em relação aos cuidados com a natureza. Ou seja, a sociedade mundial precisa mudar seus pensamentos, ações e modos de viver.

1.2 A exploração do Brasil: O que os artistas têm a ver com isso?

Para somar ao texto, abordo a questão da emissão de carbono na atmosfera, que é algo bastante preocupante por conta dos estragos que este fator causa a vida

na Terra. Segundo o site de informações EcoDebate, com o desacelerar da economia e das indústrias e, automaticamente, do fluxo dos carros, as emissões de CO₂ tiveram uma leve queda durante o primeiro semestre da pandemia.

As emissões de carbono diminuíram entre 5.5% e 5.7% durante a pandemia. Com isso, já é notada uma melhor qualidade do ar, principalmente nas grandes cidades. A expectativa é que a redução anual no mundo seja de 2.5 bilhões de toneladas de CO₂, representando uma queda de 5% em relação a 2019. Boa parte dessa redução se deve a diminuição da atividade industrial, mas o consumo de combustíveis fósseis também reduziu drasticamente: a diminuição da procura por gasolina chegou a 35% e, por diesel, a cerca de 25%. (ECODEBATE, 2020, online).

Mas para atingirmos os níveis ideais, o estipulado fica em torno de 7% ao ano em um período de dez anos e isto é algo difícil de se conquistar, por conta dos parâmetros econômicos desenfreados visando recuperar o “tempo perdido” durante a pandemia do Covid 19 (ECODEBATE, 2020, online).

Como podemos ver, alguns sinais de impactos positivos podem ser observados com o isolamento social mundial, mas devemos considerar que os estragos provocados pela humanidade decorrem de ações que se sucedem na história, e para atingirmos resultados que apontem melhoras significativas, as ações precisam ser em grande escala (GUATTARI, 2001). Os acontecimentos durante a pandemia nos apontam que sim, a natureza possui capacidade de se regenerar, mas, para isso, devemos rearticular nossas ações. Existem formas de lidarmos com uma economia mais saudável, que diante de suas ações considere a proteção ao meio ambiente como algo extremamente necessário.

Outro fator que considero importante abordar nesta dissertação pois estamos falando de um olhar atento às nossas ações perante à natureza, é a situação atual das nossas florestas brasileiras frente ao aumento considerável das emissões de gás carbônico nos últimos anos. As constantes e desastrosas queimadas e derrubadas realizadas nas florestas, com aumento significativo entre 2019 e 2020, são acontecimentos que me preocupam muito como sujeito no mundo.

Os canais de notícias todos os dias apontam uma nova queimada, um novo foco de incêndio, uma nova área devastada. E não se avista por parte dos governos tentativas sólidas para acabar com este homicídio das matas. A situação, já era preocupante em governos anteriores, agora exacerba os números de metros quadrados devastados por dia. Visto que, como todos sabem, o atual presidente do

Brasil e seus ministros consideram as florestas como zonas para exploração, que precisam ser devastadas para a criação de gado, extração e exportação de minerais e madeira, que muitas vezes saem de forma irregular do Brasil para outros países.

As nossas florestas se tornaram foco de especulação de diferentes setores em prol do mercado e do lucro, ignorando que elas são um bem maior da humanidade e que precisam ser respeitadas e cuidadas. Guattari já nos falava sobre um olhar atento sobre a Amazônia, há quase trinta anos atrás, pois sabia que a ganância não deixaria a nossa floresta em paz, abordando não só a necessidade de pensar ações de reparos, mas de uma política focalizada e totalmente engajada na causa ambiental:

No futuro a questão não será apenas a de defesa da natureza, mas a de uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico, para fazer reflorescer o Saara. A criação de novas espécies vivas, vegetais e animais, está inelutavelmente em nosso horizonte e torna urgente não apenas a adoção de uma ética ecosófica adaptada a essa situação, ao mesmo tempo terrificante e fascinante, mas também de uma política focalizada no destino da humanidade. (GUATTARI, 2001, p. 51-52).

Sabemos que a situação da política atual brasileira está muito distante da citada pelo autor. E que a situação triste que atravessamos se agravaram muito nos últimos tempos, justamente pela irresponsabilidade dos governantes, exigindo uma maior luta na tentativa de reverter o quadro.

A exploração depredatória do território brasileiro remonta à chegada dos portugueses aqui. A partir de 1500, com a chegada dos europeus, a cada dia o Brasil perde um pedaço de ambiente saudável. Os povos indígenas, alguns ainda vivendo isolados nas florestas, são o maior exemplo de atitudes saudáveis para com a natureza. Eles prezam pela permacultura, a bioconstrução³ e vida em equilíbrio com a natureza, e deveriam servir de inspiração, pois retiram do ambiente somente aquilo que precisam para viver, sem a ambição de explorar além do necessário, mantendo assim o equilíbrio entre humanos e natureza.

Muitas vezes, os homens, que se consideram mais cultos e inteligentes, são os que por sua vez, as que não conseguem viver em harmonia com a natureza, pois buscam retirar dela subsídios para enriquecer e alcançar status. Com isso, não

³ Permacultura nos dias atuais transpassa desde a compreensão da ecologia, da leitura da paisagem, do reconhecimento de padrões naturais, com o intuito de criar e planejar ambiente humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio e harmonia com a natureza (UFSC, PERMACULTURA, 2020). O termo bioconstrução se refere à construção de ambientes sustentáveis, por meio da utilização de materiais de baixo impacto ambiental e adequação da arquitetura ao clima local (ECOTELHADO, 2019, online).

conseguem com ela se conectar, talvez por não se permitirem a experiência de com ela comungar o viver.

Para problematizar tal questão, destaco alguns artistas que vieram para o Brasil na Missão de Maurício de Nassau, no século XVII, período em que a região nordeste do Brasil era comandada pelos holandeses. Entre os mais conhecidos, destaco Frans Post (1612-1680) e Albert Eckhout (1610-1666), que deixaram suas marcas nos livros de História da Arte, registrando em suas obras a diversidade da nossa flora e fauna, os primeiros pintores a representar as terras exóticas supostamente descobertas.

Nota-se em suas obras, o esforço dos artistas em retratar com exatidão os animais, as árvores frutíferas, a riqueza da diversidade de plantas, os rios, além de fortificações e vistas dos portos. Em uma paisagem, por exemplo, não é possível identificar a quantidade de plantas presentes por conta da diversidade representada. Ambos desenharam e pintaram as mais variadas paisagens e lugares da região nordeste do Brasil, sendo que boa parte das obras foram enviadas como presentes ao rei Luís XIV da França. A maioria das obras do período não permaneceram no país, divulgando em terras estrangeiras as nossas riquezas, como “Panorama Brasileiro”, de Frans Post (Figura 6), que integra uma série da qual as demais têm paradeiro desconhecido (CIVITA, 1979).

Figura 6 - **Frans Post**, *Panorama Brasileiro*, óleo sobre tela, 282.50 x 210.50 cm, 1652.



Fonte: Itaú Cultural. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24417/panorama-brasileiro> >. Acesso em: 06 set. 2020.

É possível contabilizar em torno de dez espécies das mais variadas plantas no primeiro plano da pintura, algumas até mesmo frutíferas. Mais ao fundo nos deparamos com outras diferentes espécies na encosta do rio e como todos podem ver os mais variados tons da rica diversidade dominam o cenário. A obra me parece como um convite, passando a ideia de um solo fértil, onde é possível cultivar os mais variados alimentos e produtos, como também explorar os mais diversos materiais como madeira, criação de animais em grande escala, etc. E tal grandeza e diversidade provavelmente instigaram olhares exploradores ao redor do mundo.

Embora a passagem do tempo, a riqueza da nossa biodiversidade e minérios ainda são alvos da cobiça de grandes empresas. Muitas aqui se instalam, exploram até uma catástrofe acontecer, devastam as nossas florestas e afluentes, contabilizam lucros incontáveis e depois se retiram sem encaminhar ações de reparação dos estragos causados. Ailton Krenak reforça este pensamento, referindo-se à Vale do Rio Doce, a qual acompanha de perto como morador da região:

É um absurdo o que chamam de razão. Enquanto a humanidade vai se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais, produzidos pelas mesmas corporações que devoram as florestas, montanhas e rios. Eles inventaram kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível, tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o lixo que produzem. Eles vão fazer um remédio e um monte de parafernália para nos entreter. (KRENAK, 2019, p. 16-17).

O Brasil foi e é vendido todos os dias! E na busca disfarçada por contrapartidas às regiões atingidas, muitas fazem doações de objetos, entre outras coisas, que são incapazes de devolver a vida saudável aos lugares, distanciando as populações ribeirinhas cada vez mais do contato com a natureza. Muitas vezes “empurradas” para as periferias urbanas, essas populações adoecem, retroalimentando o sistema farmacêutico, alijados que são de seus remédios naturais.

Figura 7 - **Albert Eckhout**, *Mulher Tupi*, óleo sobre tela, 274x163 cm, 1641



Fonte: Itaú Cultural. Disponível em: < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14526/india-tupi> >. Acesso em: 31 ago. 2021.

Outro artista que escolhi apresentar é o pintor Albert Eckhout, que também veio ao Brasil na expedição de Nassau, encarregado de representar as paisagens, os nativos e naturezas mortas, destacando também a variedade das frutas tropicais do nordeste brasileiro. A gama dos frutos e flores presentes em suas obras quase nunca se repetem, por conta da grande diversidade presente na região no período.

Ao analisar alguns de seus trabalhos, nota-se que a tela ficava quase que completamente preenchida pelos animais, frutos, flores e folhagens e sujeitos quase tudo em primeiro plano, mostrando pequenos detalhes de cada item pintado, assim como em suas paisagens, passando a ideia de um paraíso perfeito. É possível ver-se em uma única tela (Figura 7) esse esforço do artista para representar com muita exatidão os itens que a ele interessavam representar.

Penso nas obras de Eckhout e Post como propagandas das possibilidades dos estrangeiros para habitar e explorar as terras brasileiras, sendo que algumas também foram enviadas para presentear o rei francês da época. Posteriormente, algumas delas serviram como inspiração para a criação de tapeçarias. Como podemos notar, os artistas vieram para realizar documentação do que havia de exótico, da abundância

e da rica biodiversidade aqui presente. Não vieram para as nossas terras para simplesmente pintar e se permitir vivenciar sua arte da forma mais poética possível, pois de certa forma eram trabalhadores com uma missão a desempenhar.

E para fazer contraponto às ideias iniciais de divulgação das nossas riquezas naturais, recorro ao artista Franz Krajcberg (1921-2017), de origem polonesa e naturalizado brasileiro, que morou em diversos países, mas foi no Brasil, que sua arte “floresceu” em defesa da nossa biodiversidade. Durante muitos anos, o artista alertou para a degradação das florestas brasileiras, tanto no Pantanal, quanto na Amazônia, através de suas obras, realizando também vários documentários que mostram a constante deterioração da fauna e flora brasileira. Seus trabalhos artísticos mais conhecidos foram criados com materiais encontrados após as queimadas e cortes das florestas, utilizando variados tamanhos de troncos encontrados em meio às cinzas, raízes, cipós, palmeiras ressecadas pelo fogo e pigmentos oriundos dessas ações humanas nefastas frente à natureza (FERNANDINO, 2014).

O artista morou em vários estados brasileiros, e com isso foi levando em sua bagagem a realidade das florestas por onde passou. Seu ateliê foi criado sobre um imenso tronco de árvore morta, em meio a uma faixa de terra pertencente ao Pantanal, na Bahia, onde fixou residência até os seus últimos dias, ali criando seus majestosos trabalhos. O artista também fotografava a devastação das florestas e a natureza exuberante remanescente, mas o que o tornou mundialmente conhecido foram as potentes esculturas criadas a partir dos destroços das florestas devastadas. Ele esculpia e pigmentava esses materiais com tons oriundos dos resíduos, o que o deixou conhecido como o “Poeta dos Vestígios”.

Krajcberg traz em suas obras um pedido de atenção a situação precária das florestas, especialmente no norte e nordeste brasileiros, apelando para “a formação de uma consciência universal em favor da sustentabilidade e a preservação da vida no planeta” (FERNANDINO, 2014, p. 261). Caracterizado como um artista ativista naturalista, ele lutou através da arte, durante grande parte de sua vida, defendendo e denunciando para o mundo o que acontece diariamente em nosso país. Na fala de Krajcberg apresentada por Fernandino identificamos o quanto a beleza da natureza lhe instigava e inspirava sua criação, e o quanto ele sentia necessário estender ao mundo esse desejo de um olhar atento e cuidadoso para as nossas florestas, que se encontram em constante devastação:

As montanhas eram tão belas que me pus a dançar. Elas passam do negro ao branco, passando por todas as cores. As ondas convulsivas de vegetação crescendo nos rochedos me maravilharam, eu fiquei emocionado com a beleza e me indagava como fazer uma arte tão bela. A gente se sente pobre diante de tanta riqueza. Minha obra é uma longa luta amorosa com a natureza, eu podia mostrar um fragmento dessa beleza. E assim fiz. Mas não posso repetir esse gesto até o infinito. Como fazer meu esse pedaço de madeira? Como exprimir minha emoção? Mudei minha obra sempre que senti ser preciso. Mudei? Não. Apenas encontrei outra natureza. Cada vez que ia a lugares diferentes, minha obra mudava. Eu recolhia troncos mortos nos campos mineiros e com eles fiz minhas primeiras esculturas, colocando-os com a terra. Eu queria lhes dar uma nova vida. (FERNANDINO, 2014, p. 265).

Este trecho deixa explícito o quanto Franz Krajcberg amava viver em harmonia com a natureza, e sua arte é fruto de uma relação de respeito, amor, admiração, harmonia, equilíbrio e cuidado, ressignificando a morte e fazendo ressurgir das cinzas a vida em forma de arte. Por ter sido criado em meio ao espaço natural, o artista dizia que na infância, quando as frustrações lhe abatiam, encontrava na natureza conforto e refúgio para vencer os obstáculos, pois ela tem o poder de nos acalantar e fornecer forças para seguir em nossas jornadas.

É por estas e outras, que falar sobre o artista é algo que me provoca arrepios, pois seu trabalho é potente e instigante, gerando esperanças em um mundo melhor. Acredito que sua arte pode ativar muitos olhares atentos ao redor do mundo diante do tema da destruição das matas e terras brasileiras, pois ela “passou a ser porta voz de uma denúncia acirrada e quase que solitária contra a destruição do planeta” (FERNANDINO, 2014, p. 263).

Os tons usados para pigmentar seus trabalhos nos levam a imaginar um espaço de queimadas, predominando o vermelho do fogo e o preto do carvão, numa tentativa de expor as vísceras das florestas devastadas, através de curvas e cores. E costumo ter esta sensação ao apreciar as obras de Krajcberg, pois o preto remete ao que o fogo não consumiu e o vermelho às feridas abertas, que sangram constantemente com o corte incessante das árvores das florestas. Usei a palavra ‘vísceras’ por remeter a algo que geralmente não tem muita utilidade e é abandonado para se decompor, tudo ambientado no tom vermelho que lembra algo que está aberto e sangrando.

Figura 8 - **Franz Krajcberg**, *Flor do mangue*, escultura em madeira, 300 x 900 cm, 1970



Fonte: Itaú Cultural. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6820/a-flor-do-mangue> >. Acesso em: 06 de out. 2020.

Quando nos deparamos com suas magníficas esculturas (Figura 8), tendo como base troncos e raízes originárias das sobras do fogo, polidos ou não, as estruturas gigantescas de certa forma remetem ao tamanho dos estragos. Várias emoções surgem, podemos ficar extasiados e felizes frente à obra, mas tristes e indignados por conta da realidade arrebatadora a qual metaforicamente nos deparamos. A natureza é consumida a cada minuto e Franz Krajcberg através de suas obras nos faz pensar sobre o quanto nos distanciamos e a ignoramos mais e mais cotidianamente, apelando para a necessidade de reversão do nosso processual distanciamento do mundo natural, do outro e de nós mesmos (GUATTARI, 2001).

Como busquei demonstrar, a natureza pode ser representada de diferentes formas, em acordo com as diferentes relações que podemos estabelecer com ela, pois as obras artísticas dão a ver a mentalidade que rege determinada época. Com o constante afastamento entre as pessoas e os espaços naturais, por conta das dinâmicas sociais e políticas contemporâneas, da falta de tempo para conexões com o mundo natural, muitos seguem encasulados na selva de pedra, quase impossibilitados de relações orgânicas/sensíveis com o entorno.

Distraídos, cada vez mais vendo o mundo através de telas, muitos estão perdendo o contato com a natureza e se adaptando pouco a pouco à virtualidade.

Entretanto, nossos corpos não foram criados para viver a ausência de trocas energéticas reais, e essa falta nos adocece, clamando por reconexões vitais. E nesse processo as memórias de experiências profundas da infância podem estimular os primeiros passos, pois, como no meu caso, elas me levam a visitar lugares, emoções e sensações, quase me obrigando a encontrar outras formas de conexão para diminuir a energia deficitária de vida.

E quando as memórias não existem? O que fazer quando tudo que lembramos cheira à asfalto, cimento e ferro?

As sociedades contemporâneas vêm se constituindo sediadas em grandes centros urbanos, rodeadas por selvas de pedra acinzentadas, por conta do cimento e da poluição do ar. Algumas pessoas, agora realmente isoladas em suas casas, cada vez mais manifestam diferentes problemas físicos e psicológicos, assim como a depressão, hiperatividade e déficit de atenção. Concluir em 2020 que uma parcela significativa da espécie humana está enferma não é exagero!

Além dos problemas gerados pelo vírus pandêmico, essas doenças podem estar diretamente ligadas ao pouco (ou nenhum) contato entre sujeitos e natureza. Richard Louv (2014) defende a ideia de um “transtorno de déficit de natureza” contemporâneo, conceito criado por ele em 2005, que pode ser entendido como uma maneira de descrever o abismo entre as pessoas e a natureza, provocado pela mediação cotidiana das tecnologias em nós e o mundo.

1.3 Princípio da natureza: Entre desequilíbrios e reconexões poéticas-vitais

As crianças não brincam mais de subir nas árvores, elas não brincam mais de correr no campo em meio à vegetação, nem se permitem sujar com o barro, saber os nomes das plantas, andar descalças sentindo a energia da terra. Poucas têm acesso ao processo de desenvolvimento dos pássaros, à observação dos ciclos das plantas e à criação de experiências estéticas voluntárias através/com a natureza, como eu relatei na Introdução deste projeto de pesquisa. Diferente de mim, muitas nasceram em conjuntos residenciais, com escassez de natureza, nos quais o que descrevi fica resumido a imagens/informações fragmentadas apresentadas através de uma tela, adoecendo também as nossas crianças.

Com a aceleração do mundo capitalista e a presença do Corona Vírus entre nós, as pessoas estão limitadas a atividades mediadas pelas tecnologias, com restrições de contato com o meio natural. Segundo Louv, o contato com a natureza permite aos sujeitos desabrochar emoções sinceras, considerando que todos os dias, a relação com o meio natural ou a falta dele influencia constantemente as nossas escolhas e sentimentos. Em suas palavras:

Jovens, idosos ou pessoas de meia-idade, podemos obter benefícios ao nos conectarmos – ou reconectarmos – a natureza. Para os exaustos e saturados entre nós, o mundo ao ar livre pode expandir nossos sentidos e reacender um sentimento de admiração reverente e respeito não mais sentido desde que éramos crianças; esse sentimento pode melhorar nossa saúde, aumentar nossa criatividade, abrir novas carreiras e oportunidades de negócios e funcionar como um agente da formação de laços afetivos entre famílias e comunidades. A natureza pode nos ajudar a sentirmos plenamente vivos. (LOUV, 2014, p. 20).

A criação de uma espécie de bolha protetora em volta de cada um, como eu mesma experimentei, ela nos protege das ameaças da vida contemporânea e nos faz sentir vivos e saudáveis, até mesmo, dispostos a (trans)formar os modos de estar no mundo. Nos últimos anos, mais da metade da população mundial se mudou para pequenas ou grandes cidades, em busca de melhores oportunidades e condições de vida, abandonando a vida rural e seus hábitos. E a outra metade está plenamente adequada à realidade urbana e suas solicitações. Entretanto, não podemos esquecer a nossa memória ancestral de convívio com o mundo natural, e considero importante questionar:

O que deixamos de ver, ouvir e saber pelo fato de permitirmos o “emaranhamento de fios” tecnológicos com que a tecnologia vai nos enredando dia após dia? E como podemos desenvolver essas capacidades naturais, porém obscurecidas, e torná-las aplicáveis a nossa vida atual. (LOUV, 2014, p. 26).

Quando o mundo das telas me sufoca e esgota, com estudos e redes sociais, percebo que está na hora de me reconectar com algo que desvie meus pensamentos desses setores. A ideia que surge primeiro é a de cuidar das minhas plantas, regar, conversar, colocar terra nova, fazer novas mudas, ficar apenas olhando elas junto com meus gatos e refletindo sobre o seu desenvolvimento. Se elas estão saudáveis, eu fico feliz, e com isso, perco/ganho uma tarde, que passa velozmente. Quando retorno às atividades rotineiras me sinto recarregada, forte, leve e energizada.

Outra atividade a qual recorro quando estou sobrecarregada, é a de sair com as colegas do Projeto Minijardim (contarei com detalhes no próximo capítulo) para espaços em meio a natureza e riachos na zona rural. Geralmente saímos sem destino, sem planejar lugares, e conforme nos deparamos com algo que nos instiga, simplesmente por ali nos perdemos e deixamos o dia passar em meio à natureza. Quando acontecem essas saídas, de um dia em meio à natureza, me recupero a ponto de me sentir bem durante uma semana.

Como diz Louv, devemos encontrar o equilíbrio para nos manter saudáveis em meio às demandas do cotidiano:

Por sua vez, o Princípio de Natureza sugere que, em uma época de rápida transformação ambiental, econômica e social, o futuro pertencerá aos adeptos da natureza – aquelas pessoas, famílias, atividades comerciais e aos líderes políticos que desenvolverem um entendimento mais profundo da natureza, e que equilibrarem o virtual com o real. (LOUV, 2014, p. 18).

Os seres humanos até tentou criar objetos para tentar fazer essa conexão/equilíbrio sem precisar fugir dos grandes centros e manter o fluxo contínuo de suas atividades. Como por exemplo, as flores de plástico, presente em algumas casas, plantas que não morrem e só servem para poluir o meio ambiente e acumular pó. Elas não te permitem vivenciar o seu desenvolvimento, observar novos brotos de folhas, as flores surgindo nas suas mais variadas cores e complexidade de formas e, ainda, elas não exalam perfume, ou seja, elas não te permitem desfrutar de uma experiência estética vital, o ar puro de uma trilha, o barulho de um córrego e a sensação de liberdade que um espaço repleto de verde gera.

Entretanto, tenho notado que cada vez mais os lares mundo afora estão sendo também habitados por animais considerados domésticos, como um modo de manter esta comunicação. E os animais conseguem desenvolver um pouco este papel, pois, ao meu ver, é uma forma de se conectar a natureza de uma maneira bastante verdadeira. Os animais nos permitem ver um outro mundo, diferente do que vivemos, que visa o lucro e disputa entre os sujeitos. Os animais são puros no olhar, nos olham e nos aceitam como somos e nos permitem obtermos relações afetivas que nos fortalecem.

Com a intenção de colaborar para uma reformulação rumo a um futuro mais saudável, Louv (2014, p. 19) elaborou uma espécie de guia que creio importante aqui citar seus pressupostos:

- Quanto mais centrada na alta tecnologia nossa vida se torna, mais precisamos de natureza para alcançar um equilíbrio natural;
- A conexão mente/corpo/natureza, também chamada vitamina N (de natureza), aumentará a saúde física e mental;
- O uso da tecnologia quanto da experiência com a natureza aumentará nossa inteligência, nosso pensamento criativo e nossa produtividade, dando origem a mente híbrida;
- O capital social humanidade/natureza enriquecerá e redefinirá as comunidades de modo a incluir todas as coisas vivas;
- No novo espaço intencional, a história natural, será tão importante quanto a história humana para a identidade regional e pessoal;
- Com o projeto biofílico, nossas casas, nossos locais de trabalho, as vizinhanças e cidades não apenas conservarão os watts, mas também produzirão energia humana;
- Por meio do relacionamento com a natureza, o alto desempenho humano irá conservar e criar um habitat – e um novo potencial econômico – onde viveremos, estudaremos, trabalharemos e teremos períodos de lazer.

Estes preceitos nos apontam caminhos para realocação de nossas energias vitais, equilibrando os tênues fios da tecnologia e do viver em meio à natureza, visando rever o que temos, o que queremos e o que seremos. E nesse trilhar, rumo a um mundo diferente, reconectado com sua ancestralidade vital, encontramos nas Artes Visuais reforços potentes, em especial, do artista naturalista Friedensreich Hundertwasser (1928 - 2000), cujas obras demonstram um olhar atento e preocupado à natureza, à arquitetural formal, às formas pelas quais nos entendemos diante da natureza, ampliando nossa visão de corpo, casa, família, amigos, sociedade, nação e crosta terrestre. O artista compreende o mundo por meio de suas peles, interligadas umas às outras, permitindo a conexão entre elas e a possibilidade de se pensar o todo. Ele sempre pontuava o cuidado para com o planeta considerando a questão estética, crítica e reflexiva que arte proporciona.

Muitas vezes somos induzidos a pensar que as coisas estão separadas e cada uma é o que é em seu contexto, o que nos torna seres acrílicos perante a coletividade, acreditando que para viver basta cuidar de si. Mas sabemos que esta maneira de pensar é um grande equívoco, e segundo a teoria que o artista desenvolveu ao longo de sua carreira, nada está e nem nunca foi planejado para ser assim. Ao contrário, ele ressaltou que estamos mais conectados que pensamos estar com tudo que nos rodeia.

O pensamento de que o mundo não é também responsabilidade individual conforta e, de alguma forma, pode isentar de responsabilidades, como, por exemplo, do planeta ser tratado como um grande aterro sanitário. Ou seja, se nossas ações

alimentam efeitos coletivos danosos, precisamos repensar nossas formas de agir e ser no mundo, pois isso é fundamental para nos rearticularmos ao círculo da vida (GUATTARI, 2001).

Segundo a “teoria das cinco peles”, elaborada por Hundertwasser (RESTANY, 2003), tudo começa em nós e tudo está conectado através das diferentes peles: a nossa epiderme, as roupas que vestimos, a casa, o meio social e a pele planetária (RESTANY, 2003, p.11), como apresentado na Introdução deste projeto, inclusive, com a apresentação do seu desenho/diagrama espiralado. E em seus trabalhos o artista buscava representar a conexão do sujeito com suas peles através de desenhos, pinturas e até mesmo obras arquitetônicas.

Seja através de manifestos ou produções artísticas, o artista defendia a ideia de que é preciso explorar (no sentido de se conhecer, se conectar e criar) sucessivamente cada uma das peles, começando pela epiderme, que é a mais próxima do nosso eu profundo, aquela que encarna a nudez do homem. Permitir-se ver e conectar com o âmago dos seus pensamentos, deixando fluir o desejo de criar, expondo-se. Entendo que despojar-se da vergonha de expor-se como realmente se é, conecta as pessoas com seus corpos de modo verdadeiro, viabilizando o empoderamento pessoal.

O artista alterou por diversas vezes o seu nome, até ele ficar ao seu gosto, “Hundertwasser” repleto de significados importantes oriundos de palavras que remetem a natureza. Ele também se despreendeu totalmente da ideia padrão que temos acerca das vestimentas, nossa segunda pele. Confeccionando suas próprias peças com liberdade criativa, na contramão das imposições da moda, o artista costurava suas roupas com os tecidos que tinha disponível, inclusive, suas meias, sapatos e seu boné especial. Trata-se de um patchwork de tecidos de cores garridas costurados em forma de boné arredondado com uma viseira flexível e rebaixado sobre os olhos (RESTANY, 2003, p. 37). Esse boné tão particular conjugava com suas calças, de um tecido de pijama grosso, e suas sandálias árabes.

Sabemos que suas roupas diferentes atuavam como um protesto e um pedido de olhar atento àqueles que julgavam sua indumentária escandalosa. Suas roupas pediam reflexão sobre a importância da autonomia do sujeito, em vestir e usar o que lhes bem vier, em forma de protesto ao padrão imposto e liberdade de criação.

Figura 9 - **Hundertwasser**, *Casa Hundertwasser*, habitação social da câmara de Viena



Fonte: Um pouquinho de cada lugar. Disponível em: < <https://umpouquinhodecadalugar.com/europa/austria/a-hundertwasser-house-em-viena/> >. Acesso em: 31 ago. 2021.

Hundertwasser tinha certo desprezo pelas linhas retas da arquitetura formal, sem plantas e nem cores, identificando-as como falta de criatividade, como relatado em seus diversos manifestos. Ponderava que essa arquitetura, característica do modernismo, torna tudo muito igual e sem vida, inclusive, sugerindo modelos. Nos prédios por ele projetados (Figura 9), as janelas e portas não são alinhadas, sim, dispostas onde o sujeito achar melhor, jogando também com as alturas. Nelas, percebe-se o gosto apurado do artista pela decoração e pela beleza que as plantas produzem, tornando-as diferentes, criativas, raras e belas, fazendo da paisagem urbana um espaço vivo.

Em seu manifesto “O teu direito de janela – O teu dever de árvore” (1972), ele confirma tais ideias, convocando os sujeitos criativos a decorarem suas janelas e sacadas, até onde o braço alcançar, com cores e plantas, defendendo o direito individual de intervir na sua casa conforme o seu gosto. E ainda, sugere que a natureza seja deixada seguir seu curso livremente (RESTANY, 2003, p. 27) diferenciando-se assim, da arquitetura habitual, que se define pelas linhas retas e a ausência de plantas e cores.

Este manifesto me instiga bastante, pois desde que migrei para a cidade de Pelotas venho plantando árvores, plantas decorativas e flores nos pátios dos locais

que habitei. Sentia a necessidade de natureza por perto e já que as obrigações do trabalho me permitiam ir para a zona rural somente nas folgas, resolvi criar o meu pequeno espaço verde, que com o tempo se estendia aos pátios dos vizinhos, gerando várias pautas de conversas construtivas.

Ao ingressar na universidade, tive que abandonar o trabalho e com isso me mudei para um apartamento e este foi um momento muito difícil, pois não tinha natureza, barulhos das árvores, só cimento no entorno, provocando uma espécie de sufocamento e tristeza. Comecei então, a cultivar alguns vasos nos espaços internos, depois fui me estendendo para as janelas e hoje tenho plantas em todas as janelas possíveis, assim como também nos espaços internos do apartamento, totalizando entorno de cem vasos. Não contente, comecei a plantar os caroços das frutas em pequenos potes para futuramente plantá-los por aí, talvez oferecendo alimento a quem tem fome.

Geralmente quando estou na janela regando ou fazendo mudas, vizinhas comentam que as plantinhas alegram o dia delas, pois elas adoram passar e ficar observando quão belas elas são. Obviamente, eu já ofereço as mudas, ensino como cuidar e começamos a trocar informações. E assim, as janelas estão ficando mais bonitas por aqui, pois estamos exercendo o nosso direito de janela e devir de árvore.

O processo é longo, alguns possuem três pequenos vasos, outros possuem dois, outro como o da frente da minha janela (Figura 10) já está com mais exemplares. Mas acredito que é assim que se começam as revoluções, com pequenas ações que vão desencadeando novas ações e encontrando aliados para a nossa luta em favor do verde e de mudanças que consideramos necessárias para vivermos bem, em uma perspectiva mais saudável. Isso me deixa feliz, pois a revolução verde está chegando no espaço urbano, ao menos no meu entorno.

Figura 10 - **Berenice Bailfus**, *Minha Janela*, fotografia, 2020



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O que narrei acima pode ser considerado um exemplo da “terceira pele” que se caracteriza como a nossa casa. Dado aos vínculos que as plantas foram estabelecendo entre eu e meus vizinhos, passamos para a próxima pele. Para o artista, esta pele se refere aos nossos amigos, vizinhos, família, parentes e nação, as pessoas e tudo o que nos rodeia. Encontrar sujeitos engajados na mesma causa ou abertos ao diálogo faz parte da chamada quarta pele. Viver em paz com seus vizinhos, parentes e amigos também se encaixa nesse contexto, assim como encontrar formas criativas de ativar no mundo um olhar atento para a natureza e para a arte.

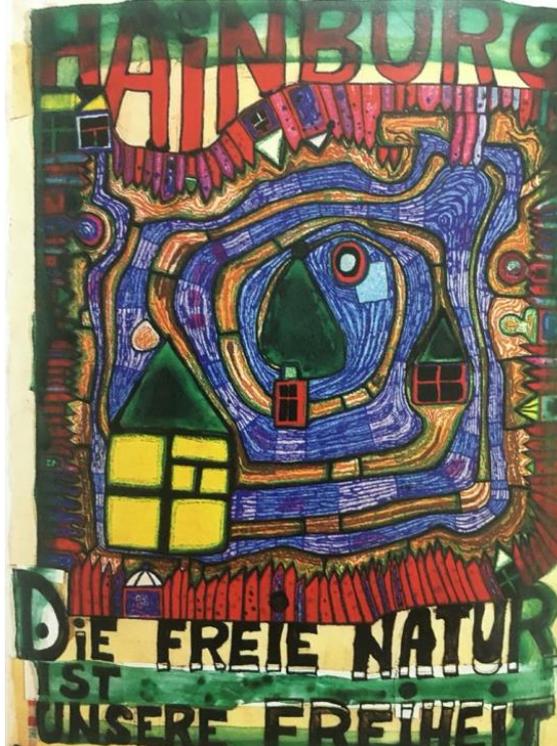
A quinta pele se refere ao meio global por nós habitado. Falar de ecologia, para Hundertwasser, era algo que o instigava, pois ele era naturalmente “verde”, manifestando sensibilidade frente às questões ambientais desde a mais tenra idade. O seu apreço pela natureza despertou no artista um desejo de cuidado e proteção frente às ações humanas e das indústrias, e por isso que em seus diferentes

manifestos sempre fez questão de ter a natureza como pauta, assim como em suas obras artísticas.

Suas várias construções de linhas orgânicas sempre foram sustentáveis, criando sistemas de purificação de água por meio de plantas aquáticas para tratar os esgotos; telhados verdes, nos quais as plantas cumprem também o papel das telhas, porém deixando o ambiente bem mais fresco que as telhas comuns sem degradar a natureza; o húmus gerado pelos dejetos se transforma em nutriente para o telhado verde e as outras plantas que ornamentam a casa; criação de meios de coletar e aproveitar as águas oriundas das chuvas, dentre tantos outros recursos que propunha.

É por estas e outras que o artista ficou conhecido como o médico da arquitetura, pois suas construções eram planejadas com muita atenção para que tudo fosse aproveitado de modo sustentável, sem poluir o meio ambiente e inspirando outras pessoas a porem em prática suas ideias para um mundo o mais saudável e equilibrado possível. Ele plantou mais de 60 mil árvores em diversas partes do mundo, como um ato de protesto ecológico, um ato de resistência frente ao atual sistema de destruição global em curso.

Figura 11 - **Hundertwasser**, *A natureza livre é a nossa liberdade*, cartaz, 1984.



Fonte: Hundertwasser. Disponível em: < https://hundertwasser.com/angewandte-kunst/808_b_apa175_hainburg_-_die_freie_natur_ist_unsere_freiheit_770 >. Acesso em: 31 ago. 2021.

Estudando sobre Hundertwasser, eu compreendi que uma pele vai se abrindo para a outra pele, interligando-as, numa demonstração de que ações sustentáveis são possíveis para garantir a vida saudável no/do planeta. E nesse processo a arte tem um papel fundamental. E me volto para Guattari, e suas falas sobre a necessidade de rearticulação de nossas maneiras de ser e viver no mundo. As ações e projetos realizados por Hundertwasser são um exemplo ímpar e inspirador para seguirmos na luta em prol de um mundo vivo e saudável. E a alegria que emana das cores e formas de suas obras (Figura 11) me incentivam a acreditar na potência (trans)formadora da arte e seus fazeres, principalmente, na educação.

Sabemos que para mudar o quadro crítico em que nos encontramos é necessária uma reorganização a nível planetário, como uma autêntica revolução política, social e cultural que reoriente os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Acredito que essa revolução deverá concernir, portanto, não só nas relações de forças visíveis em grande escala, mas também, nos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e desejo (GUATTARI, 2001). E assim espero que sigamos nesta teia de contaminação, formada por sujeitos engajados e preocupados com a situação do planeta, buscando estender preocupações e ações criativas, na busca de aliados para a (re) existência da vida sobre o planeta.

2 AS PLANTAS, A ARGILA E O PROJETO MINIJARDIM, UMA PROPOSTA SUSTENTÁVEL ALIADA AO TEMPO E ÀS TROCAS AFETIVAS

Começo este capítulo abordando as ações do Projeto Minijardim e as reverberações que o contato com o barro e as práticas semanais exercem sobre os sujeitos frequentadores do ateliê de Cerâmica, ressaltando que atualmente o projeto está registrado no Cobalto (Sistema Integrado de Gestão) como “Simultaneidades Afetivas em Oficinas Cerâmicas: Compartilhando Saberes na Construção de um Ambiente Educativo”. Ele se estruturou no presente formato com base no projeto “Transitar” (2007) por solicitação dos seus frequentadores:

A iniciativa surgiu em 2014 a partir dos frequentadores do ateliê de Cerâmica da Universidade. De maneira espontânea formou-se um grupo que apresentava interesse na constituição de vasos e na troca de mudas de plantas. Nesses encontros, a artista e professora aposentada Dalva Lopes sugeriu voltar a criação para jardins reduzidos (CIRNE, 2018, p. 4).

O projeto é vinculado as disciplinas de cerâmica do CA, e foi criado pelo professor das referidas disciplinas, Paulo Renato Veigas Damé, Dalva Lopes (professora da educação básica e artista visual), Sônia Gamino (artista visual) e outros membros que não frequentam mais o grupo. Por razão de estudos, o professor Damé licenciou-se das atividades entre os anos de 2014 a 2018, ficando o ateliê sob a responsabilidade de professores substitutos que mantiveram o projeto ativo, acompanhando os encontros semanais, as atividades coletivas do grupo e também as exposições anuais que o grupo realiza. E quero destacar com muito carinho o acompanhamento das professoras Ana Paula Barbosa e Marlene Ramirez às atividades, incluindo oficinas diversas, criação de peças cerâmicas, cafés com pão feito no ateliê, chimarrão coletivo, exposições anuais, muita amizade emergente dos encontros, queimas coletivas em fornos de rua, troca de conhecimento sobre cerâmica e plantas, dentre outras, até a chegada da COVID-19.

Os membros desse afetuoso projeto são estudantes da UFPel e pessoas da comunidade em geral. O público frequentador é flutuante e abrange diversas faixas etárias, origens e profissões, incluindo até mesmo crianças. Os encontros geralmente acontecem à tarde no ateliê de cerâmica (Figura 12).

Figura 12 - Dalva Lopes, Membros do Grupo Minijardim, fotografia, 2019.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

2.1 Os pilares do projeto e suas práticas

Desde o seu início o projeto se fundamenta em três pilares fundamentais: troca de conhecimento sobre Botânica, cuidados, nutrição, rega e suportes, um tema muito presente nas conversas do grupo por estar intrinsecamente ligado às exposições; valorização das relações afetivas, privilegiando atitudes saudáveis, que se desenvolvem espontaneamente no simples gesto de ensinar, em uma conversa sobre uma peça em criação, em uma troca de informação sobre os processos da Cerâmica, em um abraço e um beijo de boa tarde, um carinho na hora da despedida, uma conversa sobre as coisas da vida, uma ajuda em uma dificuldade sobre a prática do ateliê ou até mesmo um conselho, uma cortesia quando o colega precisa de auxílio, seja ele o menor que for; e a criação dos suportes em cerâmica, que podem ser peças ornamentais, relativas à poética individual, ou o aproveitamento de algum objeto de uso cotidiano. Esses três pilares são reforçados até os dias atuais, mesmo com a pandemia, pois o grupo troca informações diariamente por meio de redes sociais, no grupo privado de conversas.

Nos encontros acontecem diversas atividades, tornando-os fluidos e saudáveis. Trabalhamos com o barro, moldamos, brunimos, lixamos criamos peças suportes e peças artísticas, trocamos conhecimento sobre queimas, temperaturas,

tempo de secagem, técnicas indicadas para a criação de determinadas peças. Enquanto alguns criam algo no torno, outros o fazem manualmente, sempre conversando e tirando dúvidas.

Os membros mais antigos do grupo ensinam os novos sobre os cuidados do ateliê, como sovar e moldar a argila, processos de secagem, tempo de queima e tudo relacionado às atividades. Geralmente, eu costumo fazer isso, por gostar de ensinar, de ver o brilho no olho da pessoa enquanto reflete sobre o processo que envolve a prática do grupo. O longo tempo em que frequento o ateliê, me deixa segura para responder as dúvidas, e é motivador acompanhar a empolgação do novo membro enquanto ele vai compreendendo o processo.

Figura 13 - **Berenice Bailfus**, *Oficina de troca de mudas*, fotografia, 2019.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Participo das atividades desde meados de 2017, e sempre fazemos o famoso “troca-troca” de plantas entre os membros, que são dispostas em uma mesa para escolha de todos (Figura 13). Ele acontece diversas vezes no ano para que todos tenham plantas a fim de montar seus mini jardins para a exposição no final do ano. Também realizamos oficinas de sabão com óleo de cozinha usado, visando conscientizar os participantes sobre os prejuízos do descarte desse material para o meio ambiente. O sabão produzido é utilizado para limpar os utensílios do ateliê, assim buscando mudanças das atitudes cotidianas de cada um.

Outra oficina que considero importante destacar, é a oficina de terrário utilizando vidros reaproveitados, que passou a integrar as práticas desde 2017, quando Sônia Gamino a ministrou pela primeira vez. A atividade consiste em criar suportes para as plantas - reaproveitando vidros de conservas descartados pelos restaurantes de Pelotas – com atmosfera própria, sem acesso a da rua. Para isso, foi preciso estudar as plantas que se adaptam bem ao tipo de suporte, como também considerar a nutrição e cuidados para que elas possam se desenvolver neste ambiente (Figura 14).

Figura 14 - **Dalva Lopes**, *Oficina de Terrários em vidros*, fotografia, 2017.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Outra oficina importante é a de esmaltação da cerâmica a base de cinzas retiradas de lareiras, fogões e fogueiras, tornando o esmalte, um material de alto custo no mercado, acessível a todos os frequentadores do ateliê. A prática, ministrada por Angélica Marques, membro do grupo, consiste na mistura das cinzas com água, argila e outros ingredientes químicos. O processo é demorado por conta das etapas de decantação, secagem, quebra e mistura, demandando semanas para a finalização, resultando num excelente esmalte esverdeado.

O esmalte possui a função de proteger, dar brilho, embelezar e tornar utilizável algumas peças de cerâmica, por isso a sua importância. Com a oficina, todos tiveram acesso a uma esmaltação de baixo custo. Na imagem apresentada a seguir (Figura 15) vemos a etapa de coar a cinza após dias em processo de decantação, um processo que precisa ser repetido várias vezes para a retirada de todos os fragmentos de madeira da água.

Figura 15 - **Sônia Gamino**, *Oficina de esmalte de cinza*, fotografia, 2019.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Outra oficina muito requisitada é a de Kokedama, uma técnica japonesa que surgiu no século XVII. Ela consiste em envolver uma planta com terra e musgos formando um vaso sustentável. Primeiro é escolhida a planta, após é criada uma “cama” de formato esférico, moldando com as mãos uma mistura de terra, água, argila (a quantidade escolhida dessa mistura resultará no tamanho da sua kokedama) em formato esférico, logo é acoplada delicadamente a planta na mistura, mantendo o formato de bola. A seguir é acrescentado o musgo no entorno, de forma a montar uma pequena capa na esfera, que é envolta com fio de barbante ou lã para fixar o musgo. O acabamento fica por conta de cada pessoa, podendo até fazer amarras para deixar a planta suspensa.

Figura 16 - **Grupo Minijardim**, *Oficina de Kokedama*, fotografia, 2019



Fonte: Acervo do Minijardim.

Esta oficina é muito solicitada no ateliê, principalmente por seu caráter de cultivo ecológico, já que a técnica dispensa o uso de vasos. Com isso, ela se repete seguidamente, sempre com muitos interessados. Alguns dos resultados são apresentados nas exposições do grupo por ser algo sustentável e criativo, o que está de acordo com a proposta das exposições, encantando os olhos e despertando muita curiosidade. Trago a cima um exemplo da atividade (Figura 16) com os resultados da última oficina que o grupo realizou antes da suspensão das atividades na UFPel.

Para a realização da oficina de Kokedama, o grupo geralmente leva várias mudas para livre escolha de cada participante, que eram ministradas por Dalva Lopes, uma das mentoras do projeto. Porém, ultimamente essa é uma das minhas atribuições, assim como o cuidado, organização e monitoramento das ações do grupo no ateliê. Com o aval da Dalva, tenho praticado as oficinas com o grupo e também já desenvolvi a atividade em disciplinas do curso de Artes Visuais, voltadas ao diálogo entre Artes Visuais e consumo no contexto contemporâneo.

Figura 17 - **Dalva Lopes**, *Suportes caricatos*, fotografia, 2018



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na maioria das vezes, os encontros versam sobre a criação de peças em argila, e alguns são temáticos, como o que ministrei em 2018, enfatizando a criação de caricaturas nas peças. Essa é uma prática muito lúdica por instigar o potencial criativo de forma alegre e descontraída (Figura 17).

2.2 Os mini jardins e suas apresentações

Minijardim virou sinônimo de tudo que acontece no ateliê durante os nossos encontros e seus resultados. “Essa exposição é do Minijardim”, “Esses trabalhos são do Minijardim”, “Foi o Minijardim quem fez”, “Tu vais no Minijardim hoje?”, são exemplos de frases relacionadas ao grupo e suas atividades. Porém, o significado vem da ideia preliminar de um pequeno jardim, tendo como suporte uma ampla gama de objetos, a escolha do autor:

Um vaso quebrado, uma pequena bandeja, peças de cerâmica, conchas, latas vazias de sardinha e até rolha são materiais que podem ser utilizados para construir um minijardim, sim um jardim com plantas naturais de pequeno porte. O resultado é surpreendente e acima de tudo criativo (JUSSARA, 2014, p. 8).

Para atingir sucesso, é preciso colocar terra apropriada ao tipo de planta utilizada. Geralmente as escolhidas são cactos e suculentas, plantas sugeridas por Dalva no início do projeto, mas hoje incluímos musgos, avencas e outras plantas ornamentais. Escolhidas as plantas, é preciso criar uma harmonia entre elas, como explica Dalva:

O próximo passo é acomodar as mudas, plantando-as de maneira a obter um harmônico jardim. A partir desses arranjos é possível observar como funciona um ecossistema, pois estes servem como uma versão em miniatura da biosfera. Poder acompanhar essas transformações da natureza exige vários cuidados (CIRNE, 2018, p. 5).

Como podemos notar, a criação de um pequeno jardim, considerando a seleção das plantas, escolha ou feitura do suporte, conhecimentos sobre os cuidados necessários para a sua vitalidade e decisões acerca da estética visual, exigem muito trabalho e, acima de tudo, um olhar atento a cada uma das questões mencionadas, fazendo com que um trabalho desse porte desperte no criador e no observador diversas questões pertinentes ao contexto contemporâneo. Como mencionou Dalva, um pequeno jardim pode nos fazer pensar sobre a grande biosfera que nos rege, a importância dos ecossistemas para a garantia da vida na Terra, a nocividade de nossas ações cotidianas ao planeta no nosso cotidiano, abrindo um leque de possibilidades para nos tornarmos pessoas melhores, focadas no bem comum e numa vida saudável para seres humanos e não humanos.

A experiência estética propiciada pela criação ou observação de um jardim é algo que somente a arte pode nos proporcionar, por despertar diversas sensações, desejos e sentimentos. Um pequeno jardim pode ultrapassar a ideia de um suporte com plantinhas e nos transportar para os nossos mais profundos devaneios, permitindo o desabrochar de experiências singulares. Para o grupo, cultivar um jardim e cultivar afetos transitam os mesmos caminhos:

Tão importante quanto criar jardins é a convivência do grupo. No interior do largo galpão, com janelas para a área verde do campus, vive-se outro ritmo perante o frenético cotidiano urbano. O projeto trabalha com a desaceleração, buscando a calma, a serenidade e o contato com o outro. É também uma maneira de estar junto (CIRNE, 2018, p. 5).

Desconectados das correrias do cotidiano, o tempo passa despercebido nas tardes de atividades coletivas. O barro dita a frequência das ações e tudo anda devagar e natural. O grupo busca essa valorização ou desprendimento do domínio do tempo, querendo simplesmente estar ali, vivenciando o tempo diferenciado, a conversa, as amizades e a fruição de tudo que acontece ali:

A industrialização vai distanciando o homem dos ritmos “naturais”, e nessa transformação, o homem se afasta da “natureza”, perdendo seu equilíbrio e harmonia. A relação do homem urbano com os objetos é permeada de um imediatismo, tamanha a quantidade de objetos que são continuamente substituídos em nosso cotidiano. Isso acarreta um aumento de velocidade no modo como percebemos o mundo. Esta velocidade é responsável por uma condição de alienação em que vivemos, já que tudo é consumido, coisas são consumidas, informações são consumidas (DAMÉ, 2007, p. 26).

É importante para o grupo o compartilhamento do chimarrão e do café coletivo, que representam bem mais do que uma bebida ou alimentação. Trata-se de compartilhar vivências, momentos que são de extrema importância para a saúde vital de cada um dos presentes. Tem dias que vamos ao ateliê somente pela convivência, para rever os amigos, alimentar as amizades e recarregar as energias para encarar o mundo agitado fora do CA. Nas tardes no ateliê existe uma energia que emerge do cheiro, do toque, do olhar que fica no ar contagiando a todos que o frequentam.

Esse é um poder que emerge do contato com a terra/barro, e buscamos compartilhar com a comunidade um pouco dessa energia vital através das exposições. E meu primeiro contato com os Mini Jardins se deu na primeira exposição coletiva que o grupo realizou no Hall do Centro de Artes, em 2014.

Nessa época, estava nos primeiros dias como acadêmica da licenciatura em Artes Visuais e tive uma experiência inexplicável ao me deparar com os pequenos jardins dispostos sobre as mesas nas laterais da entrada. Lembro do mediador, que também era um dos expositores, explicando todo o processo da criação, exigindo tempo, paciência e muita dedicação. Todos os trabalhos expostos eram únicos, autênticos, criativos e encantadores (Figura 18), e representavam uma parada oxigenante no fluxo de trânsito do local. A possibilidade de conectar arte, cerâmica e plantas foi algo que me instigou, e nos anos seguintes comecei a buscar aproximações com aquele pequeno grupo.

Figura 18 - **Rejane Brayer**, *Exposição Minijardins 2014*, fotografia, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Em algumas disciplinas, somos instigados a visitar exposições, escolhendo trabalhos que nos possibilitem pensar sobre práticas pedagógicas pertinentes, problematizando questões pertinentes ao ensino das Artes Visuais. Em 2016, como atividade da disciplina Fundamentos do Ensino das Artes Visuais I, ministrada pela professora Cláudia Brandão, visitamos a exposição Minijardim, no Espaço de Arte Daniel Bellora (Figura 19), o que me instigou ainda mais. Tínhamos como objetivo analisar um dos pequenos jardins, e a possibilidade de entrevistar seu criador fez com que as relações envolvidas nas práticas se tornassem mais claras e possíveis. O jardim que escolhi estava baseado na prática do cultivo sustentável. O artista o criou com recursos naturais visando “descartá-lo” após a exposição num espaço natural. E a ligação entre Arte e sustentabilidade, explorada pelo artista, me instigou mais ainda a pesquisar sobre o tema.

Figura 19 - Dalva Lopes, Cartaz da Exposição Minijardim 2016, fotografia, 2016



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na sequência cursei a disciplina Introdução à Cerâmica e quando vi já estava ativa no projeto, convivendo em um grupo muito acolhedor com os novos membros, o que me propiciou uma rápida adaptação às atividades.

Minha primeira participação em exposição coletiva se deu durante a 2ª Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão - UFPEL/2016. Os trabalhos foram expostos numa mesa ao ar livre e sempre tinha muitas pessoas em torno da mesa questionando sobre os trabalhos e as práticas do projeto. Nesta exposição participei com seis trabalhos, quatro deles mini jardins e duas peças em cerâmica. A mostra permaneceu durante um dia, e foi organizada pela professora Ana Paula Barbosa, a primeira substituta do professor Damé, junto com a Dalva Lopes.

Na sequência, em 2017, assumiu as disciplinas de Cerâmica a professora Marlene Ramirez, mantendo ativa as atividades do Minijardim, tanto os encontros semanais como a exposição final, na Secretaria da Cultura – Secult, Casarão 2 do Centro Histórico de Pelotas. Esta proposta acolheu diversos expositores e os jardins apresentaram variados formatos, assim como os suportes utilizados: troncos, cerâmica, chaleiras, caixas de madeira, vidros, vasos e materiais reaproveitados.

Na mostra de 2017, apresentei quatro trabalhos (Figura 20), todos com base em cerâmica. A criação deles me fez refletir sobre a potência da criação artística em argila aliada ao cultivo de plantas, impulsionando a reflexão sobre a importância dos cuidados com a natureza e a sua fragilidade, exigindo uma reformulação do olhar em

relação aos cuidados com o planeta. Como é de amplo conhecimento, mas muitas vezes ignoramos, o espaço por nós habitado é a nossa única garantia de vida, por isso é urgente e necessário que realizemos práticas que visem a garantia de sua saúde.

Figura 20 - **Berenice Bailfus**, *Exposição Mini Jardins 2017*, fotografia, 2017



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Vejo a proposta de reaproveitar materiais, inserida nos trabalhos do grupo, como um ponto importante do projeto. Isso, pois tentamos por meio do cultivo de um jardim, algo também muito instigante, estender o prazo da vida útil de objetos, por vezes inseridas no mercado para um único propósito. Essa possibilidade amplia nosso poder de reflexão em relação ao consumo e as demandas originárias do sistema em que vivemos. E, como pontua Krenak, argumentando em prol do nosso desprendimento dos padrões impostos pela sociedade capitalista:

Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa

mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair. (KRENAK, 2020, p. 57).

Através do cultivo de pequenos jardins temos a oportunidade de frequentar um contra fluxo, apreciando a vida brotar em miniatura. Por vezes eles estimulam o potencial reflexivo do sujeito, permitindo o olhar atento às formas complexas e singelas. Esses pequenos universos aludem aos ecossistemas que regem a vida na terra, e podem ser considerados uma pequena versão da Biosfera (CIRNE, 2018). Quando estamos criando um pequeno jardim, nos permitimos focar somente na prática, sem atentar para as ações que acontecem no entorno, como uma fuga criativa da vida cotidiana e seus desgastes. O resultado é equilíbrio, tranquilidade e satisfação, elementos essenciais para a nossa saúde vital que essas práticas proporcionam.

Os jardins que eu crio para participar das exposições, geralmente ganham novas casas para habitar, costumo doar para amigos em forma de presentes. Rompendo assim, com a ideia de que presente só é válido quando se compra em loja enrolado em um monte de papéis e plásticos desnecessários e poluentes ao planeta. Sabemos que a ideia de cuidados com um pequeno jardim pode surtir um efeito positivo nas pessoas. Por estarem cuidando de algo vivo é necessário pesquisar, conhecer e aprender sobre o cultivo de plantas, gerando talvez no sujeito pequenos dispositivos para pensar além daquela pequena paisagem.

Em 2019, já com o retorno do professor Damé, a Exposição: Mini Jardins 2019 aconteceu no Saguão de entrada do CA, com a duração de cinco dias, visto que ela não pode permanecer fechada no ambiente durante o final de semana, pois as plantas dos jardins precisam de nutrição, rega e luz.

Nesta exposição apresentei quatro jardins (Figura 21) bem diversificados entre si. Busquei aprimorar o poder do reaproveitamento, algo que ainda estava bastante latente em mim na época. Com isso reaproveitei cascas de frutos, vidros descartados, madeiras de caçambas e troncos de árvores. Também apresentei um jardim de base cerâmica e pigmentado com esmalte criado no ateliê a partir de cinzas de árvores reaproveitadas de fogões, lareiras e etc.

Figura 21 - **Berenice Bailfus**, *Peças de cerâmica*, fotografia, 2019



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A exposição foi bem acolhida pelo público, tivemos muitos visitantes. Por ser no CA, recebemos o nosso público habitual e também alunos dos diferentes cursos e profissionais que atuam no centro. Lembro de um dos dias em que fiquei responsável pela mediação, ter o recebimento em peso dos alunos da disciplina de fotografia de um dos cursos que o Centro de Artes engloba. É muito motivador para mim enquanto professora, poder contribuir de alguma forma para o desenvolvimento e conhecimento dos alunos.

Com a suspensão das atividades em 2020 por conta da Pandemia COVID-19, as atividades da UFPel foram suspensas por tempo indeterminado, sendo assim, as relacionadas ao ateliê também seguiram as normas estabelecidas. Portanto, o grupo que tinha por hábito os encontros semanais há anos, também foi afetado com a

restrição das atividades, mantendo o contato entre os membros ativos por meio das redes sociais.

Temos um grupo no *Facebook* intitulado “Minijardim 2015” onde os membros costumam divulgar conteúdos referentes às práticas em Cerâmica, cultivo de plantas, etc. Também temos um grupo no *WhatsApp* mais restrito, no qual somente os membros ativos participam. Nele são postados conteúdos cotidianamente, como também mantemos diálogos e buscamos manter práticas que são possíveis de relacionar com as nossas atividades, através da virtualidade. Realizamos compras de materiais como barros e utensílios de uso com a argila, como também estimulamos ideias coletivas.

Em 2020, ficamos preocupados, com receio de que o grupo se dispersasse, mas isso não aconteceu. Ao contrário, surgiu a ideia da realização de uma exposição coletiva virtual, e propus a este desafio, sendo a ideia acolhida pelo grupo. A exposição foi pensando considerando a realidade de acesso ao meio virtual do grupo, e acordamos sua realização através do *Facebook*. Dessa forma, seguimos com a proposta da criação da página virtual, dos jardins e seus registros pelos próprios participantes. Fazer o registro, dominar uma máquina fotográfica foi um desafio para alguns, mas a comissão organizadora (eu e outros dois membros ativos do grupo) criamos materiais para auxiliar tanto no registro dos trabalhos e no envio para a comissão.

Obtivemos vários retornos dos membros, empolgados com a exposição e curiosos em relação à aceitação do público com a nova proposta para apresentação dos jardins. A divulgação ficou por conta dos membros do grupo em suas redes sociais, e o registro dos visitantes foi contabilizado via acessos a página. E constatamos, que o espaço virtual trouxe para a exposição novos visitantes, pessoas que não costumavam frequentar os espaços físicos, ampliando assim, o público visitante.

Observamos que uma exposição no espaço virtual não consegue dar conta de mostrar o trabalho com muita precisão e plenitude como no espaço físico, talvez pelos poucos recursos e conhecimentos que tínhamos disponíveis na época. Sabíamos que a diferença entre os espaços e outras limitações poderiam causar estranheza nos membros, mas consideramos a necessidade da realização da exposição para o

projeto mesmo assim. Não o fazer quebraria uma sequência e hábito que o grupo já vinha desenvolvendo há muitos anos.

Neste ano, também não realizamos a vernissage como em anos anteriores, quando o grupo contribuiu com comidas e bebidas para vivenciarmos um momento significativo para nós, de partilha da alimentação em torno de uma mesa e comemoração pelo momento. Sentimos falta também do momento de euforia na abertura, os abraços calorosos e afetivos entre os amigos, visitantes e expositores, a emoção do momento de apresentar algo novo para alguém e as reações dos visitantes ao avistar os jardins. Tivemos que nos contentar com *likes* em formato de caras que determinam algum tipo de expressão e sentimento. Porém, pensando no contexto virtual, podemos considerar que a atividade foi exitosa. A exposição contou com diversos trabalhos que podem ser conferidos na página disponível até esse momento, não tendo previsão de retirada⁴.

Figura 22 - **Berenice Bailfus**, obras expostas na *Exposição Minijardim 2020*, fotografia, 2020.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

⁴ Exposição Minijardim 2020. Disponível em: < <https://www.facebook.com/ExpoVirtualMiniJardim2020> >. Acesso em: 02 out. 2021.

Para esta exposição, participei com quatro trabalhos (Figura 22), sendo que em dois deles considerei os princípios da bioconstrução na sua criação. Nos outros dois, considerei o reaproveitamento de materiais, a cerâmica, a estética e cuidados com as plantas, como nos jardins anteriores. Na criação destes trabalhos estava ainda mais ligada as ideias de conservação da natureza e muito imbricada na escrita da primeira parte da dissertação. Respingando de certa forma no resultado dos jardins apresentados. Algumas bases dos trabalhos, em cerâmica, já estavam prontas desde antes da pandemia. Sendo assim, as outras peças criadas para o evento não foram levadas ao forno, pois queria expor elas em barro cru, para instigar o pensar sobre as técnicas que permeiam as construções saudáveis, baseadas em materiais que visam não poluir e degradar menos o planeta possível enquanto são utilizados na construção.

Os trabalhos foram bem acolhidos pelo público, principalmente o que consiste em uma casa criada de barro cru e a cobertura remetendo a ideia de teto verde, técnica bastante utilizada na bioconstrução. Ele foi criado tendo como base, uma caixa de doces reaproveitada e para seguir a ideia dos jardins, foram adicionadas as plantas cuidadosamente. Não sabemos exatamente como foram as reações do público, mas consideramos as curtidas na imagem como forma de aceitação e aprovação.

Como a pandemia não acabou, novamente estamos organizando uma exposição virtual. Como eles estão sem peças de cerâmica, sem mudas de plantas e um pouco desmotivados por conta da ausência da prática em ateliê, a comissão acordou que em 2021 a exposição assumirá um caráter efêmero, justamente para incentivar os membros à criação em barro cru, retomando assim suas práticas. A exposição, intitulada Exposição Minijardim 2021 Efêmera.

Discorrendo sobre a história de vida do projeto, considerando a troca de professores, os períodos em que o grupo se autoadministrava, e agora distante do ateliê, e mesmo assim se mantendo ativo, considero possível relacionar tal trajetória ao conceito de autopoiese (MATURANA, VARELA 1997) proporcionado aos seus membros.

O conceito discorre sobre a capacidade que um ser vivo possui de se desenvolve e de se autorregular, autoformar e se transformar de forma autônoma. Sendo assim, consigo ver relações próximas com o grupo Minijardim, que consegue se manter vivo e ativo mesmo quando não possui um professor supervisionando,

produzindo de acordo com suas necessidades e desejos. Com isso, buscam a realização de oficinas que versam sobre as suas pautas, assim como a oficina de troca de mudas e todas as outras que aconteciam no ateliê. Sentimos a necessidade e criamos algo para suprir e completar a falta, sendo produto e produtor, considerando a utilização dos recursos do meio ambiente, exercendo autonomia e dependência.

...utilizaram uma metáfora didática para falar dos sistemas autopoieticos que vale a pena reproduzir aqui. Para eles, trata-se de máquinas que produzem a si próprias. Nenhuma outra espécie de máquina é capaz de fazer isso: todas elas produzem sempre algo diferente de si mesmas. Sendo os sistemas autopoieticos a um só tempo produtores e produtos, pode-se também dizer que eles são circulares, ou seja, funcionam em termos de circularidade produtiva. Para Maturana, enquanto não entendermos o caráter sistêmico da célula, não conseguiremos compreender adequadamente os organismos. (MARIOTTI, 1999, n. p).

Podemos, portanto, considerar que as mudanças ocorridas ao longo do tempo com o projeto enfatizam o seu caráter sistêmico, promovendo-o também em cada participante. O projeto sempre se adaptou muito bem ao novo, interagindo e compreendendo o mundo de acordo com sua estrutura. Nesse sentido,

A questão é saber de que modo essa circunstância pode ser aplicável às sociedades humanas. Se o conceito de autopoiese dos indivíduos for aplicado à organização social, esta pode ser vista como um sistema autopoietico de primeira ordem. Nessa linha de raciocínio, a autopoiese das pessoas seria subordinada à da sociedade, e assim seria eticamente justificável o sacrifício dos indivíduos em favor desta (MARIOTTI, 1999, n. p.)

E assim, considero que o mundo em que vivemos é constituído a partir da forma que compreendemos ele, compreensão essa, aflorada por meio da nossa percepção.

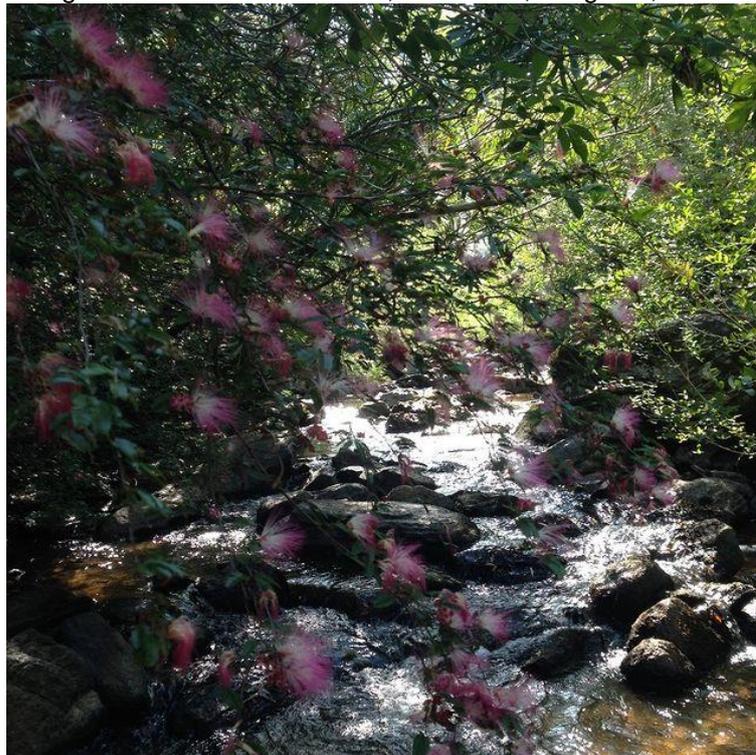
2.3 Encontros para além do CA, considerando a presença da natureza e o conceito de autopoieses

Com a convivência, o grupo se tornou bastante afetivo, e com isso as identidades foram aflorando, inclusive sugerindo atividades para além dos encontros semanais. E esse foi um processo natural. Sendo assim, os membros que gostam de sair à noite para lazer foram se aproximando, também aqueles que gostam de frequentar exposições artísticas e os que são muito ligados a natureza também. E é sobre este último grupo que pretendo me debruçar nos próximos parágrafos.

O grupo adquiriu o hábito de fazer passeios para os espaços naturais, somente com data e horário previstos. Sabemos que vamos ao encontro de natureza e calma, mas jamais determinamos lugares. Geralmente saímos para desbravar a zona rural de Pelotas e Morro Redondo, com o intuito de encontrar mudas de plantas, conhecer a zona rural e perder-se na natureza para recarregar as energias através do contato com a natureza. Perder-se em meio às matas com amigos é algo que o grupo compartilha. Louv sugere fazer essa prática com a família, mas sabemos que somos uma grande família. Nas palavras do autor:

As famílias podem ser unidas, ao longo de gerações, por paixões compartilhadas pelo beisebol, por algum negócio familiar ou por outros interesses comuns – mas a natureza tem o seu próprio poder. Que melhor maneira de fugir ao barulho constante e insuportável da vida moderna e ter a oportunidade de passar momentos agradáveis com outra pessoa do que um passeio pelas matas? (LOUV, 2014, p. 163).

Figura 23 - **Berenice Bailfus**, *Zona rural*, fotografia, 2019.



Fonte: Arquivo pessoal.

A prática tornou-se uma constante entre os membros, pois estar em meio a natureza, onde a internet não funciona, o fluxo dos carros passa longe, é algo compensador. O ar que emana das plantas e se mistura com o cheiro do solo, entra por nossas narinas e atua com um processo de purificação de tão limpo e perfumado

que é. A cor que emana do espaço revela diferentes tonalidades de verde. São cores vivas oriundas das flores do espaço (Figura 23) que nos fazem esquecer o cinza da selva de pedra do nosso cotidiano.

A natureza em abundância nos surpreende em suas formas naturais, basta um olhar atento a um ninho de pássaros, a uma folha, ao barulho da água que corre e ao canto dos pássaros que se cruzam harmonicamente. O dia passa diferente em meio a natureza, sendo assim, nos perdemos no tempo sentados embaixo de uma árvore. As mudas que colhemos são de plantas da região e colhemos com o cuidado para que a planta mãe mantenha-se saudável.

2.4 O contato com o barro e os proventos que ele emerge na vida, no corpo e nas relações dos membros do Minijardim

No início do ano de 2020, pensando sobre o afastamento do ateliê e das práticas em argila por conta da Pandemia COVID – 19, surgiu a ideia de questionar e problematizar sobre as potencialidades do contato com a argila e todos os benefícios que essa troca proporciona para os participantes do Minijardim, que se engajam nele por vontade própria, já que o projeto não contabiliza e nem cobra presença dos participantes. Com isso, tive a ideia de criar um questionário que pontuasse a potência e os benefícios desse contato semanal com o barro e as práticas relacionadas a ele, na vida dos membros do grupo e disponibilizei no grupo privado dos membros. Estávamos no início de uma saudade, considerando isso, era possível pontuar e falar sobre esses adjetivos com muita veracidade.

A questão lançada para o grupo pedia respostas sobre a potência do barro na vida, mente e processo criativo dos membros do grupo. Por conta do longo processo de acompanhamento do grupo, sabíamos que o contato semanal era responsável por desencadear diversos benefícios para o grupo enquanto artistas e participantes. Seguem as indagações: Qual a importância do contato com o barro para ti e como isso afeta tua vida cotidianamente? O que tu sentes quando entras em contato com a argila e o que isso desencadeia na tua mente, corpo e processo criativo?

Em torno de cinco pessoas enviaram suas respostas, algumas com um nível de semelhança e outras nem tanto. O contato, o moldar, o estar no ateliê transforma as ações, os sujeitos e o meio, e tudo se modifica de uma forma harmônica e saudável.

Como constatado por meio das respostas, as práticas semanais permitem para um dos sujeitos a oxigenação dos pensamentos, visto que elas possibilitam aos sujeitos se transportarem para lugares distante no tempo, fazendo o resgate de memórias de infância, tão importantes na processual formação humana, conforme nos aponta o sujeito “4”:

O trabalho manual me traz uma memória afetiva, do tempo de infância, quando acompanhava minha mãe em cursos de artesanato, confecção de flores, pinturas, etc. Creio que a argila me permite resgatar estas memórias e me traz muita paz. Um contato com sentimentos muito individuais. A argila permite pensar o inexistente, o bruto e a possibilidade de criação a partir do zero, isso muitas vezes me assusta! O desconhecido que pode surgir de mim do nada! Mesmo que a técnica não seja muito elaborada, e não é, o pensar fazer, pensar possibilidades já é um caminho para o crescimento (APÊNDICE D)

Conforme nos aponta Josso, as experiências por nós vivenciadas, como o simples sovar do barro, podem nos levar a resgatar memórias enfáticas. Memórias essas que nos trazem sentimentos potentes de uma época, de uma vivência que potencializou a nossa formação. E ainda fazendo conexões importantes do ontem com o hoje na contribuição da nossa constituição.

São as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado das coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade, um encontro. (JOSSO, 2004, p. 40).

Outros dois membros pontuaram que o contato com o barro e as práticas no ateliê, proporcionam a eles um perder-se no tempo, desconectando-os das preocupações cotidianas. Em tempos de extrema correria, no qual lutamos para manter o equilíbrio de nossas atividades, uma gritando mais alto do que a outra em nossa mente, pontuadas por um ritmo compassado pelo sistema capitalista em que vivemos, que nos leva a crer que nada mais somos do que geradores, a nossa humanidade está ficando para trás:

Hoje em dia, as coisas ligadas à temporalidade envelhecem muito mais rapidamente do que antes. Tornam-se instantaneamente em passado e, assim, deixam de captar a atenção. O presente reduz a picos de atualidade. Já não dura. Frente ao domínio de um presente pontual e sem consciência histórica. (HAN, 2016, p.17).

Hoje demorar-se em algo pode ser visto como perda de tempo por muitos, mas não na Arte, e o projeto não funciona a esta maneira. Ao contrário, permitir-se perder-

se nas horas é um grande avanço, faz parte das ideias ali imbricadas. Quando se está criando uma peça, o tempo passa devagar, pois o criar requer calma e serenidade.

Uma única peça leva muitos dias para ficar pronta, como acontece até a etapa da “biscoitagem”. Primeiro é preciso misturar os tipos de argila, após é preciso passar por uma máquina que faz uma sova mais elaborada dos elementos, em seguida passa pela sova manual para retirar água e alcançar a maleabilidade desejada. Então, avança-se para a parte da criação, em seguida secagem, lixamento, brunição e forno. Ou seja, esse processo, que sintetizei aqui, demanda em torno de um mês para a conclusão de uma única peça.

Se a mesma peça for servir de suporte para jardins, leva-se em torno de mais uma tarde para a criação. Como lidamos com organismos vivos, o cuidado com o pequeno jardim pode acarretar o tempo de vida das plantas ali presentes.

O tempo, segundo Han, ganha vida e aroma justamente quando nos desvencilhamos e respeitamos ele. Quando nos permitimos sair das atividades cotidianas e mergulhar na criação de uma peça em argila, de um pequeno jardim, estar em grupo, trocar afeto com o outro, além de ponderar sobre questões pertinentes aos cuidados com o planeta, estamos “perfumando” o tempo, pois:

O tempo começa a ter aroma quando adquire uma duração, quando ganha uma tensão narrativa ou uma tensão profunda, quando ganha em profundidade e amplitude, em espaço. O tempo perde o aroma quando se despoja de qualquer estrutura de sentido, de profundidade e amplitude, quando se atomiza ou aplanar, se enfraquece ou se abrevia (HAN, 2016, p. 32).

Além da questão do tempo, foi pontuado por um dos membros do grupo, que não se sabe quem molda quem, se é o sujeito que molda o barro ou se é o barro que molda o sujeito. E isso acontece por conta do poder que a complexidade de todo o processo e suas correlações proporciona, da junção das tantas propriedades positivas e benéficas constatadas, tanto no que se refere ao poder do contato com o barro, quanto na potência afetiva presente entre os membros, já que o espaço permite essa fruição.

Também foi abordado por um dos membros, a potência terapêutica que o barro possui, que por sua vez não é o foco desta escrita, mas que acho importante ponderar sobre. Foi descrito as potencialidades que o toque na textura molhada e fria desencadeia no sujeito. Fatos como quietude da alma, equilíbrio físico, mental e emocional, como também uma troca silenciosa entre o sujeito e o barro que ativa o

potencial criativo deixando um pouco do sujeito no barro e um pouco do barro no sujeito. O tocar no barro pode nos abarcar de todos esses benefícios e muitos outros quando nos permitirmos sentir corpo/mente o seu potencial. Ele quem define o resultado final. Conforme nos relata o sujeito “1”:

O barro para mim é uma arteterapia, o contato com ele traz uma pausa no pensar pois, desencadeia uma quietude na alma que me reestabelece o equilíbrio físico, mental e emocional causados pelos conflitos do dia a dia. É no silêncio da conversa com o barro que me esqueço literalmente para refletir naquilo em que o mesmo pode se transformar, é onde defino a sua forma e como realizá-la, exercendo assim meu potencial criativo através das mãos. Assim, o barro se converte naquilo que me representa, pois nele fica um pouco de mim, do meu existir, do meu espírito (APÊNDICE A).

Conforme relatado, muitas das vezes vamos ao ateliê sem propósito de uma criação específica, simplesmente ficamos sentados em torno da mesa, sovando, trocando energia sem ter como objetivo uma peça final. Há dias que o encontro é somente para recarregar a nossa energia vital por meio de conversas, sorrisos e afetos. O sujeito “3”, relatou que o contato com o barro, lhe trouxe autoconhecimento, e que o barro dita seu tempo, sua forma, modelando o sujeito que o molda. Também destacou que o barro atua como um professor que ensina constantemente sobre foco, desapego, paciência, etc...

Começar a trabalhar com o barro me proporcionou autoconhecimento. Diferente de outros materiais com os quais já trabalhei o barro parece ter vida própria. Com o tempo fui percebendo que não só eu o modelava, mas ele modelava a mim também; meu corpo e minha mente. Eu o modelo, mas ele muda com o tempo. O barro me diz como posso ou não trabalhar. Ele tem o tempo dele que é diferente do meu. Paciência, foco e disciplina são coisas que o barro ainda hoje, mesmo depois de 3 anos trabalhando juntos, me ensina. Assim como o desapego. Ele sempre volta pra natureza e/ou se transforma em outra coisa. Geralmente não penso no que vou fazer, a peça surge da interação com ele naquele momento. A peça vai aparecendo pra mim. Há dias que não sai nada, passo horas sovando o barro. Entretanto, algo sai de mim. Me sinto mais leve nesses momentos. Quando uma peça está pronta vejo nela uma parte importante de mim, do meu tempo, do meu corpo, do meu estado psicoemocional. Sei que outros podem se sentir assim trabalhando, lidando e se relacionando com outros materiais. Mas, pessoalmente, na minha relação com o barro a 'modelagem' é mútua (APÊNDICE C).

Foram poucos que responderam às questões, considero dizer que o grupo não prioriza a escrita e sim a prática. Com isso, recolher material deles por este meio é mais difícil. Mas como podemos ver, por meio das respostas de alguns dos membros do grupo, o contato semanal abrangia muitos benefícios para os membros. E essa longa ausência por conta da pandemia pode estar lhes afetando. Sabemos que muitos

só permitem o contato com o barro quando estão no ateliê, desencadeando com isso uma série de necessidades.

O projeto Minijardim possui muito história que poderia se estender para mais algumas páginas, mas me deterei por aqui concluindo que todas as suas ações e práticas surtem efeito bastante positivo na comunidade que tem por hábito frequentar o grupo.

Também podemos constatar que suas ações podem ser consideradas benéficas para o meio ambiente, visto que suas práticas atuam no sentido de agregar benefícios não somente aos membros, mas visam um olhar atento e sustentável para as questões referentes ao cuidado com as vidas do planeta. Sabemos que para resultados que surtam efeito em grande escala, precisamos de articulações de todas as esferas globais, como já pontuava Guattari (2001), mas acreditamos que as pequenas ações do grupo, atuam em forma de teia, uma ação leva a outra ação, na qual, uma vai estimulando a outra. E assim sucessivamente.

3 FORMAÇÃO LIVRE DIÁLOGANDO COM A AUTOPOIESIS

Este capítulo se divide em dois momentos pertinentes para o seu desenvolvimento, nas quais dialogam entre si. A primeira parte se debruça sobre a Pedagogia Waldorf, aplicada no espaço de Infância Guayí Mirim na cidade de Pelotas-RS, que atende crianças nos primeiros anos que antecedem a educação básica. A escolha por uma entrevista com a coordenadora foi a prática viável ao momento, visto que a pandemia Covid – 19 ainda permanece fazendo novas vítimas e fomentando novas cepas. A escolha pela abordagem dessa pedagogia especificamente foi por identificar relações entre o pensamento pedagógico e as práticas no Guayí Mirim com a pesquisa, estabelecendo um diálogo entre as problematizações apresentadas na dissertação e as referidas práticas pedagógicas, visto que ambas prezam pelo viver em liberdade, o olhar atento ao espaço em que se habita, o contato com o meio natural, o considerar dos limites dos meus direitos e dos direitos do outro, além de considerar que o aprendizado é um desenvolvimento pleno de todos os sentidos, a relação com a natureza é bastante pontuada.

No segundo momento me debruço sobre o conceito de Autopoiesis, de Humberto Maturana e Francisco Varela, relacionando-o a minha formação enquanto professora/artista e ser humano em constante processo de desenvolvimento. Segundo os autores, o ser humano é capaz de se autoformar e se autodesenvolver, avançando em seus processos de formação sem desconsiderar a potência do espaço que o envolve, realizando trocas com o contexto vivencial, mutuamente influenciáveis.

Para fomentar a escrita abordo alguns processos vivenciados e alguns trabalhos inspirados numa poética vinculada à Arte/Natureza, desenvolvidos durante a formação acadêmica e no período pandêmico. Trabalhos esses que enfatizam o despertar de um olhar atento às pequenas belezas que a natureza nos oferece, poetizando simbolicamente a necessidade de cuidados com o nosso planeta através das instigações reflexivas que as imagens podem nos permitir experimentar.

3.1 Práticas da Pedagogia Waldorf no Jardim de Infância Guayí Mirim

A Pedagogia Waldorf diz respeito a práticas educacionais que prezam pelo contato natural das crianças com brincadeiras e atividades afetivas, priorizando a

liberdade, o autoconhecimento e o desenvolvimento pleno de seus direitos e o direito do outro (Jardim de Infância Guayí Mirim, 2021). E essa é a base que estrutura as atividades desenvolvidas no Jardim de Infância Guayí Mirim, localizado em Pelotas (RS), atualmente localizado na Rua Benjamim Constant, 1433. No momento da escrita desta dissertação, o espaço acolhe oito crianças, em função da limitação por conta da pandemia. O espaço recebe crianças a partir dos dois anos de idade, atendendo atualmente crianças entre de dois anos e meio a seis anos, idade que antecede as séries iniciais da educação básica.

Tínhamos como ideia inicial desta pesquisa o desenvolvimento de atividades de Artes neste espaço, porém, com a pandemia, os planos foram refeitos e ajustados à situação atual. Frente a isso, optamos pela realização de uma entrevista estruturada com a coordenadora da Guayí Mirim, a professora Junelise Pequeno Martino.

Antes de abordar a entrevista e para melhor compreensão das práticas desenvolvidas no Jardim de Infância, trago uma breve descrição da sua inspiração pedagógica que o diferenciam dos demais jardins de infância da cidade, explicando de início a sua origem, o que ela visa e no que se baseia.

Correspondendo às suas raízes linguísticas, a palavra Antroposofia (do grego Antropos – Homem e Sophia – Sabedoria) significa sabedoria a respeito do homem. Elaborada, em seus princípios, pelo filósofo e cientista austríaco Rudolf Steiner (1861 – 1925), procura satisfazer a busca de conhecimento do homem moderno a respeito de si mesmo, procurando responder recorrentes perguntas do ser humano: Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? Qual é o sentido de minha existência (JARDIM DE INFÂNCIA GUAYÍ MIRIM, 2021)?

Baseada na Antroposofia, que tem como principal característica a busca do saber dos seres humanos, a escola privilegia questões que auxiliam a compreensão da vida, visando proporcionar aos seus estudantes o entendimento do sentido e do valor do mundo ao redor naturalmente. Desconectada de práticas vinculadas ao capitalismo e à aceleração das rotinas, que nos apartam de relações diretas com a natureza e nos formam para atender às necessidades do mercado, a pedagogia adotada pontua o respeito a tudo que norteia o cotidiano de crianças livres para brincar, escolher e viver plenamente.

A pedagogia Waldorf teve sua origem na Alemanha, com intuito de atender os filhos dos operários das fábricas, passando por momentos de proibições no período nazista e logo após se expandindo para outros países, inclusive, o Brasil:

A primeira Escola Waldorf surgiu em 1919, na Alemanha, sob a orientação de Rudolf Steiner. Ela foi criada a pedido de um industrial, para atender aos filhos dos operários e funcionários da fábrica de cigarros “Waldorf-Astoria”. Depois seguiram-se outras fundações também na Inglaterra e Holanda. Durante o 3º. Reich, as escolas foram proibidas, mas, depois de 1945, foram reabertas. Houve um crescimento constante do movimento e hoje, as Escolas Waldorf formam uma rede de ensino de mais de 1100 escolas em todos os continentes. No Brasil, a primeira Escola foi criada em 1956, em São Paulo (JARDIM DE INFÂNCIA GUAYÍ MIRIM, 2021).

O espaço localizado em Pelotas resulta da expansão dessa pedagogia pelo Brasil, com vistas à formação de sujeitos autônomos, que vivam de forma consciente, respeitando o outro e o meio ambiente de forma afetiva e fraterna:

Fundamentada na Antroposofia, pretende formar indivíduos livres para fazer suas escolhas e atuar no mundo com consciência dos seus direitos e dos direitos dos outros, e também capazes de olhar para o outro e para si com responsabilidade de fraternidade. Tem como base o desenvolvimento integral do ser humano (corpo, alma e espírito) respeitando o desenvolvimento individual (JARDIM DE INFÂNCIA GUAYÍ MIRIM, 2021).

Portanto, seu projeto político pedagógico considera a relevância de todos os sentidos humanos para o desenvolvimento de sujeitos íntegros, reflexivos e críticos, igualmente valorizando razão e sensibilidade. Nesse sentido, o jardim de infância se esforça para ser um espaço de aprendizado baseado nas ideias que norteiam uma casa comum, considerando a ideia de “casa de vó”. Isso, pois para essa pedagogia é importante que as crianças aprendam tendo várias possibilidades, sem deixar de ser um ambiente acolhedor.

Dessa maneira, o espaço também conta com uma cozinha, lugar no qual as crianças aprendem sobre os grãos, destinando um dia da semana para cada grão, estimulando práticas voltadas a uma alimentação saudável. O pátio, com árvores e com um espaço considerado disponível, é muito privilegiado em atividades especificamente planejadas, pois o contato com os elementos da natureza é uma prioridade para a instituição. As brincadeiras e o aprendizado são voltados para a liberdade da criança, plena em seus direitos e nos direitos dos demais, o contato com a natureza e o viver saudável. As crianças aprendem brincando, e com isso o aprendizado se perpetua sem que seja um esforço, visto que acontece naturalmente:

A premissa para um jardim de infância Waldorf é que o ambiente físico seja a extensão da casa, onde se cozinha, lava, cuida de plantas, onde se prepara o alimento, um espaço de calor e aconchego. No ambiente do Guayí Mirim, um Jardim de infância em desenvolvimento Waldorf, a criança é envolvida por segurança, beleza e alegria vivenciando a sensação de que o mundo é

bom, através de uma forte conexão com a natureza e seus ciclos. Há um profundo respeito pela infância e seu tempo, sem antecipar ou pular etapas de desenvolvimento, oferecendo tempo e espaço para a criança criar e se expressar. As atividades são planejadas de forma a atender as necessidades das crianças, respeitando as individualidades, com suas diferenças e talentos. Proporcionamos espaço para ricas trocas entre as crianças de diferentes idades, como em uma família, oferecemos tempo em um ritmo saudável para o brincar espontâneo e livre (JARDIM DE INFÂNCIA GUAYÍ MIRIM, 2021).

O espaço prioriza atividades que versam sobre o brincar e o expressar-se com liberdade, o que o diferencia dos demais existentes na cidade. Quando no âmbito educacional se criam práticas pensadas para o desenvolvimento integral da criança, isso envolve os sentidos como um todo. Nas palavras de Junelise:

O cérebro que é tão queridinho da nossa sociedade, hoje, muito valorizado, hoje o intelecto vale muito, mas a gente está deixando muito a desejar do movimento corpóreo, que, dentro da antroposofia, a gente colhe dessas três instâncias, colhe essas três qualidades: do pensar, do sentir e do querer. O querer sendo membro do corpo, da barriga para baixo e as mãos e os braços. O sentir, da região de pulsação mesmo, onde tem o nosso ritmo, a pulsação do nosso coração e, a nossa região do sentimento, do sentir. E essa polaridade que é a cabeça, da região do pensar. Então essas três a gente trabalha e tenta equilibrar. Então o equilíbrio está sempre aqui junto do nosso ritmo, do nosso ritmo cardíaco e do nosso ritmo pulmonar (APÊNDICE E).

Em síntese, pensar, sentir e querer são considerados no mesmo nível de importância, de modo que as crianças se desenvolvam plenamente e em equilíbrio. E isso implica no desacelerar, viabilizando a seus frequentadores estímulos ao saber concreto de forma lúdica, livre, implicando responsabilidade e respeito. As práticas não preveem uma pré-formação das crianças com relação ao conteúdo da educação básica. O que elas aprendem está vinculado aos seus interesses, e isso é efetivado através de atividades convidativas, realizadas no tempo específico de cada uma, como explica Junelise:

Uma cabecinha que vai conseguir pensar, vai conseguir ler e escrever com facilidade, um corpo que vai se movimentar e vai conseguir inclusive fazer as pregas todas necessárias para a coordenação interina, para a coordenação motora. Um corpo que vai gostar de andar, um corpo que vai gostar de olhar o outro, que vai saber pegar uma ferramenta, vai saber cuidar da casa porque todas as coisas da casa, ela já sabe como funciona. Ela vai saber fazer um bolo porque ela observou, ela imitou. Ela teve durante muito tempo isso perto dela, ela vai saber fazer isso, porque toda nossa memória básica está nos nossos setes anos primeiros (APÊNDICE E).

Como podemos notar, o ensino ofertado visa formar a criança para a vida, pois ela aprende a cumprir tarefas para além do espaço de educação, preparando-a para

realizar atividades que envolvem todo o seu viver, como as relacionadas à limpeza do espaço que habita, a cuidar da sua alimentação, dentre outras. Algumas atividades se destacam entre as crianças, como a de criar o próprio alimento, tornando especial tudo que envolve o fazer até o momento da alimentação. Portanto, verificamos que a aprendizagem se dá através da prática, estruturando conhecimentos para a vida.

No “dia do grão”, um grão para cada dia da semana, são priorizados produtos da época e orgânicos. Dentre as atividades praticadas, segundo Junelise, a que mais eles apreciam é fazer pão, assessoradas por uma profissional:

A gente tem uma atividade muito bacana que é fazer o pão. Fazer o pão juntos é uma alegria, eles gostam muito de fazer pão. E eles amam comer o pãozinho que eles fizeram. É muito bom! Fazer o pão é mágico, deixa a manhã bem mágica fazer o pão (APÊNDICE E).

As atividades acontecem no período da manhã, e durante a pandemia são priorizadas as brincadeiras, quando os pequenos, brincam, andam de balanço, correm, utilizam os brinquedos do pátio, pulam corda, etc. O tempo se divide em expansão e contração a todo momento dentro de espaço.

Após brincar na rua, tem o momento contrativo que envolve lavar as mãos, ir ao banheiro, se alimentar. Logo após, tem outro momento de expansão, que é o brincar dentro da casa, finalizando com outro momento de contração, o de contação de histórias, conversar, dizer um verso, etc. Existem outras atividades que complementam esses momentos, geralmente guiadas pelo ritmo das crianças.

O espaço acolhe as crianças, elas são respeitadas e convidadas a aprender sobre as funções que regem o viver harmônico, com respeito a vida, ao outro e a seu contexto vivencial. Esse jardim de infância não é um lugar para simplesmente deixar os filhos enquanto os pais trabalham, como acontece em outras instituições. Os pais participam ativamente dos processos, visto que a escola é um espaço colaborativo. Eles contribuem com a organização, participando das atividades cotidianas e dos eventos que a escola realiza. Eventos estes, que acontecem quatro vezes ao ano, com intuito de arrecadar fundos e também de expansão da pedagogia para a comunidade em geral:

Os pais são sempre convidados a participar. Inclusive na gestão da escola. A gente gere juntos. Nós temos uma associação mantedora do espaço, que representa juridicamente o espaço e, essa associação tem um corpo diretor. A escola Guayí Mirim não tem um diretor, somos todos nós que fazemos. É um espaço de gestão coletiva, de cogestão. Então a gente convida os pais a

participarem da gestão, das comissões de trabalho e esse é um processo bem difícil para as famílias porque não estão habituados a isso. A gente vem construindo, tem um histórico, como falei antes, de assistencialismo na educação infantil. E a gente também tem um histórico na nossa escola, na nossa educação, sobretudo as escolas particulares, as pagas, desse espaço onde a criança é deixada para ser educada. E agora, desconstruir isso e convidar pais para dentro da escola e convidar pais para dentro da gestão escolar, é novo. Não deveria ser, porque afinal de contas, nós somos seres humanos bem cooperativos, mas é novo e a gente vai um pouco na contramão do que está colocado aí (APÊNDICE E).

A prática administrativa do espaço se diferencia totalmente das práticas particulares comuns, que em sua maioria, trata os pais como clientes, tornando a educação dos pequenos um produto de mercado. E acima de tudo, os educandos com a ideia de mercado, lucro e reconhecimento financeiro.

Quando os países alcançam um nível de desenvolvimento em que as crianças recebem todas as garantias de seus direitos básicos, surgem novas instâncias do abandono, que, quase sempre, estão incrustadas no drama da escolarização. Não me refiro, aqui, a ausência de escola, mas à presença esmagadora da escola que escraviza a infância. Quanto mais eficientes as escolas, menos as crianças contam suas intuições mais profundas e recriadoras. Furtamo-nos a citar o outro voraz e já tão discutido tema: criança e consumo (PIORSKI, 2019, p. 41)

Nesse sentido, o contato sensível com os espaços educativos é apartado da formação infantil. Como nos aponta Junelise, desconstruir esta ideia é processo complexo, pois existe uma tradição do pensamento voltado ao mercado. Porém, ela não considera isso impossível, destacando a importância de reflexões críticas sobre as nossas práticas e ideias do que é ser realmente feliz.

Acredito que tais ideais podem trazer à tona uma avalanche de pensamentos que nos façam questionar o sistema em que vivemos. E no Guayí Mirim, como um espaço diferenciado que preza pelo contato, afeto, carinho, atenção e cuidado, o querer é muito ponderado. A vontade de realizar em colaboração com os outros é relevante nessa fase do desenvolvimento humano, pois a criança utiliza seu pequeno corpo para descobrir, conhecer e até mesmo compreender as coisas. Por isso, como defende Junelise, o brincar livremente e a criatividade são pontos primordiais para um desenvolvimento saudável:

A nossa função é essa, é cuidar dessa liberdade porque a gente educa essa vontade, esse querer. A criança pequena, ela é puro querer, ela que movimenta, ela é muito querer, muita vontade de fazer coisas, de descobrir coisas. Então ela usa todo seu corpo para descobrir as coisas do mundo porque ela tem essa curiosidade. Ela acabou de chegar, ela tem pouco tempo que chegou... É, então a gente precisa ajudar essa criança a descobrir o

mundo, mas ela precisa brincar porque ela brincando, ela aprende (APÊNDICE E).

O período de tempo que antecede a escola formal, neste espaço é destinado ao desabrochar dos movimentos, da descoberta do mundo, do conhecimento de coisas novas, se conhecer e conhecer-se. E é por isso, que o conhecimento de conteúdos básicos da educação formal não é priorizado, o importante é o desenvolvimento harmônico dos participantes:

Ela vai descobrir letras, ela vai ter curiosidade, lá pelos cinco anos ela já começa a ficar bem curiosa. E se a gente ainda puder estender esse tempo de curiosidade, dosando isso bem aos poucos, para que lá, no primeiro ano do ensino fundamental, onde ela vai ter um ano inteiro para descobrir o que é alfabetização, ler, nome... No fundamental, a criança tem um ano inteiro para aprender a ler e a escrever. Se ela brincou, se ela movimentou, se ela tem um desenvolvimento físico, é isso que importa para gente, é o desenvolvimento do corpo, todas as crianças estão em formação, todos os jovens estão em formação (APÊNDICE E).

A pedagogia adotada visa estender ao máximo o momento das brincadeiras para as crianças, pela compreensão de sua prioridade nesta fase do desenvolvimento, visto que a formação futura estará baseada no que ela vivenciou, aprendeu e cultivou nos primeiros anos de sua vida. E isso permite que a alfabetização seja desenvolvida no momento correto, em acordo com o seu amadurecimento físico e psíquico.

Para as brincadeiras são disponibilizados materiais criados artesanalmente ou naturais: madeira, lã, algodão, conchas, sementes, bambu, o que permite perceber que é possível criar um brinquedo com os recursos que se tem, desvinculando da ideia de adquirir brinquedos em lojas, prontos, sem lhes dar a oportunidade de imaginar e criar. Participar da criação de um brinquedo, exercitar e aplicar o imaginário na sua execução é um exercício potente que se perpetua na formação dos envolvidos. Com isso, meios de interação tecnológicos, bastante utilizado nos dias de hoje, são desconsiderados das práticas na Guayí Mirim.

Os elementos da natureza também são acrescentados às brincadeiras, tais como areia, terra, galhos, folhas, entre outros. Esse contato contribui para auxiliar na percepção do mundo através dos sentidos, da textura, do tamanho, do cheiro, o que possibilita à criança ter noções físicas como peso, leveza, distância e volume. Tais atividades contribuem para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, sendo que o brincar espontâneo também é priorizado no Guayí Mirim: a criança pula, agacha, levanta, sobe, desce movimentando seu corpo por inteiro, favorecendo com isso a sua

concentração e auxiliando na percepção do espaço, além de estimular a coordenação motora, contribuindo para uma formação de indivíduos futuramente mais leves e seguros (Figura 24).

Figura 24 - Imagens das crianças na Guayí Mirim



Fonte: Guayí Mirim. Disponível em: < <https://Guayímirim.wordpress.com/Guayí-mirim/o-Guayí-mirim/> >. Acesso em: 02 ago. 2021.

Atividades relacionadas às Artes Visuais compõem as práticas pedagógicas, visto serem potentes aliadas para o desenvolvimento infantil, já que auxiliam no desenvolvimento motor, cognitivo e sensível, fomentando o desenvolvimento integral das crianças. Além disso, a contação de histórias, que estimula o imaginário e se desdobra em pensamentos, ideias e sentimentos, faz com que a criança imagine as cores, os personagens, crie cenários, brinque com os objetos, estimulando pensamentos mágicos e imagéticos. Nessas situações, o cérebro compreende e estabelece relações entre as palavras e o imaginar, gerando uma escuta que a leva a desenvolver sensações e compreensões daquilo que está sendo dito, fortalecendo assim, a capacidade criadora.

Em tais momentos, a professora necessita explorar sua criatividade para levar emoção para o momento vivenciado pela criança, tornando aquela experiência impar na sua vida. Como nos acrescenta Junelise, é preciso ser artista professora, ou seja, ser criativo para explorar sua prática constantemente:

O Steiner também fala isso para gente, que a gente precisa para ser um professor, precisa ser um artista da educação. Um artista é essa pessoa que olha para si, olha para o mundo e olha para si mesmo e cria a partir disso que ele está vendo e agindo. Então com a relação da criança não pode ser diferente também, é um outro ser humano que está em desenvolvimento e precisa que interajam com ele. E com eles todos. As Artes dentro da educação infantil, trabalhamos o desenho livre, a música que é constante, a contação de história, o teatro de mesa, as brincadeiras de mão (APÊNDICE E).

Assim como a criança, muitas vezes o artista cria a partir do que vê, sente e tem disponível, cria livremente a partir do seu cotidiano, sem permitir que interferências cortem o seu fluxo poético. Nesse contexto, temos o desenho livre, fundamental para a compreensão de mundo da criança, uma prática também adotada no Guayí Mirim. Ela permite que a criança observe algum objeto ou paisagem e desenhe a partir de sua compreensão, sem a interferência de estereótipos, expressando o que sente e cria livremente a partir do que visualiza. Além de exercitar a potência criativa, aprendendo sobre as cores e suas nuances através do uso da aquarela, igualmente a música perpassa as atividades. Isso contribui para a formação dos pequenos, ajudando a relaxar, estimulando a concentração e o desenvolvimento do exercício das palavras, mas, como já foi pontuado, tudo no tempo deles e da forma que entendem e sentem, visto que:

O tempo começa a ter aroma quando adquire uma duração, quando ganha uma tensão narrativa ou uma tensão profunda, quando ganha em profundidade e amplitude, em espaço. O tempo perde o aroma quando se despoja de qualquer estrutura de sentido, de profundidade, quando se atomiza ou aplanar, se enfraquece ou se abrevia. (HAN, 2016, p. 32).

Outra prática enfatizada no Guayí Mirim é o caminhar pela zona do Porto, sempre acompanhados de um adulto. Elas são convidadas a realizar um passeio a partir do Jardim, passando em frente ao Centro de Artes (CA) e finalizando no Arroio Pelotas, contemplando a natureza tão viva neste espaço dentro da cidade:

O caminhar, normalmente a gente faz o mesmo trajeto de caminhada com eles. Agora que a gente está ali no Porto, a gente vai até o quadrado, observa os barcos, a ponte, a gente vê os caminhos, senta um pouquinho, contempla, depois volta (APÊNDICE E).

A passagem pelo CA, é sempre motivadora para eles, visto que as paredes são repletas de desenhos feitos pelos acadêmicos, o que estimula os pequenos a conhecer um pouco mais sobre as atividades ali desenvolvidas.

Outro quesito relevante para o pensamento pedagógico da instituição é a compreensão da necessidade de docentes conscientes da importância da autoformação, processual e contínua, refletindo criticamente sobre as suas práticas e operando transformações internas, e evoluindo em relação ao conhecimento:

Para os professores, ele (Steiner) lembra que toda educação é autoeducação. Não adianta você querer educar se você não está educado, se você não foi educado, se você não está em constante observação das suas ações e cuidado com suas ações, movimentando, desenvolvendo e evoluindo. A nossa antroposofia, nossa base filosófica acredita nisso, ela pensa assim. O ser humano evolui constantemente, não é? Então assim, esse ser humano que educa, o professor, ele é uma pessoa muito importante no processo educativo. Portanto, ele precisa se autoeducar (APÊNDICE E).

O processo da autoeducação é fundamental para que a prática pedagógica, na concepção Waldorf, seja efetiva, pois quando o professor está vinculado a determinadas ideias, elas naturalmente nortearão suas atividades de ensino, resultando em ensinamento prazeroso e engajado:

Quando a gente fala dessa auto educação, e da educação infantil Waldorf, os gestos do professor de educação infantil costuma dizer isso, os gestos precisam estar plenos de sentido. Então, quando a gente vai costurar, quando a gente vai bordar, quando a gente vai cozinhar, passar uma vassoura na casa, aquilo precisa estar com muito sentido, sabe? Você sabe aquilo que está fazendo da melhor maneira, com a melhor qualidade que tu puderes oferecer (APÊNDICE E).

E, como aponta Junelise, todo o planejamento precisa fazer sentido para a criança, de modo que ela estabeleça suas relações internas. Com isso, é fundamental que tudo seja feito com amor, pois ela percebe se a professora está feliz ou não desenvolvendo a atividade.

Nesse sentido, cada ação desenvolvida no jardim pode ser considerada uma nutrição. O nome Guayí Mirim, do tupi guarani, significa uma pequena e boa semente:

Acreditamos na potência transformadora da semente, sua força, coragem e determinação em romper barreiras em busca de luz, calor e nutrientes necessários ao seu crescimento. Aqui concebemos o ser humano de forma integral, em suas faculdades de pensar, sentir e querer, considerando suas dimensões física, intelectual, emocional, social, ética, cultural e espiritual (JARDIM DE INFÂNCIA GUAYÌ MIRIM, 2021, online).

Assim como as sementes, as plantas, a floresta e o planeta precisam de cuidados e nutrição para crescerem fortes e saudáveis, uma criança precisa de cuidados fundamentais para o seu desenvolvimento pleno. E as práticas da pedagogia

Waldorf oferecem essa nutrição diariamente no Guayí Mirim, contribuindo para a formação de indivíduos atentos aos seus deveres e direitos, e aos direitos dos outros, compreendendo a importância de cada ser vivo no planeta.

Trata-se de uma educação que prevê a cooperação, a preservação, o cuidado e o equilíbrio do ser em liberdade, refletindo sobre as questões que o sistema em que vivemos nos impõem diariamente, pois “quando estamos verdadeiramente presentes na natureza, não há dúvidas de que usamos todos os nossos sentidos ao mesmo tempo, o que constitui uma condição ideal para o aprendizado” (LOUV, 2014, p. 39).

E a educação em Artes contribui significativamente na formação destes sujeitos, pois possibilita fazer ligações, refletir poeticamente sobre assuntos urgentes e contemporâneos. Nos doa liberdade para criarmos sem as amarras que o sistema nos impõe, permitindo vivenciarmos das mais variadas experiências e sensações. Que por sua vez, condicionam o sentido da nossa vida.

A educação em Artes nos aponta para a luz, assim como quando uma semente germina, ela busca nutrição para se fortalecer por meio das brechas, por entre outros objetos e materiais e segue em direção ao que alimenta, que a permite viver e desabrochar em seus mais esplendorosos momentos. Assim é ensino da arte, começa como uma pequena sementinha com aparência frágil, que com nutrição e cuidados vai se desenvolvendo, ficando forte, se desdobrando, florindo, gerando novas sementes, polonizando ao seu redor, gerando novas mudinhas e seguindo seus ciclos. Sendo assim, é importante destacar que:

De todos os sentidos, o mais importante para a aprendizagem do amor, do viver juntos e cidadania é a audição. Disse o escritor sagrado: “No princípio era verbo”. Eu acrescento: Antes do verbo, era silêncio”. É do silêncio que nasce o ouvir. Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. (ALVES, 2005, p. 27).

O processo de autopoiesis, proposto por Maturana e Varela, conversa muito com a pedagogia aqui referenciada, pois nele o sujeito atua como responsável pelo seu desenvolvimento, possui liberdade e autonomia para se autoformar e regular, mas sem desconsiderar o entorno, atuando como produto e produtor. Com isso, ele se autoforma considerando as influências do meio externo, que por sua vez, atuam como colaboradores no processo de autodesenvolvimento.

A autopoiese, conhecida também como a Biologia do Conhecer, é o próprio sistema vivo, capaz de fazer a sustentação sistêmica da vida. Somente os

seres vivos são capazes de apontar diferenças. Nós, seres vivos, somos capazes de fazer distinções e refletir sobre as ações no e com o mundo (PISKE, GARCIA, YUNES, p.62)

3.2 Autoformação e Autopoiesis de uma cidadã/professora/artista

Desde o início desta escrita venho compartilhando minhas experiências como um meio de compreensão da origem das escolhas por determinados caminhos. Logo na introdução abordo a minha vivência na zona rural de Pelotas, por considerar a relevância dela diante da pessoa que eu me tornei. Quando criança não compreendia que tudo que me rodeava iria compor a minha vida acadêmica. Apenas queria estar naquele lugar repleto de natureza, de novas descobertas, de aprendizado livre, de sensações e cheiros que me nutriam cotidianamente, sem ter consciência que as memórias iriam me acompanhar mesmo depois de muitos anos sem visitar os espaços mencionados.

Partindo dessa ideia, discorrerei sobre a minha trajetória, problematizando a minha formação enquanto sujeito/artista pertencente a uma casa/planeta e abordando tópicos considerados pertinentes para fomentar a escrita. Norteada pelas ideias de Maturana e Varela, em especial o conceito de autopoiesis, através do qual apontam para a capacidade dos seres vivos de se autoformarem, regulando a si próprios e se desenvolvendo em sua forma plena, considerando as influências do meio em que habita. Nesse sentido, a autonomia do ser é capaz de se formar somando ao que o rodeia, um entendimento diretamente relacionado à minha trajetória:

Todo conhecer é ação efetiva que permite a um ser vivo continuar sua existência no mundo que ele mesmo traz à tona ao conhecê-lo. E é nesse sentido também que ele conclui que o ato de perceber constitui o percebido (MATURANA, 1997, p. 23).

Como destaca o autor, todas as experiências pelas quais experimentamos contribuem para a nossa constante formação, ou seja, por meio de nossas descobertas vamos fomentando o desenvolvimento da nossa constituição plena enquanto seres vivos capazes que somos:

... coincidimos em nossa coordenação de ações, e todo o nosso viver assim o mostra, na medida em que vivemos juntos o suficiente para coordenar nossas ações em um mundo que surge com nossas coordenações de ações (MATURANA, 1997, p. 103).

A formação da realidade do sujeito vai se moldando a partir das suas concepções, ou seja, ele cria a partir do espaço que habita e o espaço que ele habita influencia no seu desenvolvimento, considerando que, diferentes seres irão gerar diferentes realidades de um mesmo espaço. Considerando que um vai em busca do outro para sua complementação, destaco “se é indivíduo na medida em que se é social, e o social surge na medida em que seus componentes são indivíduos” (MATURANA, 1997, p. 43).

Pensando o caminho que percorri até o recente momento, arrisco dizer que toda a minha vivência em meio a abundância de natureza formou o ser que sou hoje, fomentando em mim a necessidade de lutar por sua conservação. Como nos aponta a professora Junelise, no subcapítulo anterior, o sujeito considera relevante para sua formação toda a experiência vivenciada até os anos que antecedem a escola formal. E esse período em minha vida foram repletos de brincar ao ar livre, desenhar na terra com galhos, criar peças em argila inspirada na natureza, subir nas árvores, brincar de casa na árvore, correr livremente no campo por entre as flores e ervas de chás, comer frutas no pé, ler livros a sombra do eucalipto, andar de balanço, andar descalço, desenhar com carvão nas paredes da casa, entre tantas outras brincadeiras saudáveis que habitam as minhas memórias de infância.

Hoje entendo a origem e o porquê de tais questões me atingirem com tanta força. Elas me mostram o sentido da vida, pois muitas vezes, só tenho a sensação de estar viva quando atuo em defesa da natureza.

Somos biologicamente o espaço psíquico e espiritual que vivemos, seja como membros de uma cultura ou como resultado de nosso viver individual na reflexão que, inevitavelmente, nos transforma porque transforma nosso espaço relacional (MATURANA, 1997, p. 121).

Compreendendo Maturana eu vou me compreendendo por meio das ligações e caminhos que percorro e, acima de tudo, compreendo o espaço que habito. Com isso vou refletindo sobre a escolha/gosto por determinadas disciplinas na graduação, no mestrado, de projetos de extensão e pesquisa, e o amor por determinados trabalhos e exposições.

Como já mencionei, a necessidade de um olhar atento sobre as questões que envolvem o meio natural tem suas origens na minha infância, pois vivi a infância, adolescência e o início da vida adulta cercada pela natureza, sempre notando sua presença nos menores detalhes. Ao abrir a janela do quarto ao acordar, ver e ouvir os

pássaros alegres e saltando por entre os galhos, olhar para a imensidão em seus variados tons de verde, sentir o perfume que invadia o espaço, oriundo das diferentes plantas, era uma experiência cotidiana que sempre me surpreendia.

Imagine abrir a gaveta de um móvel e encontrar um sapo tirando um cochilo, ou uma cobra verde realizando um passeio por entre os galhos das árvores do jardim. Ou mesmo, sentar na pedra na beira da sanga e ficar admirando o brilho das escamas dos lambaris enquanto eles dançavam lindamente dentro do imenso buraco formado entre as rochas. Eu vislumbrava o acordar de samambaias e avencas em seus tons vibrantes de verde, vibrantes e viçosas; o desprender de uma folha seca da árvore nativa que faz sombra na poça dos lambaris, que ao cair movimentava a água e segue seu percurso na correnteza, contornando as pedras até esbarrar em um galho, para aos poucos afundar e se transformar no material que forma o fundo do riacho. Observar as tonalidades e nuances das folhas seguindo o fluxo da água, que conforme se molham alteram suas cores, é um aprendizado marcante na vida de quem teve tal privilégio.

Figura 25 -**Berenice Bailfus**, *Coleção pessoal*, fotografia, 2021.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Assim como o barro está presente nas minhas memórias e nos meus fazeres artísticos no projeto Minijardim, com o tempo a contemplação de uma folha caída ao chão virou inspiração para produções artísticas e mote de estudos ao longo da minha trajetória acadêmica. E nesses momentos percebo a natureza me formando e eu me formando a partir da natureza. Desde o início da graduação gostava de juntar folhas que chamavam a minha atenção ao longo dos meus trajetos cotidianos, entre as idas e vindas de um campus ao outro, dos jardins dos campi até a parada do ônibus, o trajeto até a minha casa. Gosto das folhas com marcas, mofo, falta de pedaços, em tons de outono, aquelas que mostram traços da decomposição e que já cumpriram seu papel enquanto parte viva de uma planta (Figura 25).

Gosto de pensar que quando as recolho e guardo na caixinha, eu estou estendendo suas vidas. Não que seu papel ao se decompor não seja relevante, pois

sabemos da sua função de nutrir o solo, entretanto, gosto de pensar poeticamente sobre elas. Gosto de admirar sua perfeição mesmo no processo de decomposição, que considero realmente belo.

Na disciplina de Introdução à Gravura (2016/2) fiz algumas impressões de folhas do entorno do jardim do CA, e os resultados despertaram em mim a vontade de evoluir nesse processo poético. Realizei vários desenhos em casa para compreender as curvas, falhas, cortes, cores, texturas. Na disciplina de Seminário de Tópicos Especiais (2018/2), ministrada pela professora Márcia Souza, voltei a pensar as folhas. Registrei em fotografias várias folhas encontradas durante o caminhar, e dessa prática resultou um jogo educativo.

Dupliquei a revelação, gerando duas fotografias iguais de cada uma das oito imagens escolhidas, resultando num Jogo da Memória com a intenção de fazer uma analogia as folhas, na tentativa de mostrar os desdobramentos da folha após se desprender da sua planta origem, destacando a beleza presente deste singelo processo. O jogo segue uma lógica comum. Na sua apresentação, ele ficou suspenso em um tronco por fios de nylon durante uma semana para os passantes do jardim do CA interagirem com as imagens buscando os pares. Entretanto, ele pode ser utilizado segundo a lógica de qualquer jogo da memória: se mistura as fotografias em um pequeno monte, e depois se coloca todas viradas para baixo e quem achar mais pares ganha. Criei este jogo pensando em levar para meus futuros alunos.

Na disciplina de Ateliê livre I (2018/2), ministrada pelo professor Clóvis Vergara, criei uma releitura de uma folha de goiabeira em grande escala e também fiz algumas gravuras das folhas na argila. O encantamento por suas curvas e texturas me levaram a esta criação. O resultado em argila é sempre imprevisível, me surpreendo ao sair do forno.

Na graduação, as disciplinas ministradas pela professora Cláudia Brandão, versando sobre o Ensino das Artes Visuais, numa sequência que antecede os estágios, somos convidados a abordar tópicos relacionados ao nosso contexto atual. Com isso a questão da natureza sempre ganha espaço, permitindo reflexões e o desenvolvimento de materiais pertinentes às Artes Visuais, à consciência e responsabilidade ambiental e à contextualização histórica do consumo.

O mestrado em Artes Visuais também tem disciplinas relacionadas ao tema Arte e Natureza, fomentando o desenvolvimento de práticas que contribuam para a

esta dissertação. Na disciplina Arte, Ecologia e Saúde, ministrada pelo Professor Claudio Azevedo, além dos textos abordados nesta escrita de Félix Guattari, também criamos um Diário Poético (Figura 26). Desenvolvido baseado nas práticas do projeto Minijardim e baseado nas minhas folhas. O trabalho contém amostras das folhas que recolho e também fotografias de folhas, também considerando a problemática das folhas na minha trajetória artística.

Figura 26 - **Berenice Bailfus**, *Mapa poético*, múltiplas linguagens, 2019



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

No decorrer do mestrado, a partir de 2020, as atividades passaram a ser virtuais por conta da pandemia, restringindo o contato físico. E o aprisionamento gerado pelas restrições pandêmicas começou a me atingir, e comecei a me debruçar sobre meus materiais acumulados. Fiz uma junção de várias folhas e notei a riqueza do material em meu poder. Meu corpo e minha mente me imploravam para criar algo, pois criar me transporta para outro lugar e me faz esquecer do cárcere provocado pela Covid – 19.

Nesses momentos, o pensamento se concentra no lugar da criação e se liberta de tudo ao seu redor para desabrochar em criatividade. Assim como muitas pessoas, fiz diversos cursos durante a pandemia, mas o de Aquarela Botânica se destacou. Com o curso perdi o medo da técnica, que por vezes me parecia algo muito distante, ou até mesmo impossível.

A ideia do desenvolvimento de releituras de folhas secas emergiu rapidamente, visto que continuo até o momento coletando folhas secas e sempre olhando com admiração e afeto por elas. A atividade prática é demorada, consumindo muitas horas das minhas tardes para cada folha pintada, demandando algumas semanas no processo de criação.

Figura 27 - **Berenice Bailfus**, *Sem Título*, Aquarela, A4, 2021/1



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Impossibilitada de desenvolver as práticas pedagógicas que pretendia no início desta investigação, me amparei nas memórias e paralelamente na prática da aquarela. Até o momento desta escrita realizei duas séries completas, ambas seguindo a proposta de rerepresentação de folhas secas em fase de decomposição, diferenciadas pela tabela de cores. Uma conta com nove releituras (Figura 27) e a outra com quatro releituras (Figura 28).

Figura 28 - **Berenice Bailfus**, *Sem Título*, Aquarela, A4, 2021/1



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

As folhas modelos que compõem as produções, como estão em constante transformação/decomposição se apresentam com novas curvas, cores e nuances, até mesmo sem pedaços, demarcando a passagem do tempo. Considero que a transformação dessas folhas é relevante para os estudos, visto que elas nos mostram simbolicamente o caráter processual da própria vida. E assim as releituras atuam como uma forma de registro de um determinado momento daquela folha, um fragmento congelado em cor da presença delas na terra.

Outros trabalhos que considero potentes para a pesquisa, são as fotografias apresentadas na Exposição Coletiva “Ninhos, Conchas e Outras Redondices”⁵, organizada pelo PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), coordenado pela professora Cláudia Brandão. A exposição é itinerante e foi apresentada em Pelotas, Bagé, Cassino e Rio Grande, sendo que eu tive a oportunidade de participar das suas duas últimas apresentações. Como explica a coordenadora do Núcleo na apresentação:

Na exposição “distribuimos as moradas sonhadas por cada um, guiados por Gaston Bachelard, em sua “Poética do Espaço”, como sínteses simbólicas do HABITAR o espaço e o tempo. Elas são materializações de realidades mentais, míticas e poéticas acerca da moradia (BRANDÃO, 2021, online)”.

⁵ Disponível em: < <https://photographein-pesquisa.com.br/eventos/informacoes/?album=47> >. Acesso em: 02 out. 2021.

Figura 29 - **Berenice Bailfus**, *Obras da Exposição Ninhos, Conchas e Outras Redondices*, fotografia, 2021



Fonte: Exposição Ninhos, Conchas e Outras Redondices (virtual). Disponível em: < <https://www.artsteps.com/view/60f09e13b31a94a84a2d4b3e/?currentUser> >. Acesso em: 31 ago. 2021.

Para a exposição selecionei três fotografias capturadas na Reserva do Taim (Rio Grande, RS), que simbolizam a minha compreensão do conceito de casa. Como podemos notar (Figura 29), elas reproduzem partes da natureza: a imensidão verde, uma pequena Bromélia florida, cactos com novos brotos cercados de espinhos e flores de cactos amarelas com abelha silvestre verde.

Entendo que elas traduzem coletivamente o entendimento pessoal da natureza como sinônimo de casa, de lugar do habitar, de sonhar, de conversar, de chorar, de se recarregar/renovar, lugar de ter os mais profundos e variados devaneios:

Mas quando se trata de um devaneio poético, de um devaneio que frui não só de si próprio, mas que prepara para outras almas deleites poéticos, sabe-se que não se está mais diante das sonolências. O espírito pode chegar a um estado de calma, mas no devaneio poético a alma está de guarda, sem tensão, descansada e ativa. Para fazer um poema completo, bem estruturado, será preciso que o espírito o prefigure em projetos. Mas, para uma simples imagem poética, não há projeto, e não lhe é preciso mais que um movimento da alma. Numa imagem poética a alma acusa sua presença (BACHELARD, 2008, p. 187- 188).

Estar em meio a natureza significa permanecer e perder-se nas horas, tanto em contemplação, quanto para refúgio das dores. Logo, pensar acerca da natureza é para mim, pensar em morada, pois ela me fornece suporte para as mais variadas sensações e vivências.

Ela contribui significativamente para a formação da artista/ professora/cidadã que sou hoje, como nos diz Maturana (1997), somos capazes de nos autoformar, mas jamais poderemos desconsiderar a contribuição do meio que nos envolve. Assim, como a natureza participa da minha formação desde a minha mais tenra idade, eu desenvolvo a minha vida/arte/pesquisa em torna dela. E dessa maneira, as minhas produções artísticas também atuam em sua defesa, mostrando sua beleza e nuances com objetivo de despertar nos outros contemplação e sentimento de proteção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao momento de conclusão desta escrita, que por sua vez atuou como um gatilho potencializador de muitos aprendizados. A pesquisa em Artes Visuais é complexa, e o trabalho desenvolvido permitiu estabelecer relações e diálogos entre vivências, Artes Visuais, Educação Ambiental, cuidados com o planeta, processos de formação autopoieticos e sensibilidades afetivas.

E isso tornou a escrita muito singular, permitindo que o leitor encontre um texto impregnado de modos possíveis de reconhecimento da fundamental presença da educação em artes para a formação de uma cidadania planetária. E ainda, é possível conectar questões fundamentais que nos auxiliam na compreensão da vida e de tudo o que nos envolve enquanto seres pertencentes a um planeta que urge por mudanças.

Trago nesta conclusão, um fechamento dos capítulos abordados, considerando a questão da pandemia provocada pela Covid-19, a problemática ambiental brasileira atualmente e a atuação dos artistas indígenas, especialmente, aos que se mobilizam/mobilizaram em defesa da nossa flora e fauna, com o intuito de mostrar a potência de sua atuação artística frente as estas questões. Considero importante também finalizar informando sobre a realidade atual do grupo Minijardim, reforçando a defesa na aposta por uma educação de qualidade, na tentativa de formar sujeitos mais humanos, sensíveis e eticamente engajados consigo, com o outro e com o mundo em que habitam, em diálogo com o meu processo autopoietico;

Estamos em setembro de 2021 e a pandemia permanece assombrando a população terrestre, principalmente a população brasileira, pois novas cepas surgem quando se pensa que as coisas podem estar melhorando. A média de mortes diárias diminuiu consideravelmente, visto que a vacinação avançou significativamente no país, porém, as medidas indicadas pela Organização Mundial da Saúde continuam recomendadas: o uso de máscaras, lavar as mãos com água e sabão, o álcool 70% e o distanciamento social.

Cabe ressaltar que em nosso país nem sempre elas são consideradas, visto o número de pessoas dentro de alguns estabelecimentos, casa noturnas, retorno das aulas presenciais, dentre outros indicativos, embora sejam contabilizados mais de 600.000 óbitos. Mas as pessoas parecem anestesiadas, retornando às suas atividades presenciais.

Com isso, os grandes centros estão em pleno fluxo de funcionamento, os engarrafamentos voltaram, a atmosfera voltou a ser depósito de combustíveis poluentes, os barcos voltaram a poluir as águas e o ar de Veneza. Os jornais não reportam mais animais habitando estes lugares, os peixes do canal sumiram. E as surpresas que o meio natural pode nos presentear visualmente, voltaram para seus refúgios nas florestas que restam, ou melhor, onde o ser humano ainda não chegou.

Anseio que as imagens e informações que circularam o mundo dos animais, dos canais, da tentativa de diminuição da poluição sirvam de gatilhos para a busca de mudanças urgentes. Por outro lado, o novo normal, tão falado durante a pandemia, passou a integrar a vida dos seres humanos, como o aumento da virtualidade de muitas relações de estudo e trabalho diminuindo os deslocamentos e, provavelmente, seus impactos, visto que, a maioria da população utiliza meio de transporte que gasta combustíveis fósseis para a locomoção.

Outro hábito adquirido pela população durante a pandemia foi a visitação a lugares abertos, ou seja, espaços com natureza abundante, nos quais o distanciamento social poderia ser mantido. Novos lugares foram criados e valorizados, e essa pode ser uma forma de (re)conectar os seres humanos novamente a espaços com abundância de natureza, ativando reflexões ou, até mesmo, mudanças de hábitos, sensibilizando corpos adormecidos/embrutecidos.

No contexto presidencial, o Brasil não avançou e a questão ambiental piorou, o ministro do meio ambiente deixou o cargo por possível envolvimento em ilegalidades em prol do desmatamento e exportação ilegal de madeira. As queimadas continuam acontecendo em grande escala em diversas regiões, aumentando consideravelmente os hectares de vegetação nativa devastada e espécies de animais perdidas, visto que temos governantes que se omitem e mentem sobre informações pertinentes à dados reais sobre as nossas florestas.

A carne brasileira passou a ser, em sua maioria exportada, fazendo com que novos campos e lavouras sejam abertos dentro das matas para a criação de gado e plantio de suplementos para a alimentação dos mesmos, pois esse é um negócio que gera muito renda, estimulando a sua expansão da exploração e desmatamento de espaços de reserva natural. Visto que, os maiores destruidores do espaço ambiental estão: expansão do agronegócio irregular, grilagem de terras, extração de madeira e mineração ilegal.

No dia 10 de setembro de 2021, a ativista Greta Thunberg, que atua em prol do meio ambiente e já discursou em diversos eventos sobre o clima, participou de uma audiência pública no Senado brasileiro. Ela foi convidada para uma sessão de debates sobre o último relatório do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, na sigla em inglês), da ONU (Organização das Nações Unidas).

A ativista sueca considerou que o Brasil não começou a crise ambiental sozinho, mas ponderou que o país coloca combustível nela, destacando a responsabilidade de todos os países na devastação das florestas, no derretimento das geleiras, no aquecimento global, na emissão de gases poluentes. Porém, Greta ressaltou a necessidade de conscientização sobre o problema e a necessária revisão dos modos ultrapassados de condução da crise ambiental.

Entendo que o povo brasileiro precisa se sentir parte da Amazônia e meio natural para mudar o seu modo de perceber a floresta, entendendo-a como patrimônio ambiental. Ela precisa ser respeitada e não entendida como uma fonte inesgotável de recursos naturais, da qual só se retira bens, mata e destrói a vida. Nesse sentido, Greta cobrou ações e posicionamentos firmes dos líderes políticos brasileiros, relatando a importância da Amazônia para o mundo e destacando os problemas que a destroem, ceifando parcelas consideráveis dela ao longo dos últimos anos.

Ela também discorreu sobre a importância dos povos originários do Brasil, destacando que seus direitos e os direitos ambientais estão atrelados, pois eles são os guardiões das florestas pois protegem e vivem em harmonia com ela. Os povos indígenas consideram que a natureza é a extensão de sua casa, e quando se respeita, cuida e zela por um, se está respeitando, cuidando e zelando pelo outro.

Na mesma ocasião da fala da ativista, mais de 6 mil indígenas de diferentes etnias foram para Brasília protestar e reivindicar seus direitos por conta da Medida Provisória do Marco Temporal para a demarcação das terras indígenas. Esse projeto de lei se baseia na tese de que a demarcação só deve ser feita se o povo que a reivindica a ocupava no dia 05 de outubro de 1988, quando a Constituição Federal foi promulgada.

Junto a esta pauta também foi considerada a questão da produção sustentável e direitos dos povos indígenas a uma vida saudável e sustentável. Suas lutas beneficiam a todos os seres terrestres, visto que são os maiores exemplos de equilíbrio das relações entre os seres humanos e a natureza.

Além de toda a luta diária dos povos originários em prol do espaço que habitam, eles também atuam artisticamente em prol da causa. Seus trabalhos são repletos de ancestralidade, de cuidado com o meio ambiente, sensibilidade para com a vida, respeito com as plantas e aos animais. Dentre os mais renomados artistas indígenas contemporâneos destaque nesta escrita Daiara Tukano, Jaider Esbel e Mogaje Guihu - Abel Rodríguez, que atuam ativamente em prol da causa indígena e ambiental.

Embora esteja concluindo a pesquisa, considero importante acrescentar tais informações, considerando a recente abertura da 34ª Bienal de São Paulo, que destaca a produção indígena contemporânea. O intuito é apresentar alguns de seus trabalhos como forma de mostrar o que os artistas estão fazendo hoje em defesa do meio ambiente.

Começamos com Daira Hori, conhecida como Daira Tukano (SP, 1982), artista, ativista e pesquisadora que atua nas seguintes áreas: direitos indígenas, direitos humanos, ancestralidade e meio ambiente. Seus trabalhos enquanto artista fundam-se nas tradições e espiritualidade do seu povo e também na causa ambiental. A atuação mais recente da artista faz parte da 34ª Bienal de São Paulo, na qual ela apresenta a obra “Dabucuri no Céu” (2021), que implica em um conjunto de quatro pinturas suspensas que representam os pássaros sagrados de sua visão: o gavião-real, o urubu-rei, a garça-real e a arara vermelha.

Para sua cultura estes pássaros vivem no céu e possuem a função de proteger a terra fértil do sol ardente, impedindo com isso que a terra queime. No verso de cada pintura a artista coloca um manto de penas entrelaçados, que por sua vez, simboliza o manto plumária, que acabou sendo abandonado pelos povos originários por conta de dois grandes apagões, gerado pelo genocídio indígena e a extinção das aves. O trabalho, nos coloca para pensar sobre o que realmente importa para se viver e o que estamos fazendo com o a nossa casa/planeta.

Outra grande referência foi o artista Jaider Esbell (RR, 1979 – 2021 SP), etnia Macuxi, que também atuava enquanto curador, escritor, educador, ativista, promotor e agitador cultural. Este ano também participou da Bienal de São Paulo, junto com Daiara e outros artistas indígenas, marcando esta edição com arte indígena.

A obra que foi exposta é intitulada Entidades (Figura 30), foi apresentada em um viaduto em Belo Horizonte, que por sua vez, representa o ser Îkîimî, um ser fantástico que atravessa vários mundos e que não possui começo e nem fim. O mega

trabalho na Bienal, conta com duas serpentes de 24 metros de comprimento que flutuam na lagoa do Parque do Ibirapuera, “estão prontas para dar um bote em Pedro Álvares Cabral” (Bienal São Paulo, 2021, online), como disse o artista em um *post* do Instagram do perfil da Bienal, enquanto montavam a obra, fazendo referência a escultura de Cabral presente do outro lado da margem.

Como os demais trabalhos do artista, essa obra (Figura 30), traz em sua essência ancestralidade, luta em prol: da decolonialidade, ativismo ambiental, empoderamento e a não exploração/saqueamento dos recursos naturais brasileiros.

Figura 30 - **Jaideri Esbel**, *Obra Entidades*, instalação, 2021



Fonte: 34ª Bienal de São Paulo. Disponível em: < <https://amazoniareal.com.br/bienal-de-sao-paulo/>>
Acesso em: 02 out. 2021.

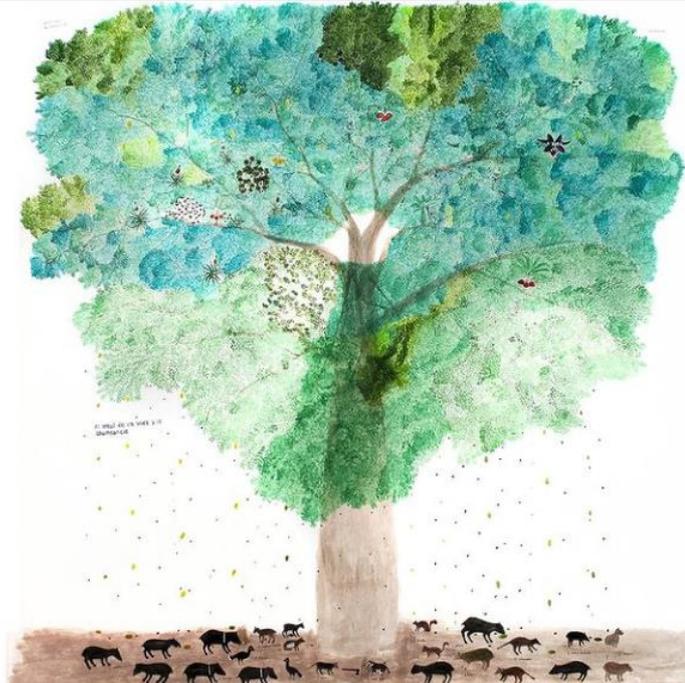
Por conta do seu imenso tamanho e luminosidade projetada, a obra pode ser vista à distância e durante todo do dia. Possibilitando a contemplação em todos os momentos que ela estiver ali e acima de tudo, despertando atenção e pedindo reflexões frente a tudo que envolve a vida e a luta dos povos indígenas.

Outra referência que é importante abordar, é o artista de nome indígena Mogaje Guihu (pluma de gavião brilhante) - Abel Rodríguez, conhecido popularmente por “Don Abel” (Colômbia, 1941), que por sua vez é especialista em botânica e está participando da Bienal com uma série de desenhos relacionados a natureza. Foi ensinado desde criança sobre as plantas, se tornando por sua vez, um “nomeador de

plantas”. O artista, portanto, é um profundo conhecedor do ecossistema amazônico colombiano. E teve a oportunidade de conhecer os recursos de desenho, quando em uma expedição foi guia local e conheceu um biólogo que lhe forneceu o material.

Seus desenhos (Figura 31) são representados com muitos detalhes, como a árvore, por exemplo, ele desenha detalhadamente cada uma das folhas, galhos, frutos presentes nela, fazendo uma espécie de documentação. Com isso, podemos considerar que, a linguagem do desenho, utilizada pelo artista, serve para preservar e transmitir conhecimento. Cabe acrescentar que, em seus desenhos, as plantas são representadas com animais se nutrindo com folhas que caem e plantas que nascem no entorno, como em um ecossistema real.

Figura 31 - **Mogaje Guihu (Abel Rodríguez)**, *Sem Título*, desenho, 2021



Fonte: 34ª Bienal de São Paulo. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CUI2NmmFapQ/>>
Acesso em 02 out.2021.

Esta é uma das obras apresentadas na Bienal, e como podemos notar, ela é repleta de minuciosos detalhes conforme mencionados anteriormente. Como também possui um olhar atento a questão do equilíbrio dos ecossistemas para preservação das vidas, na qual um depende do outro e todos atuam harmoniosamente.

Abordo estes três artistas, dentre muitos que possuem a causa ambiental, como parte de sua poética para apontar o que os artistas fazem em prol do meio ambiente, assim como, sua luta pela preservação e atuação enquanto reflexão diante

dos problemas ambientais decorrentes da ação humana, o que dialoga diretamente com minha intenção do fazer artístico e da educação, buscando meios de estimular reflexões acerca das questões ambientais, assim como àquelas que estão presentes nestas obras.

Sendo assim, esses artistas atuam não apenas como referências visuais e temáticas, mas também como inspirações para continuar nesta luta, pela Arte Educação e pela minha poética. A presente abordagem, foi aplicada como uma tentativa de não perdermos as esperanças em dias melhores em relação a saúde do planeta e para apresentar aliados na causa, como também, para apresentar aliados a ideia de que não lutamos sozinhos.

Considerando o longo período de isolamento e longe de todas as práticas que mantem em funcionamento o projeto Minijardim, como também acompanhando o grupo virtualmente, decidi novamente contatar o grupo com questões para uma nova avaliação. Destacando que nesta ocasião o questionamento não foi direcionado a presença dos membros no ateliê e sim, buscava um questionamento de como estariam se sentindo com toda a ausência/falta de tudo aquilo que envolve as ações semanais do grupo para trazer um fechamento para a escrita

A questão lançada aborda a ausência do contato com o barro e a prática do Ateliê de Cerâmica, incluindo a falta que faz o conversar com os colegas, as ações coletivas que o grupo realizava e entre outras ações que os levavam semanalmente ao encontro. Assim sendo, foi questionado: “Como o apagamento/falta dessas atividades está atingindo a tua vida cotidiana?” (Considerando, é claro a pandemia).

Como já mencionei, o grupo conta com um público flutuante, não contabilizando com exatidão a quantidade de membros. Obtive as respostas de sete membros, que por sua vez, permitiu realizar uma análise conclusiva para a escrita. Considero destacar que a saudade das relações afetivas criada dentro do grupo, foi a que predominou dentro das respostas. O estar em coletivo, compartilhar afetividades, partilhar o momento da alimentação, conversar sobre as práticas em argila, sobre as plantas foi o mais ponderado entre os sete entrevistados.

O contato com o barro, não foi o mais relevante para o grupo, visto que a argila é algo acessível e possível de criar em casa, mas a partilha de informação sobre a energia que emerge do grupo foi sentida ao criar/tentar criar, por exemplo, uma peça em suas residências.

A exposição anual dos pequenos jardins não aconteceu este ano. A proposta de criar uma exposição virtual para este ano foi limitada ao grupo frequentador do ateliê, por conta da grande demanda de trabalho para a comissão organizadora que obtivemos na exposição anterior. Como também, abrimos a possibilidade de expor trabalhos efêmeros, na qual a peça suporte não precisaria estar queimada, apenas moldada e seguindo a proposta convencional de plantas e ornamentos de acordo com a poética do seu criador. Visto que, a possibilidade de queima das peças ficou limitada. Como retorno, recebemos em torno de quatro jardins, impossibilitando a realização da exposição de 2021.

Acompanhando as conversas diárias no grupo privado nas redes sociais, pude constatar que o distanciamento por conta da pandemia Covid-19 acarretou na desmotivação do grupo, que por sua vez, não conseguiu criar os jardins, levando a compreender que o individual funciona apenas em coletivo. Pois até mesmo as plantas que compõem o jardim, não generalizando, mas em sua grande maioria, vinham das oficinas de troca de mudas que aconteciam dentro das práticas do grupo.

E as criações em argila, parte fundamental para as exposições diminuíram ou até mesmo cessaram. Arrisco acrescentar que, novas exposições do projeto acontecerão somente quando as práticas voltarem a ser realizadas de modo presencial no ateliê de Cerâmica.

Pensando sobre a pedagogia Waldorf aplicada no espaço de Educação Guayí Mirim e o conceito de autopoiesis, no qual aponto o meu processo de autoformação, escrevo este trecho de forma esperançosa. Pois o conhecimento adquirido e a educação aplicada no espaço nos mostram que o mundo pode ser melhor e mais saudável por meio da educação.

As sementes ali plantadas irão se transformar em grandes árvores por terem sido regadas com o conhecimento que ensina os seus direitos e deveres de uma forma a instigar a liberdade enquanto seres pertencentes a um planeta. Os frutos irão gerar novas sementes e novos ciclos virão sucessivamente. Esta aposta de educação nos aponta que mudanças são possíveis dentro do sistema em que vivemos, basta nutrir as sementinhas com cuidado, respeito, conhecimento, afeto e arte.

Afinal, precisamos nutrir nossas relações, “e mais do que sermos Minijardins, precisamos atuar como eles, propondo novos Minijardins, novas atitudes, renovando

os ares e valores, e assim polinizando um novo/diferente futuro” (BAILFUS; CARRARA; BRANDÃO, 2021, p. 4).

Busco assim ampliar o contexto do fechamento desta dissertação, conectando os estudos desenvolvidos à realidade imediata, para responder a minha questão de pesquisa: **Será possível, por meio das Artes Visuais, problematizar memórias, vivências e autoformação mantendo a atenção na relação do ensino das Artes com os cuidados com o planeta?**

Conclui-se que as Artes Visuais permitem problematizar diversas questões que abarquem a vida na terra, visto que as relações atuam de forma interligada, como já considerava Guattari (2001) e Hundertwasser (2003). Na qual, uma questão vai dando espaço para uma outra questão, como uma teia que vai se abrindo e se ampliando.

O ensino das artes fomenta o desenvolvimento de práticas e o aprofundamento em teorias, que por sua vez, geram suporte para potentes problematizações, como a problemática ambiental contemporânea. Que por sua vez, nesta escrita tentou-se apontar caminhos e possíveis soluções, tendo como referências os artistas Krajcberg e Hundertwasser.

Considera-se que uma das vias de acesso a consciência humana, seja por meio da conexão com a natureza, que vai criando laços ambientais e ampliando a necessidade de contato. Acarretando no desenvolvimento de reflexões e tomada de consciência frente a grande problemática ambiental.

As pequenas ações realizadas dentro do Projeto Minijardim, podem ser consideradas fundamentais nesta questão. Por mais que algumas atividades se encontram debilitadas, acredita-se que as oficinas desempenham papéis que evocam pensamentos reflexivos, visto que, elas são voltadas ao pensamento ecológico e resultam em intervenções que visam os cuidados com o outro e com as plantas.

A pedagogia aplicada no Jardim de infância Guayí Mirim conversa consideravelmente com os pensamentos apresentados nesta escrita pois a educação que emerge neste espaço é voltada para a formação de sujeitos engajados, que por sua vez, atuam na formação de consciência, tomada de seus direitos e do outro. Destacando-se entre as demais pedagogias aplicadas na educação formal, que forma sujeitos para o mercado, centrados no capitalismo e desprendido por vezes, da atenção ao meio ambiente.

Para encerrar, aponto meu processo de autoformação, visto que a pesquisa possui caráter autobiográfico, com isso, a descrição de etapas que foram consideradas fundamentais no processo de desenvolvimento, enquanto sujeito/professora/artista, são de extrema relevância.

Diante disso, não se trata apenas de uma pesquisa em elaboração, mas da formação de uma mulher-jardim, que a “cada atividade, cada trabalho, cada ação vai nos formando e permitindo o desabrochar das experiências, um cultivo saudável de conhecimento e o emergir de surpresas inesperadas, assim como ocorre no desenvolvimento de um jardim” (BAILFUS; CARRARA; BRANDÃO, 2021, p. 1).

Toda questão levantada, considerando desde a vivência na zona rural em meio a natureza abundante e os processos da olaria, passando pela escola, trabalho, graduação, Minijardim, educação, Artes Visuais, questão ambiental, mestrado e se encerrando na parte poética, na qual apresento trabalhos que fiz em aquarela, como também trabalhos em fotografias dentro do grupo de pesquisa, foram partes contribuintes da minha formação.

Desta maneira, todas essas memórias e experiência participaram e participam do autodesenvolvimento, sendo responsáveis pela pessoa que aqui escreve, uma pessoa atenta a questão ambiental, a qual considera a potência das Artes Visuais como o elo que possibilitou abordar e conectar tópicos importantes para o desenvolvimento. Portanto, uma pessoa que foi despertada pela natureza e pela Arte, e, que em conjunto com a Arte Educação, busca promover novos despertares.

REFERÊNCIAS

A Flor do Mangue. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2021. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6820/a-flor-do-mangue> >. Acesso em: 10 de jul. 2021.

Agência Brasil. Quase 6 mil indígenas protestam contra 'marco temporal'; veja imagens. **CNN Brasil**. 24 ago. 2021. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/quase-6-mil-indigenas-protestam-contra-marco-temporal-veja-imagens/> >. Acesso em: 13 out. 2021.

Águas dos canais de Veneza ficam mais claras. **G1 Globo**, 2020. Disponível em < <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2020/03/18/sem-turistas-e-barcos-coloracao-da-agua-dos-canais-de-veneza-fica-mais-clara-e-nitida.ghtml> >. Acesso em: 6 set. 2020.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAILFUS, Berenice Knuth; CARRARA, Dhara Fernanda Nunes; BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. NOSSAS DISSERTAÇÕES, UM MINI JARDIM EM NÓS. 7ª Semana Integrada UFPEL 2021. **Anais do XXIII ENPÓS – Encontro de Pós-Graduação**, 2021. Disponível em: < https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2021/LA_02145.pdf >. Acesso em: 23 out. 2021.

BAILFUS, Berenice Knuth; **As Artes Visuais promovendo a Educação Ambiental: uma pesquisa autobiográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018.

BAILFUS, Berenice Knuth; CARRARA, Dhara Fernanda Nunes; BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. O (Con)tato com o barro e suas reverberações. **29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – DISPERSÕES**, ANPAP, 2020. Disponível em: < http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Berenice_Knuth_Bailfus_Dhara_Fernanda_Nunes_Carrara_e_Claudia_Mariza_Mattos_Brandao_ANPAP_2020_ArtigoFinal-187.pdf >. Acesso em: 02 out. 2021.

BERG, Rogier Van Den. Planejamento urbano e epidemias: os efeitos da Covid-19 na gestão urbana. **WRI BRASIL**. 17 abr. 2020. Disponível em: < <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2020/04/planejamento-urbano-e-epidemias-os-efeitos-da-covid-19-na-gestao-urbana> >. Acesso em: 13 out. 2021.

BETIM, Felipe. Amazônia registra em junho o maior número de focos de incêndios dos últimos treze anos. **El País**, 2020. Disponível em < <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-01/amazonia-registra-em-junho-o-maior-numero-de-focos-de-incendio-dos-ultimos-13-anos.html> >. Acesso em: 4 set. 2020.

Bienal São Paulo. **Duas serpentes de 24 metros de comprimento flutuam pela lagoa do Parque Ibirapuera. Em posição de ataque, as cobras "estão prontas**

para dar um bote em Pedro Álvares Cabral", diz o artista Jaider Esbell, referindo-se à escultura de Cabral localizada na outra margem do lago. Chamada "Entidades", a obra representa o ser fantástico Íkĩmĩ, que atravessa vários mundos e que não tem começo e nem fim. "Convido as culturas originárias que já perderam sua língua ou tiveram sua conexão. São Paulo, 4 set. 2021. Instagram: @bienalsaopaulo. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/CTaT-iUHEGo/?utm_source=ig_embed&ig_rid=4cd6619d-fdc3-43d8-9010-f3211a81b3b1 >. Acesso em: 06 out. 2021.

CARRARA, Dhara Fernanda Nunes. Exposição Ninhos, Conchas e Outras Redondices. **ArtSteps**. Disponível em: < <https://www.artsteps.com/view/60f09e13b31a94a84a2d4b3e> >. Acesso em: 13 out. 2021.

CIRNE, Max. Pequenos Universos. **Diário Popular**. Pelotas, p. 04-05. 6/7jan 2018.

CIVITA, Victor (editor). **Arte no Brasil Volume 1**. Ano: 1979. Editora: abril. CORRÊA, Amanda Ribeiro. **Livrai-nos de todo mal da construção social auto formação e docência nos percursos criativos da pesquisa estética**. 2014. 51 f. Monografia - Curso de Especialização em Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

Covid-19 no Mundo. **Gazeta do povo**. Vacinação. Disponível em: < <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/> >. Acesso em: 13 out. 2021.

DAMÉ, Paulo Renato Veigas. **Inserindo dispositivos relacionais: táticas artísticas para desacelerar**. Dissertação de Mestrado, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. 1

Durante quarentena, animais ocupam ruas de centros urbanos pelo mundo. **UOL Notícias**. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/album/2020/04/22/durante-quarentena-animais-saem-as-ruas-em-centros-urbanos-pelo-mundo.htm?mode=list&foto=1> >. Acesso em: 7 set. 2020.

Efeitos que já podemos ver da pandemia sobre o meio ambiente. **EcoDebate**, 2021. Disponível em < <https://www.ecodebate.com.br/2020/05/15/os-efeitos-que-ja-podemos-ver-da-pandemia-sobre-o-meio-ambiente/> >. Acesso em: 4 set. 2020.

FERNANDINO, Fabrício. **(R)Evolução Franz Krajcberg**, O poeta dos vestígios. Belo Horizonte: R. UFMG, 2014.

FERNANDINO, Fabrício. (Re)volução Franz Krajcberg, o poeta dos vestígios. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1 e 2, p.260-277, jan./dez. 2014. Disponível em < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2651/1518> >. Acesso em: 7 set. 2020.

Fundação Bienal de São Paulo. **34ª Bienal de São Paulo**, 2020. Página Inicial. Disponível em: < <http://34.bienal.org.br/> >. Acesso em: 13 out. 2021.

G1. Mortes e casos de coronavírus nos estados. **G1 Globo**. São Paulo, 10 out. 2021. Disponível em: < <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/> >. Acesso em: 13 out. 2021.

GARCIA, Edenise; SOARES, Mariana. Como a pandemia contribuiu para aumentar o desmatamento. **GALILEU**. Meio Ambiente. 27 ago. 2020. Disponível em: < <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/08/como-pandemia-contribuiu-para-aumentar-o-desmatamento.html> >. Acesso em: 13 out. 2021.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2001.

Guayí Mirim. **Jardim de Infância Guayí Mirim**. Disponível em: < <https://Guayímirim.wordpress.com/Guayí-mirim/> >. Acesso em: 5 set 2020.

GUY, Jack; DI DONATO, Valentina. Veneza volta a ter águas cristalinas após isolamento para conter a corona vírus. **CNN Brasil**, 2020. Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/03/18/veneza-volta-a-ter-aguas-cristalinas-apos-ser-isolada-para-conter-coronavirus> >. Acesso em: 5 set. 2020.

HAN, Byung-Chul. **O Aroma do Tempo – Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora**. Lisboa: Relógio D' Água Editores, 2016.

Imagens de satélite mostra canais vazio durante a pandemia. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2020/04/imagens-de-satelite-mostram-canais-de-veneza-vazios-durante-pandemia.shtml> >. Acesso em: 4 set. 2020.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. 284 p. José Claudino e Júlia Ferreira.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Tradução Albino Pozzer, revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JUSSARA, Lautenschläger. Jardins em miniespaços. **Diário Popular**. Pelotas, p. 8. 01 dez. 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

LOUV, Richard. **O princípio da natureza**: reconectando ao meio ambiente na era digital. São Paulo: Cultrix, 2014. 336 p.

MARIOTTI, Humberto – **Autopoiese, Cultura e Sociedade**. Pluriversu – Complexidade, Política e Cultura. Texto datado de 1999.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MEIDEIROS, Jotabê. Bienal de São Paulo é histórica com arte indígena. **Amazônia Real**. São Paulo, 03 set. 2021. Disponível em: < <https://amazoniareal.com.br/bienal-de-sao-paulo/> >. Acesso em: 13 out. 2021.

MIRIM, Guayí. **Jardim de infância Guayí mirim**. Disponível em: < <https://Guayimirim.wordpress.com/Guayí-mirim/> >. Acesso em: 01 set. 2021.

O que é bioconstrução e por que investir nesse tipo de construção. **EcoTelhado**, 2019. Disponível em: < <https://ecotelhado.com/o-que-e-bioconstrucao-e-por-que-investir-neste-tipo-de-composicao/> >. Acesso em: 6 out. 2020.

O que é permacultura. **UFSC Permacultura**. Disponível em < <https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/> >. Acesso em: 6 out. 2020.

PANORAMA Brasileiro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2021. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24417/panorama-brasileiro> >. Acesso em: 10 de jul. 2021.

Peixes no canal de Veneza. **History Brasil**. Disponível em < <https://history.uol.com.br/noticias/canais-de-veneza-ficam-limpidos-e-atraem-peixes-devido-quarentena-contra-o-coronavirus> >. Acesso em: 4 set. 2020.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos de chão**. São Paulo: Peirópolis, 2016. 156 p.

Piske, E. L., Garcia, N. M., & Yunes, M. A. M. (2021). **Educação Ambiental das Infâncias na perspectiva sistêmica**. Série-Estudos - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB, 26(56), 41-70. Disponível em <<https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v26i56.1330> >. Acesso em: 07 dez.2021.

RESTANY, Pierre. **Hundertwasser, o pintor-rei das cinco peles**. Lisboa: Horst Neuzner, 2003. 96 p.

Técnica japonesa, kokedama é opção sustentável para descontrair ambientes. **G1 Globo**, 2019. Disponível em < <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/mercado-imobiliario-do-interior/noticia/2019/09/10/tecnica-japonesa-kokedama-e-opcao-sustentavel-para-descontrair-ambientes.ghtml> >. Acesso em: 1 de mai. 2021.

TUKANO, Daiara. S.O.S. AMAZÔNIA. **Daiara Tukano**. 23 ago. 2019. Disponível em: < <https://www.daiaratukano.com/post/s-o-s-amaz%C3%B4nia> > Acesso em: 13 out. 2021.

UOL. Greta Thunberg: 'Brasil não começou crise climática, mas pôs combustível'. **Notícias UOL**. Meio Ambiente. São Paulo, 10 set. 2021. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2021/09/10/greta->

[thunberg-brasil-nao-comecou-crise-climatica-mas-pos-combustivel.htm](#) >. Acesso em: 13 out. 2021.

APÊNDICE

Apêndice A – Entrevista com membro 1 do Grupo Minijardim - 2020

Qual a importância do contato com o barro para ti e como isso afeta a tua vida cotidianamente; O que tu sentes quando entra em contato com argila e o que isso desencadeia na tua mente, corpo e criação?

A pessoa 1 relatou: “O barro para mim é uma arteterapia, o contato com ele traz uma pausa no pensar pois, desencadeia uma quietude na alma que me reestabelece o equilíbrio físico, mental e emocional causados pelos conflitos do dia a dia. É no silêncio da conversa com o barro que me esqueço literalmente para refletir naquilo em que o mesmo pode se transformar, é onde defino a sua forma e como realizá-la, exercendo assim meu potencial criativo através das mãos (Figura 1). Assim, o barro se converte naquilo que me representa, pois nele fica um pouco de mim, do meu existir, do meu espírito.”

Apêndice B – Entrevista com membro 2 do Grupo Minijardim - 2020

Qual a importância do contato com o barro para ti e como isso afeta a tua vida cotidianamente; O que tu sentes quando entra em contato com argila e o que isso desencadeia na tua mente, corpo e criação?

A pessoa intitulada “B” relatou: “Trabalhar com o barro, sempre me remete à infância. Cavávamos a terra e retirávamos a argila para nossas criações. Um tempo de despreocupações com a forma, técnica ou conceitos. Simplesmente brincávamos. O tempo se esvaía. Hoje, mesmo com a técnica, me permito desligar do mundo quando estou trabalhando com a argila. É um momento meu com o barro. Às vezes, pego, sinto a forma, a textura, e o momento que estou vivendo, dita o resultado final. Outras vezes, já vou determinada a fazer certo trabalho, mas não tenho pressa em terminá-lo. Vou percebendo novas nuances e, coisas que não havia previsto, acabam acontecendo. O desfecho é sempre uma surpresa. Comecei a trabalhar no torno cerâmico, nesse semestre. Tive muita dificuldade em abrir as peças, por isso, ficava girando a massa de argila, só sentindo como ela se comportava em minhas mãos. Esse esperar fazia com que meu corpo se acostumasse com posições ainda desconhecidas, mas necessárias para a execução da tarefa. Como moro sozinha, estar no ateliê de cerâmica é uma forma de estar acompanhada. Aqui não apenas trabalhamos, mas rimos, brincamos, contamos histórias, trocamos experiências e celebramos a vida que, como a argila, vai sendo moldada e alterada com nosso comportamento.”

Apêndice C – Entrevista com membro 3 do Grupo Minijardim - 2020

Qual a importância do contato com o barro para ti e como isso afeta a tua vida cotidianamente; O que tu sentes quando entra em contato com argila e o que isso desencadeia na tua mente, corpo e criação?

A pessoa “3” disse: “Começar a trabalhar com o barro me proporcionou autoconhecimento. Diferente de outros materiais com os quais já trabalhei o barro parece ter vida própria. Com o tempo fui percebendo que não só eu o modelava, mas ele modelava a mim também; meu corpo e minha mente. Eu o modelo, mas ele muda com o tempo. O barro me diz como posso ou não trabalhar. Ele tem o tempo dele que é diferente do meu. Paciência, foco e disciplina são coisas que o barro ainda hoje, mesmo depois de 3 anos trabalhando juntos, me ensina. Assim como o desapego. Ele sempre volta para a natureza e/ou se transforma em outra coisa. Geralmente não penso no que vou fazer, a peça surge da interação com ele naquele momento. A peça vai aparecendo para mim. Há dias que não sai nada, passo horas sovando o barro. Entretanto, algo sai de mim. Me sinto mais leve nesses momentos. Quando uma peça está pronta vejo nela uma parte importante de mim, do meu tempo, do meu corpo, do meu estado psicoemocional. Sei que outros podem se sentir assim trabalhando, lidando e se relacionando com outros materiais. Mas, pessoalmente, na minha relação com o barro a 'modelagem' é mútua.”

Apêndice D – Entrevista com membro 4 do Grupo Minijardim - 2020

Qual a importância do contato com o barro para ti e como isso afeta a tua vida cotidianamente; O que tu sentes quando entra em contato com argila e o que isso desencadeia na tua mente, corpo e criação?

O sujeito “D” salientou que: “O trabalho manual me traz uma memória afetiva, do tempo de infância, quando acompanhava minha mãe em cursos de artesanato, confecção de flores, pinturas, etc. Creio que a argila me permite resgatar estas memórias e me traz muita paz. Um contato com sentimentos muito individuais. A argila permite pensar o inexistente, o bruto e a possibilidade de criação a partir do zero, isso muitas vezes me assusta! O desconhecido que pode surgir de mim do nada! Mesmo que a técnica não seja muito elaborada, e não é, o pensar fazer, pensar possibilidades já é um caminho para o crescimento!”

Apêndice E – Entrevista com Junelise Pequeno Martino

Entrevista com Junelise Pequeno Martino, coordenadora do Jardim de Infância Guayí Mirim. Realizada no dia 04 de agosto de 2021, às 15 horas, via Webconf UFPel.

Berenice: Desde a graduação em Artes, eu tenho desenvolvido a minha pesquisa, as minhas práticas, minhas ideias e meus temas, sempre pensando a arte com o olhar atento a natureza, cuidado com o outro.

Também eu participo do projeto Minijardim, não sei se tu conheces. Sabe a Dalva Lopes?

Entrevistada: O Minijardim é aquele no Centro de Artes?

Berenice: Isso, eu ajudo muito a Dalvinha lá. E ao meu ver, dialoga muito com as práticas do Guayí Mirim, porque é o contato com a natureza, o cuidado com o outro, que se desvincula dessa correria que é nossa vida e fora dali, aí achei que conversa muito.

A minha orientadora é a professora Cláudia Brandão, ela te conhece. Lá no início, quando eu entrei no mestrado pela linha de Educação, eu conversei com ela, falei “ah professora, quem sabe, eu queria muito fazer umas atividades no Guayí Mirim porque eu gosto das práticas do espaço e compreendo que irá ser relevante para a minha pesquisa”.

Eu sou da zona rural, então fui criada no meio da natureza e eu entendo a complexidade que é ter o contato com a natureza. Hoje eu aqui nessa selva de pedra, meu Deus, vontade de fugir para lá.

Aí eu falei com ela, ela também foi minha orientadora do TCC.

Ela disse “eu acho que seria muito legal”, porque dialoga muito, brincar, brinquedos, ver o espaço de infância nessa ideia de casa, acolhedor, diferente daquilo que temos como espaço de educação.

Aí veio a pandemia, tive que me adaptar. E a professora falou “quem sabe a gente faz uma entrevista?”.

Eu gostaria de estar lá, mas também seria muito rico porque vai me dar muito material.

Bom, para compreensão da minha pesquisa, na minha introdução, eu falo sobre a minha vivência na zona rural. Eu fui criada no meio das olarias, meu pai era oleiro.

É difícil, mas eu aprendi sobre as práticas da cerâmica, de certa forma, com o pai, fazendo o tijolo ali na olaria.

Então ali na minha introdução, eu falo sobre isso, sobre meu caminho até as olarias, sobre a natureza onde eu aprendo os seus ciclos, como o ciclo da fruta, tendo que esperar ela ficar pronta no pé, no caso a goiaba. Eu aprendo sobre os chás, a importância de saber sobre, do cuidado com as plantas, até chegar na olaria onde eu ia levar o café para meu pai, e ele tirava um barro para eu criar e brincar, mas eu não tinha referência de arte, então, eu criava baseado na natureza que era os passarinhos, eram folhas, eram coisas que eu ia vendo no decorrer do meu caminho.

No meu primeiro capítulo, eu falo da situação atual das nossas florestas e também pensando a arte, o olhar atento da arte com a natureza. Aí tem algumas referências, os artistas de Nassau que vieram para o Brasil, que não vieram para explorar esteticamente, eles vieram a serviço de alguém para fazer trabalhos que depois foram vendidos ou doados para fora do Brasil e não ficaram por aqui. É uma crítica, uma reflexão sobre o que aconteceu.

Também abordo o artista Frans Krajcberg, que veio para o Brasil e fez todo um trabalho maravilhoso em defesa das nossas florestas. Ele acabou falecendo, mas suas obras continuam ativas, movimentando e inspirando a gente.

Eu tenho como referência o Richard Louv. Conhece?

Entrevistada: Sim.

Berenice: Eu o uso. E uso o Gandhi Piorski.

Entrevistada: Ele é maravilhoso!

Berenice: Isso. Eu também uso o artista Hundertwasser, já ouviu falar dele? Ele criou a teoria das cinco peles, uma pele vai abrindo a outra. Ele não enxerga o planeta como algo separado como a gente costuma ver, porque se eu estou praticando a mim, eu estou praticando o outro. Tudo se conecta. Ele criou projetos arquitetônicos maravilhosos pensando os cuidados com o planeta. E foi um grande compartilhador da ideia de que o mundo precisa ser mais verde, com isso plantou muitas árvores por onde passou. Sempre considerando a Arte em seus trabalhos, pois gostava da cor e sugeria que decorássemos nossas moradias com plantas e cores.

E Félix Guattari, que fala das 3 ecologias e também Maturana, com o conceito de autopoiesis. Esses teóricos eu vou discorrendo na minha pesquisa inteira.

No segundo capítulo, eu falei sobre o Minijardim. Desde que eu conheci a Dalva, lá em 2017, eu não saí mais do projeto. Eu faço pão, para a gente toma café, eu ajudo a Dalva nas atividades e exposições.

No ano passado, eu realizei a exposição virtual por conta da pandemia, a gente estava compreendendo o que era o espaço virtual, então fizemos pelo facebook que é por onde os membros tem acesso.

E para fechar meu último capítulo, eu pensei em te entrevistar.

Eu criei algumas perguntas. Eu visitei a página do Guayí mirim, para compreender como funciona, a metodologia, da Pedagogia Waldorf.

Eu não criei muitas perguntas para não ser cansativo, são cinco questões.

Eu coloquei para gravar, a UFPel demora uns dois dias para devolver a gravação para a gente e eu já quero começar a escrever. Com isso vou anotando também.

Tu tens alguma dúvida sobre minha pesquisa, sobre o que eu já escrevi até aqui?

Entrevistada: Não querida, eu acho ótimo que tu tenhas feito perguntas, que é bem importante, as perguntas guiam a gente do que se eu fosse contar. Acho que as perguntas direcionam e ajudam mais no que você precisa.

Berenice: E se eu não perguntar alguma coisa que tu achas importante, pode trazer também, pois vai enriquecer.

A princípio, eu compreendi que o Guayí Mirim é para crianças, antes daquela fase de sete anos, seis anos, da escola. Então o Guayí Mirim é um jardim de infância. Pude compreender que sempre é priorizado ser em casas o local para seu funcionamento, para a criança poder ter acesso a cozinha, saber sobre alimentação, para ir para o pátio e ter aquele contato com a natureza, para brincar com o coleguinha, de uma forma mais saudável.

O Richard Louv fala muito sobre a importância de ter um equilíbrio entre o tecnológico e o natural. E como ele diz, o tecnológico veio para ficar. Mas para a gente ter equilíbrio, precisamos buscar atividades que voltem para a natureza, porque a gente é natureza, a nossa essência é a natureza.

Entrevistada: Isso mesmo, é o que a gente acredita também.

Berenice: Ah que bom! Eu percebi que sempre casas com pátio para as crianças conseguem desenvolver as atividades. Eu achei isso muito legal!

Entrevistada: Na outra casa, a gente ficava nas três vendas. Na outra casa ali, a gente ficou atendendo criança a partir dos três anos de idade, até os seis.

E aí depois que a gente foi para o Porto, com uma casa maior, possibilita atender um número maior de crianças. Então a gente abriu o maternal, criou uma salinha para o maternal.

Hoje a gente já recebe crianças a partir dos dois anos, aí elas estão nessa fase maternal. Sim, o jardim de infância na Pedagogia Waldorf, a partir da antroposofia que é a nossa filosofia que embasa a pedagogia, que embasa também a agricultura mânica, a medicina. Todo esse trabalho tem um embasamento teórico da antroposofia, que é essa filosofia do saber humano.

Tudo que o homem constrói. Então é muito valorizado mesmo dentro da Pedagogia Waldorf, e falando especificamente da Pedagogia Waldorf, os trabalhos feitos pelo homem e os trabalhos feitos através das artes.

Então por exemplo, o currículo é recheado de arte, desde a infância.

Na primeira infância, a gente pretende que o espaço educativo seja tão acolhedor quanto uma casa. Uma casa que hoje, é um pouco diferente dessa casa moderna de hoje. É uma casa mais antiquinha, é uma casa que a gente cozinha todo dia, casa de vó. A gente cozinha todo dia, a gente lava, a gente passa, a gente cuida do jardim e vai cuidando das crianças junto. E as crianças brincam e vão brincando livremente.

Então assim, no Guayí mirim não tem uma salinha com cadeiras e mesinhas para as crianças fazerem as atividades, entende? Isso lá não existe. Existe uma grande mesa, feita por duas, quatro ou seis mesas, que podem se movimentar no espaço. Porque aquelas mesas onde todos comem, podem brincar com elas.

Berenice: Todos se olham e fazem contato né!?

Porque na cerâmica, a gente também tem as mesas grandes, para que todas atividades ali sejam compartilhadas. Então a gente come, mexe no barro, troca muda de planta, faz oficina de kokedama, um jardim sustentável, digamos, com suporte sustentável. Sempre considerando que todos se olhem. Que interessante!

Entrevistada: Sim. Eu já participei muito ali do ateliê de cerâmica. Eu já fiz oficina ali. Conheço a Dalva há bastante tempo também e o professor Damé.

Berenice: Ele é minha referência também, até esqueci de falar sobre isso. Ele tem pesquisas que falam sobre o desacelerar.

Entrevistada: Isso mesmo, e isso também vai de encontro com a nossa proposta né, o desacelerar. Tudo que vem sendo feito com as crianças da primeira infância, desde a parte antes do ensino fundamental é uma aceleração. Então isso não é saudável.

E nós, da antroposofia, temos um conceito chamado de salutogênese. E essa salutogênese é exatamente isso, de onde que provém saúde? Como é que a gente faz com que o ser humano tenha saúde e mantenha essa saúde?

É um conceito que está em toda a base da antroposofia porque a gente está a todo tempo buscando saúde. A gente pratica de maneira que tudo fique bem harmônico, a gente está sempre tentando equilibrar forças. E equilibrar, você tem um ambiente saudável de vida.

A gente pode fazer isso desde pequenininho, na verdade, desde a gravidez, desde o início de tudo, porque para gente garantir saúde para uma criança pequena, na vida adulta, o nosso foco é o brincar livre.

A gente sabe o quão importante é para a criança, brincar na infância, porque a gente faz, de um modo geral, nas escolhas convencionais, hoje, é antecipar etapas que a criança ainda vai viver no ensino fundamental.

Portanto, não é necessário o que está sendo feito. Assim, dos quatro aos seis anos, retirar o brincar da criança e levar para espaços educativos com essa cadeirinha e essa mesinha para fazer as atividades. Isso não faz muito sentido.

Berenice: Eu lembro quando eu entrei na escola, eu não fiz pré, porque na escola que eu estudei não tinha pré-escolar na época. E o modo da disponibilidade das classes me incomodava, a sala me remetia a ideia de estar presa. A minha esperança eram as manhãs, quando eu ia levar café para o pai, eu tinha liberdade. Eu estudava a tarde, e ficava no meio da natureza manhã, então no caminho do café, eu ia brincando, conhecendo as plantas, eu ia decorando os nomes das plantas, mas não era uma questão de decorar que eu tinha a obrigação de saber, eu gostava de decorar porque eu sentia necessidade de saber. Era um interesse meu, então eu ia aos poucos. Aquele brincar, como eu falo na minha introdução, esse contato com coisa saudáveis. A minha mãe não se preocupava comigo, por que ela sabia que eu estava segura na natureza. Eu ia sozinha levar o café e era um pouquinho longe, mas nunca passei perigo. Às vezes eu me perdia no tempo, com o começar das aulas, as

aulas pareciam uma prisão, porque ela se desvincula de toda aquela ideia que tu tens de casa, tudo muito regrado, cadeirinha para o outro e tudo mais.

Mas aí, eu comento que eu tinha meu refúgio, que era, de manhã, levar meu café para o pai. E eu tinha minha liberdade. De certa forma, eu tinha perdido um pouco quando entrei para escola. Fazia as minhas coisas na natureza, que eu acredito que é extremamente importante.

Porque se eu acho uma criança instigada com a brincar no meio natural, preocupada com o outro, se desenvolve saudável. Eu acredito que futuramente possuirá uma sensibilidade com as pessoas, no cuidado com o outro, com o espaço onde habita.

E eu acho que isso tudo veio porque eu tive esse contato tão harmonioso eu acho, quando eu era criança. Com isso, despertou esse interesse em pesquisar. Agente era muito pobre, pobre mesmo, éramos em seis irmãos. Mas eu não sinto que faltou alguma coisa para mim, quando criança, pois o contato natural me curava das dores da vida.

O lado rico do contato com a natureza, para mim foi fundamental, por isso que eu amo valorizar isso, ver que é possível.

As crianças que passam por aí, elas vão com certeza, compreender e ter preocupações diferentes de uma criança que passa por outra escola, capitalista como eu digo, que só pensa em “educar”.

Entrevistada: Tem, acredito que tem. A gente aprende a cuidar e educar, educar e cuidar. Agora, quando a gente fala isso, a gente lembra de algo da história da educação infantil. Porque se tratando de educação infantil, na educação mesmo, a história é muito pequena. Nós temos pouco tempo.

A gente vem de um histórico quase assistencialista, não é?

Pouca valoração para esse cuidar de hoje. Porque antes, as crianças iam para aquele espaço, creches e tinham umas tias lá que cuidavam no espaço e delas.

Só que hoje mudou muito, então a necessidade das famílias é outra. Então tu tens mais necessidades, porque são criança cuidadas por alguém, mas que também seja educada, porque os pais ficam muito fora de casa.

É o que a gente tem de sociedade hoje, de ter que sair de casa para trabalhar. As crianças também acabam sendo jogadas para fora de casa pelos pais, para trabalhar. Aí você vai perdendo então um pouco dessa qualidade dessa relação.

Existe uma desvalorização da educação infantil, para esse profissional da educação infantil. E na Pedagogia Waldorf, isso é muito valorizado. Valorizado no sentido de que, essa pessoa é muito importante porque a gente acredita, a gente sabe, a pedagogia sabe, todo mundo sabe, que a criança imita, a criança é uma grande imitadora.

E a partir disso, de saber que a criança imita, a pessoa que cuida da criança, a pessoa da educação infantil é uma pessoa muito importante para se relacionar com a sua criança. Então é bom que esse profissional seja uma pessoa muito serena, segura, ambientada de fato para cuidar da sua criança, uma pessoa que saiba conversar, que saiba contar história, uma pessoa que também saiba brincar na hora que é necessário, mas também sabe fazer uma boa comida, que saiba cantar e tenha um bom tom de voz.

Um bom tom de voz que é gosto para criança cantar, que saiba fazer carinho, uma pessoa que é empática com o outro. Esse é o profissional de educação infantil que precisa compreender de artes, que precisa trabalhar nas manualidades que a gente chama, ou seja, fazer artesanato.

Berenice: Um dia eu vou dar aula na escola, não é possível, eu gosto de tudo isso.

Entrevistada: Tomara que essa escola cresça para poder te abraçar um dia, essa é a ideia.

Berenice: E vai crescer. Eu vejo que cada vez mais tem pessoas engajadas, procurando uma pedagogia que atue dessa forma, eu vejo que os alunos do centro de Artes são mais engajados do que a minha geração, no caso.

Então acho que com isso, cresce também o interesse, cresce a preocupação do espaço onde a criança vai ser acolhida quando houver a necessidade para ir para o trabalho.

Entrevistada: É, então aí a gente vai chegar num outro ponto que é super importante, que é da relação de confiança que se estabelece, entre família e professor.

Berenice: Eu tenho uma pergunta que é sobre isso.

Entrevistada: Faz a pergunta para ver se eu consigo te responder.

Berenice: Espera aí, que vou te perguntar uma coisa que acabei me esquecendo, lá no início. Quantos alunos, mais ou menos, a escola tem hoje?

Entrevistada: Hoje, dentro da pandemia, oito crianças que a gente está tendo de aluno regular na pandemia.

Berenice: E elas variam de qual idade?

Entrevistada: A idade delas é de dois e meio a seis anos.

Berenice: Então tem em uma mescla né?

Entrevistada: É, isso. A turma é mista. E é importante que seja para que a gente seja realmente uma grande família.

Berenice: Como funciona na prática as atividades que o jardim de infância desenvolve? Mais ou menos o que você me falou. Que o espaço tem que ser acolhedor, que passa a ideia da casa, que passa, cozinha, que canta, que brinca, desenvolve várias coisas ao mesmo tempo.

Entrevistada: Aham. A gente limpa a casa e as crianças nos ajudam a limpar, a gente lava a louça, as crianças nos ajudam a lavar. Claro que a gente não vai colocar a mãozinha delas, essa água gelada do inverno. Tanto que por exemplo, amanhã, quando está frio assim, a gente aquece a água para as crianças lavarem as mãos. A gente as recebe com esse carinho assim.

Berenice: Sim, para elas sempre terem aquela vontade de voltar.

Entrevistada: É, e receber com carinho, com cuidado. Então assim, elas ajudam. A gente sempre tem o bom sendo de trazer elas para as atividades, muitas vezes, elas estão interessadas. Como você mesma disse, eu fui descobrindo os nomes das plantas porque eu tinha curiosidade. E assim é a criança pequena. Ela tem muita curiosidade com tudo que a gente faz no entorno dela. Então esse entorno dela precisa ser um retorno positivo através desses professores.

Então por exemplo, o professor está varrendo a sala, tem uma pá, uma boa vassoura, está varrendo. Você não faz esse tipo de atividade com expressão de cansaço, você faz esse tipo de atividade com expressão de alegria, de prazer.

O trabalho é prazeroso, então assim, é gratificante, é bom fazer isso. E você pode me ajudar, se você quiser. Eu tenho uma outra vassoura, eu tenho uma outra pá.

Berenice: Isso, então se está sempre convidando a criança a fazer as atividades. Atividades convidativas, eu posso colocar?

Entrevistada: Pode. A gente convida sim a participar. Guardar brinquedos, às vezes é tão difícil nas casas, os pais sempre reclamam “ah brinca com tudo, mas na

hora de guardar, não guarda nada”. Bom, e como é que a gente faz para a criança se engajar? Essa é uma pergunta. Como é que eu consigo que elas guardem os brinquedos no espaço?

Primeiro, eu faço junto com ela. Eu não deixo que elas guardem sozinhas, eu vou guardar junto com elas. Eu as convido a fazerem junto. Eu canto uma canção. E como a gente é um professor que também é observador da ação da criança, a todo tempo a gente está fazendo essas coisas, mas a gente está atento ao brincar delas, atento ao que elas estão fazendo, a duplinha que está ali brincando, a outro grupo que está ali brincando com brinquedo, a todo tempo você está assim.

Tem um ditado antigo que diz: “é um olho no peixe, outro no gato”. Então a gente está ali assim, com todo interesse na nossa ação, seja cozinha, brincando, estudando, varrendo, mas também atenta as crianças.

Berenice: A alimentação então, a alimentação que vocês ofertam é desenvolvida ali com elas e elas vão aprendendo conforme vão comendo e conversando sobre a importância de como funciona?

Entrevistada: Não, a gente não dá esse tipo de texto. A gente não fala da importância do alimento. Sabe por quê? Porque isso tem um cunho moral, tem algo de que é “ah, isso é bom de comer”, “isso faz crescer, faz ficar forte”. Não, a gente não tece esse tipo de comentário.

Se ela não quer comer um alimento, a gente deixa ela não querer. Está tudo bem. No sentido de que, você não vai comer isso, mas prova, experimenta. “Ah eu provei e não gostei”. Então ok.

Berenice: É livre né? Eu li também que a importância da liberdade da criança.

Entrevistada: É. A nossa função é essa, é cuidar dessa liberdade porque a gente educa essa vontade, esse querer. A criança pequena, ela é puro querer, ela que movimenta, ela é muito querer, muita vontade de fazer coisas, de descobrir coisas. Então ela usa todo seu corpo para descobrir as coisas do mundo porque ela tem essa curiosidade. Ela acabou de chegar, ela tem pouco tempo que chegou.

Berenice: Tudo é novidade.

Entrevistada: É, então a gente precisa ajudar essa criança a descobrir o mundo, mas ela precisa brincar porque ela brincando, ela aprende.

E a gente não precisa ficar intervindo e meio que contando as coisas do mundo para a criança, porque isso gera nela um cansaço antes da hora, não tem necessidade disso.

Ela vai descobrir letras, ela vai ter curiosidade, lá pelos cinco anos ela já começa a ficar bem curiosa. E se a gente ainda puder estender esse tempo de curiosidade, dosando isso bem aos poucos, para que lá, no primeiro ano do ensino fundamental, onde ela vai ter um ano inteiro para descobrir o que é alfabetização, ler, nome... No fundamental, a criança tem um ano inteiro para aprender a ler e a escrever. Se ela brincou, se ela movimentou, se ela tem um desenvolvimento físico, é isso que importa para gente, é o desenvolvimento do corpo, todas as crianças estão em formação, todos os jovens estão em formação.

Inclusive o pensar. O cérebro que é tão queridinho da nossa sociedade, hoje, muito valorizado, hoje o intelecto vale muito, mas a gente está deixando muito a desejar do movimento corpóreo, que, dentro da antroposofia, a gente colhe dessas três instancias, colhe essas três qualidades: do pensar, do sentir e do querer.

O querer sendo membro do corpo, da barriga para baixo e as mãos e os braços. O sentir, da região de pulsação mesmo, onde tem o nosso ritmo, a pulsação do nosso coração e, a nossa região do sentimento, do sentir. E essa polaridade que é a cabeça, da região do pensar.

Então essas três a gente trabalha e tenta equilibrar. Então o equilíbrio está sempre aqui junto do nosso ritmo, do nosso ritmo cardíaco e do nosso ritmo pulmonar. Dentro do espaço educativo infantil, esse ritmo, ele também é preservado porque a gente sabe que a criança está com seus órgãos em formação e a gente precisa equilibrar essas forças e essas energias, para que esses órgãos cresçam com saúde e se desenvolvam para ela ter uma vida futura, adulta, saudável.

Uma cabecinha que vai conseguir pensar, vai conseguir ler e escrever com facilidade, um corpo que vai se movimentar e vai conseguir inclusive fazer as pregas todas necessárias para a coordenação interina, para a coordenação motora. Um corpo que vai gostar de andar, um corpo que vai gostar de olhar o outro, que vai saber pegar uma ferramenta, vai saber cuidar da casa porque todas as coisas da casa, ela já sabe como funciona. Ela vai saber fazer um bolo porque ela observou, ela imitou. Ela teve durante muito tempo isso perto dela, ela vai saber fazer isso, porque toda nossa memória básica está nos nossos setes anos primeiros.

Berenice: Ah! Eu uso Josso como referência, quando ela fala tanto das nossas memórias. Porque lá eu falo das minhas memórias.

Entrevistada: Eu vou querer ler esse material seu!

Berenice: Se você quiser, quando eu apresentar, eu posso te convidar para você ver.

Entrevistada: Eu quero.

Berenice: Tá, eu te mando o link, assim que tiver tudo certo, eu te mando pelo whatsapp.

Berenice: Continuando... Como as crianças acolhem as propostas? Eu acredito que elas acolhem super bem, que elas aprendem, que elas se desenvolvem sem nem perceber. É tudo muito acolhedor, mas eu queria que tu falasse. E se tem alguma atividade que tu percebes que as crianças gostam muito, que é a preferida delas?

Entrevistada: Elas percebem, elas sabem. A gente não precisa ficar dando muito texto para a criança, ela é muito observadora e perspicaz.

A não ser que ela tenha alguma questão neurológica, que ela tenha alguma dificuldade mesmo, alguma necessidade especial que a gente ainda não sabe. Mas de um modo geral, a criança é muito esperta para aquilo que a gente está oferecendo para ela, e elas tem desejo de fazer as coisas, de participar.

Berenice: E tem alguma que tu achas que elas mais gostam ou elas são super acolhedoras das propostas?

Entrevistada: Não, nem sempre elas acolhem tudo com alegria. E é assim mesmo né, porque é assim na vida, nem tudo a gente acolhe com alegria.

Eu convido cantando, eu sempre convido cantando, tudo que eu vou fazer é cantando.

Berenice: Mas é difícil não acolher hein!? Imagina, chega uma pessoa cantando, as crianças adoram...

Entrevistada: É, já facilita muito. E lembra daquilo que eu falei do ritmo? O ritmo guia a gente, enquanto professor de educação infantil.

A gente faz momento de expansão e contração, a todo momento no espaço. Então eu tenho momento expansivo. Vou dar um exemplo para ti.

Tem um momento expansivo que é o brincar livre fora da casa. Brincar com os brinquedos de fora, brincar balançando, correndo, brincar lá fora, pulando corda, esse é o brincar lá e ele é mais expansivo.

Depois eu tenho um momento na sequência, contrativo, que é o momento de lavar as mãos, ir ao banheiro e comer. Depois do lanche, vai brincar novamente livremente, mas dentro da casa, então tem uma outra expansão.

Chega no final da manhã, eu faço um outro movimento contrativo de trazer para a história, finalizar com uma conversa, alguma coisa assim que deixa o ambiente mais fechadinho e a gente encerra a manhã.

Isso, já faz com que as crianças tentem ou se engajem, porque elas sabem o que vai vir. Isso gera nas crianças segurança.

Eu estou segura, eu vou porque estou segura e porque eu gosto. E porque minha professora querida também gosta de fazer isso. Então eu vou com ela.

Isso é muito importante. Você precisa gostar daquilo que está fazendo. Você precisa contar a história que você gosta de contar. Se por ventura, tem alguma história que você não se agrada, as crianças vão perceber.

Elas vão sentir e elas não vão se engajar, elas não vão gostar. Agora, se aquilo para você é bom, você gosta de fazer, elas vão contigo. Mesmo que uma ou outra digam assim “hum”. Igual hoje, eles estavam brincando super bem, mas eu precisava contar a história. E eu, tá bem, tô ouvindo aqui que eles estão brincando de barco, tem um pirata, e aí eu falei “tá bom então, vou precisar de alguns piratas para me ajudarem a tirar todos esses mantimentos do barco para gente guardar”.

E aí claro, alguns se engajam com mais facilidade, outros tem alguma resistência assim “ah, agora é hora da história”, tipo cortou minha brincadeira. E eu entendo, mas eu não converso, só escuto. Eu não digo para eles “não, temos que fazer”, eu só vou fazendo. Eu preciso fazer aquilo, então eu vou fazendo.

E elas vão comigo porque elas sabem que depois de tudo guardado, elas vão sentar, eu vou acender uma velinha, vou falar um versinho, vou contar uma história, eles vão ganhar depois um carinhozinho na mão e a gente vai finalizar.

Berenice: Tão acolhedor!

Entrevistada: Então é assim. A gente tem uma atividade muito bacana que é fazer o pão. Fazer o pão juntos é uma alegria, eles gostam muito de fazer pão.

Berenice: É tão importante eles saberem fazer o seu próprio pão, depois isso vai para a vida deles.

Entrevistada: É, muito mesmo. E eles amam comer o pãozinho que eles fizeram. É muito bom! Fazer o pão é mágico, deixa a manhã bem mágica fazer o pão.

Berenice: Aí o pão não é feito todas as manhãs?

Entrevistada: Não, pois é. A gente tem esse outro caminho que a gente percorre durante toda semana, da alimentação. A gente tem por orientação, também por pesquisa, temos sete cereais na semana.

Berenice: Para variar bem.

Entrevistada: Isso, porque isso é necessário para o ser humano, varia o tipo de cereal e precisamos comer cereais todos os dias.

A gente faz o pão uma vez na semana, normalmente na quinta-feira que é dia do centeio e aí a gente costuma fazer na quinta-feira.

Por exemplo, na segunda-feira, é dia de arroz. Aí você vai entender um pouco disso. Toda segunda-feira se come arroz no Guayí mirim. E as crianças durante o ano inteiro, toda segunda-feira, comem arroz.

Berenice: Cada dia tem um grão específico.

Entrevistada: Tem o dia do milho também, aí quando não é época do milho, porque a gente também prioriza os alimentos orgânicos, quando não está na época do milho, a gente utiliza alguma coisa com farinha de milho orgânica que a gente consegue encontrar.

De alguma maneira, a gente trabalha o cereal.

Berenice: Cada dia da semana tem um cereal que é abordado, seria assim?

Entrevistada: Que é utilizado para fazer a comida, preparar a comida.

Tenta se guiar por ele, não é que a gente tenha um roteiro, todos sete. Porque tem dois cereais, um é a cevada e o outro é o painço. E as vezes é difícil da gente encontrar e criar receitas para uma época... Por exemplo, agora no inverno. Fazer a cevadinha seria com coisas mais picadinhas. Enfim, a gente tenta seguir, mas tem alguns que a gente segue que são esses, o arroz, o pão e o milho, a gente segue sempre.

Berenice: Que legal!

Berenice; Se percebe os benefícios, não sei se a palavra certa seria benefícios, mas o bem que está fazendo para a criança essas atividades que são propostas? Pensando todas essas questões que são elaboradas, todas essas práticas que a escola cuida, pensando a criança quando elabora e consegue notar de primeira mão, os benefícios que a escola pensou para ela, consegue perceber?

Entrevistada: Eu acho que essa pergunta seria boa para ser feita para algum pai ou alguma mãe.

Berenice: Depois vou perguntar sobre os pais também, se eles são engajados juntos.

Entrevistada: Mas eu posso te responder um pouquinho das crianças que passaram por mim e já estão no ensino fundamental. Bom, eu percebo que são crianças mais livres e mais seguras de si.

O que a gente faz é ajudar essa corporalidade se formar, esse corpo se formar. A criança vai estar apta para os desafios que vão vir depois. Esse é um dos objetivos, que a gente pode dizer e chamar de objetivo, é deixar essa criança apta para o que vai vir depois, as crianças e os pais.

Porque um jardim de infância é um espaço de aprendizagem da família para o que é que vai vir ser a escola. Já começa aí um germezinho do acompanhamento necessário dos pais na escola.

Os pais precisam mesmo se dar conta de que é necessário que eles estejam acompanhando as atividades das suas crianças.

Berenice: Pode se considerar que as práticas, as atividades realizadas com as crianças, se estendam a membros da família? Como reconhecemos?

Quando o pai prioriza a Guayí Mirim é porque ele já passou por uma pesquisa, acredito, antes de colocar a criança no espaço. Então, eu penso que ele prioriza essas práticas e a pedagogia reflete o que ele busca, porque de certa forma ele tem um pensamento que dialoga com a pedagogia. Mas, mesmo assim, eu quis perguntar se as práticas estendem aos membros da família, se eles participam...

Entrevistada: Aí a gente vai entrar numa premissa da Pedagogia Waldorf, que eu ainda não falei que é a auto educação. O Rudolf Steiner, que é o nosso criador, criador da Pedagogia Waldorf, dessa filosofia, dessa ciência que é a antroposofia. O Steiner, ele fala para nós o seguinte, porque ele tem vários livros direcionados para professores.

Para os professores, ele lembra que toda educação é auto educação. Não adianta você querer educar se você não está educado, se você não foi educado, se você não está em constante observação das suas ações e cuidado com suas ações, movimentando, desenvolvendo e evoluindo.

A nossa antroposofia, nossa base filosófica acredita nisso, ela pensa assim. O ser humano evolui constantemente, não é? Então assim, esse ser humano que educa, o professor, ele é uma pessoa muito importante no processo educativo.

Portanto, ele precisa se auto educar.

Berenice: Quando acontece as atividades, os pais, eles se tiverem tempo livre, eles são acolhidos, eles participam da atividade da escola?

Entrevistada: Os pais são sempre convidados a participar. Inclusive na gestão da escola. A gente gere juntos. Nós temos uma associação mantedora do espaço, que representa juridicamente o espaço e, essa associação tem um corpo diretor. A escola Guayí Mirim não tem um diretor, somos todos nós que fazemos. É um espaço de gestão coletiva, de cogestão.

Então a gente convida os pais a participarem da gestão, das comissões de trabalho e esse é um processo bem difícil para as famílias porque não estão habituados a isso.

A gente vem construindo, tem um histórico, como falei antes, de assistencialismo na educação infantil. E a gente também tem um histórico na nossa escola, na nossa educação, sobretudo as escolas particulares, as pagas, desse espaço onde a criança é deixada para ser educada. E agora, desconstruir isso e convidar pais para dentro da escola e convidar pais para dentro da gestão escolar, é novo. Não deveria ser, porque afinal de contas, nós somos seres humanos bem cooperativos, mas é novo e a gente vai um pouco na contramão do que está colocado aí.

Nas escolas particulares, sobretudo hoje, está muito forte, as relações de cliente, há uma clientela a ser servida. Tem uma prestação de serviço e tem um cliente.

No nosso espaço, a gente não vê assim as coisas. A gente vê de outra maneira. Você confia no trabalho do professor e auxilia esse professor a estar aqui, todas as manhãs para trabalhar.

Portanto, a mensalidade, que você colabora mensalmente, está ajudando a pagar esse professor, não tem nenhum dono vendo lucro a partir da mensalidade que você paga.

É, portanto, a melhoria do espaço educativo, para ampliar o espaço educativo, para melhorar a qualidade de trabalho do professor, enfim, tudo é cotado, para melhorar um brinquedo, criar algo...

Por exemplo, agora, a gente está dentro da pandemia esse ano, a gente não imaginou que fosse ter mais um ano de pandemia. Então tá, vamos voltar para os dias alternados, que no final do ano passado, a gente já tinha passado para vigilância sanitária, já tinha sido aprovado.

Então esse ano a gente sabia que ia trabalhar. Então, como a gente vai fazer? Bom, vamos priorizar as atividades do lado de fora da casa porque é mais seguro para todos nós, para os trabalhadores e para as crianças. O que a gente fez?

A gente construiu uma área, agora finalizando, construímos há um pouco mais de um mês, fizemos um telhado na área externa, para que a gente ficasse mais protegidos nos dias de inverno.

E que a gente mantivesse as nossas atividades do lado de fora. Nesse período de pandemia, o nosso trabalho tem sido com dias alternados, foco, a gente fica mais de duas horas do lado de fora da casa, e a gente fica menos de uma hora do lado de dentro da casa.

Isso tudo em função da pandemia. O número de crianças ele é reduzido porque a gente não pode colocar quinze crianças dentro da casa, então a gente está com oito, mas a gente poderia ter dez crianças no espaço da casa.

E, nós temos uma anuidade como qualquer escola privada, é uma anuidade que é dividida em doze parcelas no ano.

Berenice: Vocês priorizam festas?

Entrevistada: A gente tem quatro festas ao longo do ano, abertas a comunidade.

Inclusive as organizações dessas festas são feitas pelos pais junto com outras pessoas. Os pais preparam comida, bebida, a gente leva, abre a festa e inclusive vende os ingressos que é uma forma de arrecadar recursos para escola.

A gente faz sim, quatro festas. Quando você fala de festas que as escolas festejam, bom, a gente cuida de não, obviamente, quando a gente está na contramão da sociedade que tem esse propósito capitalista, econômico, como a gente não está nesse lugar, as nossas festas, as festas que a gente celebra são as festas cristãs. Isso não tem cunho religioso, isso precisa estar bem claro, não tem cunho religioso.

Pode considerar Cristo como um mito também, um grande personagem de uma história que é contada para nós. Mas isso não está na antroposofia não.

As festas cristãs são aquelas que vocês já conhecem: páscoa, são joão, celebra primavera e natal.

Vai ter na época da primavera, a gente celebra um arcanjo, que é o arcanjo Micael. Ele vai para nós no ocidente na primavera.

Berenice: A escola sempre faz essas festas, páscoa, dia da bandeira, são só essas quatro que vocês abrem para ter um contato com a comunidade, os pais virem participar?

Entrevistada: Eu falei uma coisa aqui do ocidente, mas não é isso não, é do hemisfério norte e sul. Porque a primavera aqui é uma época e no hemisfério norte é outra.

As festas são celebradas e abertas a comunidade em modo geral. Então se os nossos vizinhos quiserem participar na festa, podem vir participar da festa, pode vir conhecer a escola e ir numa festa.

As pessoas podem participar.

Berenice: É bom né, porque as pessoas vão conhecendo a pedagogia pois é fundamental e necessário as pessoas conhecerem.

Entrevistada: Isto é uma grande questão do não crescimento da gente durante a pandemia, é um pouco de questão disso, da gente não fazer eventos. Então as pessoas não nos conhecem e não vão nos conhecer.

Se a gente está fazendo eventos, as pessoas vão nos eventos e acabam nos conhecendo e podem se agradar da proposta e podem não se agradar. E é ótimo porque daí já resolve se quer matricular, aí já conhecer.

Berenice: Após a saída da criança do Guayí mirim, ela vai para o espaço formal, digamos, existe o contato dela ou dos pais com a escola?

Entrevistada: Normalmente a gente perde contato, as vezes tem famílias que não. Teve por exemplo, uma mais velha nossa que foi para o pelotense, ela ainda ficou conosco, como amiga, durante um tempo a família, mais de um ano, indo nos nossos eventos.

Berenice: Essa é outra parte legal né, porque como tem o evento, a criança está sempre sendo acolhida novamente.

Entrevistada: Isso. Agora, durante a pandemia e com a falta dos eventos, está um pouco mais difícil. Mas a gente tem um outro agora que foi para o ensino fundamental esse ano, o ano passado seria o último ano nele no Guayí, devido a gente só trabalhar dois meses no ano, aí esse ano, a gente tem um projeto de contraturma que é o de brincar no nosso quintal.

Então esse mais velho vai brincar no nosso quintal. É um projeto da tarde.

A gente acaba ficando muito amigo assim. A tendência é ficar muito amigo das famílias porque a proximidade é muito grande.

Berenice: Então o contato existe, o retorno...

Entrevistada: Aham, nós temos reuniões pedagógicas todo semestre, reuniões individuais e coletivas.

Berenice: Tu já tiveste experiência com outros espaços de educação formal e outras pedagogias? Se sim, se quiser falar sobre as diferenças, como tu compreende o Guayí Mirim e as outras escolas?

Entrevistada: Sim, eu fui professora em escola construtivista, lá em Minas, em dois períodos. E fui também professora de adulto, do EJA, também por um período bem pequeno. E trabalhei com projetos em outras escolas, projetos de biblioteca, escola cooperativa também, e nessa escola que eu trabalhei até o ensino fundamental, que era construtivista, era uma escola bem diferente das outras.

Uma escola pequena, com uma sala, então não tinha duas salas de quinto ano, tinha uma sala de quinto, de sexto, de sétimo, uma escola pequena. E um jardim de infância bem cheinho, a escola infantil era forte na escola e, nessa escola que trabalhei, como ela já era diferente nesse sentido, claro com uma gestão convencional, então eu tinha meus colegas professores, fazia prova, usava livro didático, como é numa escola convencional.

Mas eu sempre gostei de fazer um pouco diferente assim, minhas aulas sempre foram um pouco diferentes porque eu sou professora de português e literatura.

Na segunda vez que eu atuei pela escola, eu atuei como professora de português e literatura. Uma outra vez que eu atuei na escola, eu atuei com um projeto de literatura e arte.

E aí dessa vez, no último ano, antes de me mudar para o sul, foi ali que eu conheci a Pedagogia Waldorf, através de uma mãe. Daí eu tenho uma história para contar porque essa mãe, o filho dela era um aluno de quinto ano.

Era o primeiro ano dele na escola, tinha ficado na escola nova até a quarta série. Então quando ele chegou no quinto, ele era meu aluno.

E, eu apliquei uma prova de literatura, contando um ponto de realismo mágico, da Marina Tante, e esse conto tinha um cavaleiro que guerreava e estava em busca de um saco de moedas de ouro.

Só que no final do conto, o cavaleiro, depois de ter comido, guerreado, ele é atuado por outro cavaleiro e a cabeça degola até o lago. Dentro do lago, estava o saco das moedas de ouro que ele tanto buscava.

E é o conto, resumido, só para entender. Porque a mãe veio conversar comigo sobre essa degola, ela ficou muito preocupada porque o filho dela não estava acostumado com essa violência.

Ele vinha de uma escola, aonde esse tipo de cena não aparecia. Se na época eu conhecesse a Pedagogia Waldorf, eu poderia ter falado para ela, “mãe, calma, que daqui a pouco ele ainda vai conhecer outras histórias”, mas como ele era um conto que estava dentro de um livro didático para meninos de quinto ano, então não era uma escolha aleatória, eu lembrei a ela, mesmo ele estando no quinto ano, que as crianças não têm essa maldade.

As crianças ali perceberam que ele alcançou o objetivo que ele tanto buscava, o saco de moedas de ouro estava lá. A degola ali não era o que aparecia para as crianças, e sim a conquista, a vitória dele, enfim.

Ele perdeu a cabeça, mas ele alcançou. Aquela não era uma cena violenta para as crianças. E a gente conversou, eu conversei bastante com ela, mas foi muito interessante. Porque aí ela veio me contar um pouquinho da Pedagogia Waldorf. Eu fiquei bem curiosa e fui pesquisar, para saber como que era essa pedagogia.

E eu fiquei muito, muito encantada com os primeiros livros que eu li. Eu li uns livros do Chile e de uma escola da Argentina também e eu fiquei assim “gente, isso é maravilhoso, parece muito comigo”. Porque as minhas aulas estavam preenchidas, com tempo, com música, com literatura, com artes.

Eu levava minhas crianças para irem conhecer flores, eu levava minhas crianças na gráfica para irem conhecer como é feito um livro a partir de um projeto que eu fiz com eles, a partir de um livro que a gente leu.

Eu colocava música para gente ouvir e cantar junto. Minhas aulas sempre foram assim. E quando eu vi aquela prática pedagógica, eu fiquei “nossa, isso é muito parecido comigo”.

Então a sementinha da Pedagogia Waldorf, brotou em mim dentro de uma escola construtivista e através de uma família. Então ela foi um anjo aí que apareceu na minha vida e trouxe esse presente.

Porque aí depois que eu cheguei em Pelotas, no segundo ano começou um grupo de estudos aqui e eu participava.

Berenice: Então tem uma identificação né? Eu acho muito interessante a saída da sala de aula, levar as crianças para o pátio para conhecer, ver as flores, diversificar, aí não fica só aquela coisa de conteúdo ou decoreba que nem aprende.

Entrevistada: É porque a gente tem uma preocupação, Berenice, de que as coisas tenham sentido, que elas façam algum sentido na vida daquelas crianças. Então não dá para ficar reproduzindo coisas todo tempo.

Claro, você está dentro de uma escola convencional, você vai fazer, mas sempre dá para achar um jeito.

Berenice: É! A gente vai achando brechas né. Eu lembrei do meu estágio. Nossa, coitadinhos, eles ficam sentados nessas cadeiras duras.

Lembrei das minhas aulas, a arte contribui muito né, mas o professor precisa ser criativo. Eu falava “ah vamos sentar no chão para ficarmos mais próximos, conversar”, vamos fazer frottagem, hoje a aula vai ser na rua, entre outros... e ao mesmo tempo que estão aprendendo, as crianças estão correndo, fazendo atividade, com isso, não está sendo aquela coisa que fica cansativa para elas. E como tu dissestes, tem que fazer sentido para elas.

Entrevistada: Quando a gente fala dessa auto educação, e da educação infantil Waldorf, os gestos do professor de educação infantil costuma dizer isso, os gestos precisam estar plenos de sentido. Então, quando a gente vai costurar, quando a gente vai bordar, quando a gente vai cozinhar, passar uma vassoura na casa, aquilo precisa estar com muito sentido, sabe?

Você sabe aquilo que está fazendo da melhor maneira, com a melhor qualidade que tu poderes oferecer.

Berenice: Que manhã rica que fica para a criança, né?

Entrevistada: É sim, para ela e para nós.

Berenice: Agora vamos falar de Artes. Considerando que ela está imbricada nas propostas, então eu pergunto: pensando a arte, como relacionam as práticas pedagógicas do jardim de infância com as atividades artísticas?

Entrevistada: O Steiner também fala isso para gente, que a gente precisa para ser um professor, precisa ser um artista da educação. Um artista é essa pessoa que olha para si, olha para o mundo e olha para si mesmo e cria a partir disso que ele está vendo e agindo. Então com a relação da criança não pode ser diferente também, é um outro ser humano que está em desenvolvimento e precisa que interajam com ele.

E com eles todos. As Artes dentro da educação infantil, trabalhamos o desenho livre, a música que é constante, a contação de história, o teatro de mesa, as brincadeiras de mão.

Berenice: Quer falar um pouco sobre as brincadeiras de mão?

Entrevistada: As brincadeiras de mão são essas que a gente faz na frente da criança contando alguma história, ou fazendo algum gesto.

Berenice: Eu acho muito legal que vocês abordam o desenho livre porque quando a gente chega na escola, a gente das Artes, tenta desconstruir essa questão do desenho estereotipado, que a paisagem tem aquela montanha, casinha, o sol e árvore.

Já vi professores dizendo também, que a fruta é vermelha, a copa da árvore é verde, o caule é marrom. Eu fiz uma aula desconstruindo isso com as crianças porque não é assim que funciona, elas precisam compreender por meio da visualidade. A minha ideia foi criar uma árvore coletiva em uma grande folha para que elas pudessem criar e brincar livremente naquela criação.

Então elas perguntam que cor é a copa e aí eu falo, pensa na copa da árvore perto da sua casa ou de alguma árvore do caminho e cria a partir dela, para não limitar a criança. E o desenho livre é isso, deixar a criança criar livremente sem criar rótulos.

Entrevistada: E a gente oferece também a aquarela para os maiores porque aquarela é aguada. Aí só os maiores de três anos e meio que fazem.

Berenice: Aí, eles devem adorar. Eu faço folhas em aquarelas, as folhas que acho no chão e que vão se decompondo, está faltando pedacinhos já, aí eu pinto aquelas folhas.

E a atividade da aquarela é um desligar-se de tudo.

Se quiser complementar, pode complementar.

Entrevistada: É, essas atividades também tem um dia certo de acontecer na semana. Elas não são aleatórias, elas sempre acontecem num mesmo dia da semana. E tem uma outra arte que a gente faz bastante que é caminhar.

Berenice: Isso é muito importante. Temos artistas na Arte que fazem a arte do caminhar. Não sei se tu conheces o Careri, ele ia vir até para Pelotas agora, mas com a pandemia não sei como ficou. E ele faz o caminhar como prática artística.

Entrevistada: O caminhar, normalmente a gente faz o mesmo trajeto de caminhada com eles. Agora que a gente está ali no Porto, a gente vai até o quadrado, observa os barcos, a ponte, a gente vê os caminhos, senta um pouquinho, contempla, depois volta.

Berenice: Eles passam no centro de artes então?

Entrevistada: Isso, eles adoram aquelas pinturas, adoram!

Berenice: Agora vou falar de pandemia. Pensando a pandemia de 2019, como afetou as escolas e as atividades desenvolvidas com os alunos? E aí, se tu quiser falar do período quando não tinha pandemia, que está afetando visivelmente.

Entrevistada: Então, a gente tinha acabado de se mudar de casa. Tinha saído dos três venda e tinha vindo para o Porto. Fez a reforma da casa e abrimos no início de fevereiro, na primeira semana de fevereiro já estávamos com a casa pronta para receber as crianças, só o pátio externo que não tinha nenhuma obra nele, só ajustamos o que era possível com os brinquedos que a gente tinha.

Ficou muito lindo assim mesmo. E a gente se mudou, e quarenta dias depois, nós paramos por causa da pandemia.

E aí foi bem difícil porque a conquista que a gente tinha tido com novas famílias, com a chegada de novas famílias, elas foram saindo aos poucos. E nós chegamos ao final do ano de dois mil e vinte com quatro famílias só.

Mas nós trabalhamos, fazendo movimentos levando temas que a gente achava que era importante, e levamos isso para live.

Então nós fizemos um projeto no primeiro semestre chamado “construindo pontes”, e nesse projeto então, a gente levou temas que a gente achava que seria importante para os pais, sobretudo nesse momento, que foi bem no início da pandemia, estavam em casa. Que estavam descobrindo esse espaço da casa, redescobrando esse espaço, enfim.

E no segundo semestre a gente fez o ciclo de palestra, que normalmente é um evento que a gente faz todo ano e, ano passado, a gente fez um evento bem grande, bem maior do que a gente está acostumado porque ele foi online. Então a gente pode trazer mais convidados para o evento.

Berenice: É, tem essa vantagem do online.

Entrevistada: Então por um lado é isso né, por um outro funcionou. E quando foi outubro, a gente decidiu fazer algumas atividades. Então a gente trabalhou alguns dias na semana em outubro e novembro e meio de dezembro.

A gente também fez um material mensal que a gente enviava para as crianças, então ia brinquedo, ia natureza dentro do pacotinho. Nós fizemos duas festas que foram também dentro do pacotinho, a festa de são joão e a festa da primavera. Todos os elementos da festa, a gente quis colocar dentro do saquinho, ia junto. Funcionou assim.

Sustentou a gente, manteve a gente aceso, quentinho.

Berenice: E nesses eventos, que vocês fazem, as lives são mais destinadas aos pais ou as crianças também participam?

Entrevistada: Não, não é a ideia. A gente não produzia nada para as crianças online. Nós produzimos um teatro de mesa e uma brincadeira de mão que a gente fez com as portas abertas, que é um evento que a gente faz quando está com matrículas abertas e também, estamos fazendo ele online. E também é um material que a gente apresenta para quem participar.

E porventura se a criança tiver, bueno, ela pode ver aquilo. Não é uma coisa voltada para crianças, mas ela pode ser para a criança.

Berenice: Para as crianças então, foi desenvolvido o material que foi enviado, inclusive as festas?

Entrevistada: Isso que aí é um material físico mesmo né, ela pega, sente cheiro. A educação infantil, outra coisa que a gente não falou, é que a gente precisa promover para as crianças experiências sensoriais, algo que ela realmente sente com o próprio corpo.

Então, não faz sentido nenhum para nós fazer vídeos de material que a criança vai acessar.

Berenice: Última pergunta é sobre o Minijardim. Se tu conheces e se identificas alguma similaridade com as práticas da escola?

Lá a gente desenvolve oficinas de kokedama (suporte sustentável de plantinha), cria em argila, valoriza as relações afetivas. A gente fez sabão para reaproveitar, oficina de esmalte de cinzas. A gente prioriza muito lá o contato com o outro, criar livremente.

Os três pilares do Minijardim são: criar em cerâmica, trocar conhecimentos sobre botânica e valorizar as relações afetivas. O grupo é afetivo, a gente tenta sentar todos em volta da mesa, todos se olham, tem o momento do pão que eu faço para a gente compartilha o café com todos do grupo, existe também a troca de plantas, quem tem pode dar para quem não tem. Não existe um que sabe, todos sabem, todos ensinam e compartilham seu conhecimento com o outro.

A gente faz essas oficinas voltadas para o aprender coletivo, tem até oficina do pão quando o pessoal quer aprender a fazer.

Acho importante a gente produzir o nosso alimento e compartilhar com quem ainda não aprendeu a desenvolver.

Entrevistada: Eu acho também.

Voltando ao Minijardim, sinto que dialoga muito com as práticas da escola, do espaço de educação, você concorda?

Entrevistada: Sim, você está nesse lugar do afeto, do fazer, da troca com o outro. Certamente!

Entrevistada: É, não é fácil sobreviver ao online. Não é, mas a gente vai conseguir. Depois a gente recupera esse aí.

Berenice: Tu achas que tem mais alguma coisa importante que não te perguntei?

Entrevistada: Na verdade, assim, eu falei de tudo um pouco, talvez algumas coisas eu deveria aprofundar um pouco mais. Mas para este momento eu acho que está bem, aí se você tiver escrevendo e ficar com mais alguma dúvida e quiser me enviar, eu te respondo.

Berenice: Eu agradeço! Obrigada por esse acolhimento!

Entrevistada: A gente fica feliz em saber que tem artistas querendo saber mais do Guayí, que a gente serve de incentivo para as pessoas, a gente precisa mobilizar mesmo os espaços educativos, fazer mais livres, mais artísticos, mais humanos.

Foi um prazer te conhecer, Berê, qualquer coisa você me chama. Boa sorte aí na sua escrita! E manda um abraço para a Cláudia por mim também.

Berenice: Tá bem.

Entrevistada: Assim que a gente puder receber uma visita, depois a gente agenda para vocês poderem ir lá também.

Berenice: Eu gostaria!

Entrevistada: Então beleza. Beijos!

Apêndice F – Entrevista com membro 1 do Grupo Minijardim - 2021

Entrevista realizada via rede social privada do Grupo Minijardim, 2021.

Questão:

A ausência do contato com o barro e a prática do Ateliê de Cerâmica, como conversar com os colegas, as ações coletivas que o grupo realizava, entre outras ações que te levavam semanalmente ao encontro. Como esse apagamento/falta dessas atividades está atingindo a tua vida cotidiana?

(Considerando, é claro a pandemia)

A ausência do espaço atelier e o que envolvia me deixou, no início, preocupada em como iria seguir com meu trabalho. Depois de quase 4 (quatro) anos frequentemente indo ao atelier e convivendo com as pessoas que também usufruíam do espaço coletivo me senti perdida quando a limitação me acometeu. Sob a necessidade de adaptação parei de trabalhar com argila. Não tinha espaço para as peças e nem como finalizá-las. O que parecia real e possível virou um sonho distante, me vi afastando da arte, do barro, de toda a gente.

Estar distante e se ver de fora fez parecer que não pertencia tanto àquele lugar quanto imaginava. Depois de mais de 1 (um) ano não me vejo voltando lá, nem produzindo para a venda e dedicando meu tempo e vida para a cerâmica. As necessidades básicas e o "vazio" me fizeram trocar de caminho. Quando penso na argila e quando consumo algo em peças utilitárias que fiz com minhas próprias mãos só consigo pensar que gostaria de tornar aquela experiência em um hobby no futuro. Hoje, precisando utilizar meu tempo para o sustento do corpo, não só o intelecto, não sinto mais a conexão que sentia antes. A cerâmica tem o próprio tempo, assim como tudo e todos tem tempos únicos. E no agora a cerâmica virou lembrança, na qual só quero voltar no futuro.

Apêndice G – Entrevista com membro 2 do Grupo Minijardim - 2021

Entrevista realizada via rede social privada do Grupo Minijardim, 2021.

Questão:

A ausência do contato com o barro e a prática do Ateliê de Cerâmica, como conversar com os colegas, as ações coletivas que o grupo realizava, entre outras ações que te levavam semanalmente ao encontro. Como esse apagamento/falta dessas atividades está atingindo a tua vida cotidiana?

(Considerando, é claro a pandemia)

Acho que a questão traz duas perguntas diferentes, mas encadeadas. Primeiramente, embora não esteja utilizando o ateliê, ainda estou em contato com o barro. Sigo modelando, pensando e acompanhando o tempo da argila e fazer isso dentro de casa tem sido encantador, pois além da prática quase meditativa, (tenho dito que faço comfortably pottery em alusão à comfortably food), estar em casa me permite estar em contato com as peças durante todo o processo de secagem. Essa proximidade com o processo tem me permitido aprender muito sobre a modelagem, e as diferentes possibilidades de criação durante os diferentes pontos do barro...

Muito embora esteja entendendo o processo de modelagem como algo mais íntimo, de cura mesmo, evidentemente que a prática coletiva em ateliê tem deixado largas saudades. Sinto muita saudade de uma certa pedagogia do coletivo, onde uma aprende com a outra, soma, reinventa, pega a ideia e transforma, já vira outra coisa, conversa, dá uma risada, faz um lanche. Penso que esse lado, relacional da cerâmica e criativo têm me sido muito saudoso. A expectativa pela peça da outra, a curiosidade...

Embora tenha feito modelagem em casa, parece que tenho feito sempre peças iguais, quase como jogos que trabalham uma memória do movimento, mas são pouco inventivos. Além dessa criatividade relacional, tenho sentido muita falta das queimas e esmaltações conjuntas, de processos que de fato fazem a alquimia que transforma o barro em cerâmica. Embora ainda estejamos fazendo algumas queimas, vez ou outra, a alegria conjunta de abrir um forno e a celebração de novas peças, como novas criações para o mundo não é mais uma partilha.

Apêndice H – Entrevista com membro 3 do Grupo Minijardim - 2021

Entrevista realizada via rede social privada do Grupo Minijardim, 2021.

Questão:

A ausência do contato com o barro e a prática do Ateliê de Cerâmica, como conversar com os colegas, as ações coletivas que o grupo realizava, entre outras ações que te levavam semanalmente ao encontro. Como esse apagamento/falta dessas atividades está atingindo a tua vida cotidiana?

(Considerando, é claro a pandemia)

Com a pandemia, veio a reclusão. Moro sozinha e sou do grupo de risco, então passei seis meses sem sair de casa para nada. Minha filha fazia as compras para mim e as deixava na porta. Foi muito difícil ficar sem um contato humano. E as oficinas de cerâmica ofereciam isso, além de todo aprendizado com o barro.

Comprei argila para trabalhar nesse período, mas não consegui produzir nada. Faltava o encontro, as trocas de ideias, as conversas.

Com a proposta de fazer um minijardim efêmero para a exposição virtual, percebi como foi difícil, tomar a atitude de começar. Fui deixando para fazer nos últimos dias e quando comecei, me dei conta que meu corpo resistia ao fazer da cerâmica. É como se toda a memória muscular estivesse apagada.

É preciso recomeçar. Refazer essas memórias corporais e retornar ao trabalho o mais rápido possível, antes que nosso corpo se esqueça de como trabalhar o barro.

Apêndice I – Entrevista com membro 4 do Grupo Minijardim - 2021

Entrevista realizada via rede social privada do Grupo Minijardim, 2021.

Questão:

A ausência do contato com o barro e a prática do Ateliê de Cerâmica, como conversar com os colegas, as ações coletivas que o grupo realizava, entre outras ações que te levavam semanalmente ao encontro. Como esse apagamento/falta dessas atividades está atingindo a tua vida cotidiana?

(Considerando, é claro a pandemia)

Devido a pandemia todos os encontros ficaram suspensos, só que não sabíamos que seria por um longo tempo. O encontro, mesmo que semanal, no ateliê da cerâmica sempre foi de momentos muito importantes para o corpo e a mente de todos nós. O manuseio com argila, as trocas de informações, os pitacos que vamos dando na criação de cada peça é o que mostra como nosso grupo era extremamente unido e importante para as relações pessoais de todos. Esse é o grande desafio dessa pandemia, aproximar as pessoas mesmo longe.

Apêndice J – Entrevista com membro 5 do Grupo Minijardim - 2021

Entrevista realizada via rede social privada do Grupo Minijardim, 2021.

Questão:

A ausência do contato com o barro e a prática do Ateliê de Cerâmica, como conversar com os colegas, as ações coletivas que o grupo realizava, entre outras ações que te levavam semanalmente ao encontro. Como esse apagamento/falta dessas atividades está atingindo a tua vida cotidiana?

(Considerando, é claro a pandemia)

Eu sinto muiiita falta, adorava ir p lá p fazer trabalhos, aprender coisas novas, compartilhar convivência, problemas, alegrias, q não eram pouco!!!

Nossos chima eram sempre mais gostosos do q os de casa, bah então os nossos cafés, era uma festa de comilança e risadas.

Assim como falaste eu tb estou mais ansiosa, tb por tudo q estamos passando, não está fácil, eu perdi várias pessoas da família, amigos... e acho q estamos mais sensíveis, eu q sou uma pisciana nem se fala!!!

Tb os nossos abraços onde a demonstração de carinho, afeto era muito grande!!! Sempre me senti muito acolhida, novas amizades, conhecimentos de várias vivências, tudo maravilhoso!!!

Qdo vou lá pegar as coisas com o Damé dá uma tristeza misturada com saudade, na verdade queria q todos estivessem lá p abraçar, beijar, gargalhar....

Nosso happy hours sempre muito alegre-se sempre festejando, nossos nívers, amigo secreto, festa de São João!!!

Bah só lembranças boas e com grande vontade q retorne nossos encontros.

Apêndice K – Entrevista com membro 6 do Grupo Minijardim - 2021

Entrevista realizada via rede social privada do Grupo Minijardim, 2021.

Questão:

A ausência do contato com o barro e a prática do Ateliê de Cerâmica, como conversar com os colegas, as ações coletivas que o grupo realizava, entre outras ações que te levavam semanalmente ao encontro. Como esse apagamento/falta dessas atividades está atingindo a tua vida cotidiana?

(Considerando, é claro a pandemia)

A ausência das atividades relacionadas à prática no Ateliê de Cerâmica estão me atingindo diariamente. Percebo que ando tensa, agitada e sem paciência para resolver as coisas que antes eu resolvia com muito cuidado e atenção. Esse longo tempo distante do ateliê em que estamos atravessando por conta da pandemia, me faz pensar com saudade de tudo aquilo que vivenciamos coletivamente. Minuciarei as saudades:

Saudades de me perder no barro, ou de deixar que ele se perca em mim

Saudades de sentar em torno da mesa somente para sentir a textura do barro e deixar que ele atue de forma terapêutica sobre o meu corpo, meus pensamentos e minha vida

Saudade de ver as pessoas, de dar e receber carinho em forma de beijo, abraço e olhar

Saudade das oficinas de troca de mudas de plantas que eram repletas de verde, vida e alegrias

Saudade das conversas afetuosas que deixavam o coração quentinho e sorridente

Saudade do cheiro do ateliê que entrava de uma forma mágica no meu corpo e me transportava para lugares e memórias da minha infância

Saudade do café coletivo que ganhava um tempero de argila e era carregado de sentimentos de coletividade

Saudade da energia mágica do ateliê que nos abastecia para batalhar os outros dias da semana

Saudade do zum - zum do misto de conversas paralelas

Saudade do chimarrão coletivo que se perdia de tantas voltas que fazia em torno das mesas durante a tarde

Saudade das queimas, da surpresa que gera uma peça depois da ida ao forno

Saudade de aprender algo novo, de trocar conhecimento sobre o barro, as plantas

Saudade das relações afetivas

Saudade de dar tchau sabendo que teria um próximo encontro.

Apêndice L – Entrevista com membro 7 do Grupo Minijardim - 2021

Entrevista realizada via rede social privada do Grupo Minijardim, 2021.

Questão:

A ausência do contato com o barro e a prática do Ateliê de Cerâmica, como conversar com os colegas, as ações coletivas que o grupo realizava, entre outras ações que te levavam semanalmente ao encontro. Como esse apagamento/falta dessas atividades está atingindo a tua vida cotidiana?

(Considerando, é claro a pandemia)

O mais importante no ateliê de cerâmica não é a cerâmica, que é simplesmente e magicamente o barro que se torna duro e resistente por conta do calor de resistências elétricas, mas sim o convívio com pessoas diferentes.

Esse convívio é quase como o calor do forno, o convívio e por consequência as trocas, geram um calor que torna duradoura e resistente as relações. O ateliê de cerâmica é um lugar povoado, sem nenhuma dúvida posso dizer que é o espaço mais livre do Centro de Artes, é um ponto de encontro por excelência. Antes a pandemia eu frequentava o ateliê em horários e dias diferentes e por isso me encontrava com diferentes alunos e outras pessoas que frequentam os projetos de extensão e são esses encontros que me fazem falta urente esse momento de pandemia, como eu continuo praticando cerâmica na minha casa o contato com o barro não me faz falta, apenas o encontro com as pessoas.